

UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

A VIOLÊNCIA E A IMAGEM DO RIO DE JANEIRO  
NAS TELENOVELAS DAS 20H DA REDE GLOBO

Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação  
- Internet e Novas Mídias

Por

Rodrigo Stafford Barcellos de Moraes

Faculdades de Ciências Humanas

Setembro de 2018



UNIVERSIDADE  
CATÓLICA  
PORTUGUESA

A VIOLÊNCIA E A IMAGEM DO RIO DE JANEIRO  
NAS TELENOVELAS DAS 20H DA REDE GLOBO

Dissertação de Mestrado apresentado à Universidade Católica Portuguesa para  
obtenção do grau de mestre em Ciências da Comunicação  
- Internet e Novas Mídias

Por

Rodrigo Stafford Barcellos de Moraes

Faculdades de Ciências Humanas

Sob orientação de Catarina Duff Burnay

Setembro de 2018

## Resumo

A telenovela está no cotidiano da sociedade brasileira. É hábito as famílias sentarem juntas e assistir as telenovelas. A cultura de escutar uma história começa quando pais e mães leem fábulas para crianças. Passou para as rádio-novelas no início do século XX. Desde a primeira vez que chegou nas televisões, ainda na década de 1950, as telenovelas lançam tendências e buscam refletir o brasileiro e sua forma de viver. No entanto, existe uma barreira sobre a violência urbana que assolou o país, principalmente nas décadas de 1980 e 1990.

Por diversos motivos, a violência urbana não era mostrada até que um tiro no bairro do Leblon quebrou essa barreira. Em *Mulheres Apaixonadas* (2003), um tiroteio mostrou o que os cariocas já viviam há quase duas décadas.

A presente investigação busca responder até que ponto a violência nas telenovelas afeta a imagem da cidade, no caso de *Mulheres Apaixonadas* o Rio de Janeiro a partir de uma análise sobre a evolução do formato até a importância das telenovelas quanto narrativa sobre a Nação (Lopes, 2003). Além de tentar responder essa pergunta é importante entender o contexto histórico de como começou a violência na cidade e o porquê de as telenovelas, que buscam ser um reflexo da vida cotidiana, terem demorado tanto a espelhar a violência brasileira, em especial a do Rio de Janeiro.

Palavras-chave: Telenovela, Globo, violência, imagem, *Mulheres Apaixonadas*

## Abstract

The telenovela is inserted in daily life of Brazilian society. It is habit for families to sit together and watch telenovelas. The culture of listening to a story begins when parents read fables for children. He switched to radio-novelas in the early twentieth century. Since the beginning of telenovelas on television, in the 1950s, they launched trends and sought to reflect the Brazilian and his way of life. However, there has been a barrier about urban violence that plagued the country, especially in the 1980s and 1990s.

For various reasons, urban violence was not shown until a shot in the Leblon neighborhood broke this barrier. In *Mulheres Apaixonadas* (2002), a shootout showed what who lives in Rio de Janeiro had lived for almost two decades.

The present investigation seeks to answer the extent to which violence in telenovelas affects the image of the city, in the case of *Mulheres Apaixonadas* in Rio de Janeiro from an analysis of the evolution of the format to the importance of telenovelas and narrative about the nation (Lopes, 2003). In addition to trying to answer this question, it is important to understand the historical context of how violence began in the city and why telenovelas, which seek to be a reflection of everyday life, have taken so long to reflect Brazilian violence, especially Rio de Janeiro.

Keywords: telenovelas, image, violence, culture, *Mulheres Apaixonadas*

## Agradecimentos

Não seria possível terminar esta etapa sem o apoio da minha mulher Hérica Marmo, amiga, companheira e, disparadamente, a melhor pessoa que conheço.

Agradeço também aos familiares, além dos amigos Alexandre Addor, Pedro Carvalho, Alexandre Mascarenhas e Jorge Mendes por todo suporte afetivo e tecnológico nesta jornada, assim como do apoio psicológico dos não menos importantes Marcelo Albuquerque, Mariana Vilela, Nathalia Stocco - que não é parente de Janete Clair, Raphael de Oliveira e Ana Fiedler pelos preciosos contatos e enorme ajuda.

Ainda recordo o incentivo de muitos como Fernando Faria, Raul Melo Neto, Flavio Almeida, Carla Bittencourt, Erik Marmo, Leonardo Ferreira, Marcelle de Carvalho.

## Índice

1.Introdução	12
2. Breve histórico da telenovela no Brasil	15
2.1 As telenovelas da Rede Globo	20
2.2 A violência na telenovela	27
2.3 A função social da telenovela	43
2.4 A telenovela e as redes sociais	50
3. A origem da violência no Rio de Janeiro	56
3.1. Histórico da violência no Rio de Janeiro	60
3.2 Números da violência no Rio de Janeiro	65
4. A imagem do Rio de Janeiro nas telenovelas	74
5. Metodologia	96
6. Relação criminalidade x telenovela	99
6.1 A violência da telenovela das 20h entre 2003 e 2018	101
6.2 <i>Cidade de Deus</i> e o sucesso da violência na tela	110
7. Telenovela <i>Mulheres Apaixonadas</i> , um divisor de águas	115
7.1 O merchandising social	117
7.2 O “assassinato” que parou o Rio de Janeiro	120
7.3 Outros tipos de violência em <i>Mulheres Apaixonadas</i>	125

8. Conclusão	130
9. Bibliografia	134
10. Anexos	139
10.1. Anexo 1	139
10.2. Anexo 2	141
10.3. Anexo 3	143
10.4. Anexo 4	145
10.5. Anexo 5	147

## Índice de figuras

Figura 1 - O Jornal O Globo de 25 de abril de 1966 sobre financiamentos estrangeiros	22
Figura 2 - O Jornal O Globo de 7 de julho de 1971 sobre o fim da parceria	24
Figura 3 - O assassinato de Heloisa em <i>Anos Rebeldes</i>	31
Figura 4: O ator Raul Gazolla, viúvo de Daniela Perez se emociona no enterro	36
Figura 5: A favela fictícia da Portelinha em <i>Duas Caras</i>	39
Figura 6: Juliana Paes interpretou Bibi Perigosa em <i>A Força do Querer</i>	41
Figura 7: O Rio de Janeiro do século XIX	57
Figura 8: O ator Mario Lago em <i>A Sombra de Rebecca</i>	75
Figura 9: A morte de Carlão em <i>Pecado Capital</i>	79
Figura 10: A banana de Marco Aurélio em <i>Vale Tudo</i>	82
Figura 11: Pedra sobre Pedra teve a maior cidade cenográfica até então	85
Figura 12: Gravações em Marrocos para <i>O Clone</i>	87
Figura 13: A violência em <i>A Força do Querer</i>	89
Figura 14: A telenovela <i>Vidas Opostas</i> , da TV Record	103
Figura 15: Revolta das Chibatas em <i>Lado a Lado</i>	104
Figura 16: Bibi Perigosa, a personagem que subiu o morro atrás do marido traficante	107
Figura 17: As fantasias de Comendador no Carnaval do Rio de Janeiro	108
Figura 18: O filme <i>Cidade de Deus</i>	111
Figura 19: O personagem Dadinho assassina uma pessoa	113

Figura 20: A professora alcoólatra	118
Figura 21: Público acompanha tiroteio no Leblon	121
Figura 22: A personagem Fernanda é baleada no Leblon	122
Figura 23: Passeata pelo desarmamento com artistas, políticos e população na Praia de Copacabana	124
Figura 24: Agressão a personagem Raquel por seu marido	126
Figura 25: Casal de idosos que é maltratado pela neta	127

## Índice de tabelas

Tabela 1: As primeiras telenovelas das 20 horas e a busca pela fórmula de sucesso	21
Tabela 2: A violência em telenovelas das 20 horas da década de 1970	29
Tabela 3: A violência em telenovelas das 20 horas da década de 1980	32
Tabela 4: A violência em telenovelas das 20 horas da década de 1990	34
Tabela 5: A violência em telenovelas das 20 horas da década de 2000	36
Tabela 6: A violência em telenovelas das 20 horas da década de 2010	39
Tabela 7: As telenovelas e as audiências na era das redes sociais	52
Tabela 8: A população do Rio de Janeiro em 1808 e 1821	57
Tabela 9: Número de homicídios violentos no Rio de Janeiro na década de 1990	67
Tabela 10: Número de homicídios violentos no Rio de Janeiro na década de 2000	69
Tabela 11: Número de homicídios violentos no Rio de Janeiro na década de 2010	70
Tabela 12: Armas apreendidas no Rio de Janeiro entre 2007 e 2017	72
Tabela 13: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 1960	77

Tabela 14: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 1970	78
Tabela 15: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 1980	81
Tabela 16: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 1990	83
Tabela 17: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 2000	86
Tabela 18: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 2010	88
Tabela 19: Relação turistas-violência na década de 1990	92
Tabela 20: Relação turistas-violência na década de 2000	93
Tabela 21: Relação turistas-violência na década de 2010	94

## 1. Introdução

O mundo das telenovelas é fascinante. Ao mesmo tempo que parece tão distante, como em um passe de mágica aborda temas cotidianos em que muitas pessoas se identificam. Ou por conhecer alguém que já viveu, ou por ter vivido algo do tipo. No entanto, um tema recorrente no Brasil e, principalmente, no Rio de Janeiro demorou bastante a ser retratado nas telas: a violência.

A partir disso surgiram as questões de por que a violência demorou tanto a ser abordada nas telenovelas e se sua representação provoca algum tipo de dano nas imagens das cidades retratadas. “A Violência e a Imagem do Rio de Janeiro nas telenovelas da Rede Globo” mostra isso.

O nosso projeto está dividido em oito capítulos. No primeiro vem a introdução. No 2 e 3, a intenção é entender a origem. Do início das telenovelas do Brasil e, principalmente da Rede Globo e sua primeira grande mudança a partir do sucesso de *Beto Rockfeller* (Tupi, 1968) em uma emissora rival. Os enquadramentos conceituais e teóricos caminham juntos como ponto de partida para todo o projeto.

Lopes (2003) ajuda a mostrar como as telenovelas refletem o Brasil com costumes e situações cotidianas sendo retratadas. Já, Prado (1987) discorda desta linha ao dizer que “a gente só aprende o que pode, só entende o que é possível entender, só retém, o que faz algum sentido para nós” para em seguida falar da imposição dos padrões culturais que não são recebidos da forma desejada. Mas De Andrade (2003) crê que as telenovelas ajudam na mudança dos padrões da sociedade. Na parte da violência, o segundo capítulo explica como a violência sempre esteve ligada ao Rio de Janeiro e não começou agora. Desde a

chegada da família real portuguesa ainda no século XVIII, o Rio de Janeiro tem problemas com o tema

Em seguida, no capítulo 4, a ideia é mostrar como a imagem do Rio de Janeiro está ligada às telenovelas desde a década de 1970 e como o cenário carioca se confunde com as telenovelas ao longo de 50 anos. Foi criada uma tabela para entender como o Rio de Janeiro se tornou o maior cenário de telenovelas do Brasil. A cidade teve 53% das produções de telenovelas do horário nobre<sup>1</sup>, seguida por cidades fictícias (15,9%), cidades fora do Brasil (13,8%) e São Paulo (12,7%). Prysthon (2008) entende que essas cidades são estereótipos das cidades verdadeiras, idealizações urbanas.

A metodologia vem a seguir no capítulo cinco. A parte empírica está a partir do capítulo 6 cruzando a criminalidades com as telenovelas, Castelló (2003) aponta que os estudos sobre violência são apenas quantificadores, mas Motter (1998) crê que as telenovelas mostram o cotidiano de modo abrangente, assim como Lopes (2009) que vê na veracidade das experiências telenovelísticas um fator chave para o público gostar das produções.

A telenovela *Mulheres Apaixonadas* (2003) é um estudo de caso no capítulo sete a seguir por ser a pioneira a mostrar a violência urbana no Rio de Janeiro. A cena do tiroteio no Leblon entrou para a galeria de grandes cenas das telenovelas brasileiras e chocou parte da população por mostrar como as coisas acontecem até nas áreas nobres da Cidade Maravilhosa através de entrevistas com jornalistas e atores, além de mostrar ações de merchandising social feitas pela telenovela. Além disso, o capítulo mostra como *Mulheres Apaixonadas* (2003) rompeu a barreira de mostrar a violência urbana.

A partir disto, é possível concluir a importância da telenovela na vida cotidiana brasileira e, especificamente, de *Mulheres Apaixonadas* (2003) na inserção de uma realidade mais

---

<sup>1</sup> O somatório totaliza mais de 100% porque algumas produções tiveram mais de uma cidade cenário

próxima ao telespectador. É justo afirmar ainda que quanto mais tramas cotidianas são expressadas nas telenovelas, mais isso reflete na imagem do Brasil fora dele, já que as telenovelas são produtos exportados para uma parte grande do mundo, porém é difícil afirmar o tamanho do impacto em termos de imagem e turismo.

## 2. Breve histórico da telenovela no Brasil

A indústria cultural televisiva brasileira encontrou sua grande força quando decidiu investir no que fascinava seus habitantes: a ficção, por meio das telenovelas. Desde o primeiro momento, a telenovela cativou o público no Brasil que, pressuposto, já tinha o hábito de aguardar os seus personagens favoritos anos antes mesmo da primeira edição *Sua Vida Me Pertence*<sup>2</sup> (1951), na TV Tupi.

Ainda nos anos 30, famílias esperavam a hora certa em frente ao rádio para escutar as rádio-novelas, um sucesso desde sua primeira<sup>3</sup> exibição. Com o passar dos anos, a entrada da Rede Globo de Televisão no segmento foi fundamental para o crescimento econômico das telenovelas, que se tornaram produtos valiosos, de qualidade dos produtos a serem oferecidos e ainda com um aumento quantitativo de produções, visto que a Rede Globo tem uma média de pelo menos seis novas telenovelas por ano sem contar com as minisséries. Isso faz da telenovela brasileira uma marca internacional de cultura, indústria e negócio, com modelo sendo exportado para mais de 130 países, incluindo lugares com pouca similaridade cultural, social e política com o Brasil como Ucrânia, Moçambique, Sri Lanka, Namíbia, Bulgária, China.

A telenovela da Rede Globo se tornou uma referência fora do país e suas tramas e personagens fazem sucesso em povos de culturas completamente distintas. Em Angola, país que tem a língua nativa o português como no Brasil, a influência das telenovelas ultrapassou apenas a relação com espectador e mostrou um pouco da cultura brasileira,

---

<sup>2</sup> Traduzida e dirigida por Walter Foster, “Sua Vida me Pertence” foi a primeira novela brasileira foi produzida sem videotape em 15 capítulos entre 21 de dezembro de 1951 a 2 de fevereiro de 1952

<sup>3</sup> A primeira radionovela brasileira foi “Em Busca da Felicidade”, exibida em julho de 1941

gostos, músicas - através das trilhas sonoras.

A atriz angolana Edusa Chindecasse contou um pouco dessa influência em entrevista à TV Brasil<sup>4</sup>. “No fim dos anos 90, surgiram os primeiros projetos de novelas em Angola, influenciados pelas produções brasileiras. Até mesmo porque os profissionais brasileiros eram quem formavam os atores do país”.

A influência das telenovelas brasileira em Angola foi tamanha que o principal mercado<sup>5</sup> do país era chamado de Roque Santeiro por causa da telenovela brasileira, que fez muito sucesso no país. Em 2010, o mercado a céu aberto foi fechado pelo governo. Em 2016 - mais de 29 anos após sua primeira exibição no Brasil - a trama foi repetida no país.

A televisão, em especial a telenovela, se tornou parte da cultura brasileira desde sua primeira edição e cada vez mais se aproximou do cotidiano da população. O assunto telenovela é discutido em bares e restaurantes, muitas vezes com a mesma intensidade do futebol, esporte favorito dos brasileiros. Muito da linguagem da sociedade brasileira passa pelas telenovelas com gírias que se incorporam quase que automaticamente à linguagem.

Kehl (1987) afirma que a principal característica da linguagem da telenovela é a eliminação de qualquer forma de estranhamento para provocar no telespectador a familiaridade com as mensagens da televisão. Kehl ainda completa que o processo com o qual isso é feito tem um duplo mecanismo de identificação e projeção, os quais ela considera esquemas identitários falidos, do receptor em relação à mensagem.

---

<sup>4</sup> <http://tvbrasil.ebc.com.br/novela/windeck/post/novelas-brasileiras-estao-no-cotidiano-de-angola>

<sup>5</sup> <http://www.redeangola.info/roque-santeiro-voltou-ser-exibida-em-angola/>

Podemos citar como exemplo a telenovela *O Clone* (2001), o personagem Dona Jura criou o bordão “Não é brinquedo, não”, instantaneamente incorporado ao linguajar popular até os dias de hoje. As telenovelas invadem os lares com temáticas diversas em sua narrativa exemplificando diferentes comportamentos para a sociedade com o passar dos anos.

A telenovela ainda tem um forte papel educativo para com a sociedade, visto que produções de época e adaptações de romances de autores reconhecidos internacionalmente como Eça de Queiroz, Jorge Amado, Machado de Assis entre outros levam história e cultura, respectivamente, para a população, massificando como nenhuma outra plataforma no Brasil é, por enquanto, capaz.

Segundo o Censo Governamental <sup>67</sup>(2014), 97,1% das casas brasileiras possuem televisores, número próximo aos de geladeira. Isso mostra o crescimento econômico do país nas décadas de 90 e 2000, e a crescente paixão do brasileiro pela televisão, ávido com as mudanças tecnológicas dos aparelhos, que nesta época começaram a deixar o formato de tubo, também conhecido como quadrado, para o atual formato retangular das *smartvs*.

A importância da televisão brasileira começa a ser reconhecida em maior escala a partir dos anos 1960 com a criação de inúmeras emissoras nas regiões Sul, Sudeste e Nordeste do Brasil. A televisão é vista como o futuro das telecomunicações e o então presidente Juscelino Kubitschek é um entusiasta da novidade e inclui a existência de aparelhos em casa no Censo Governamental de 1960<sup>8</sup>. Além disso, várias emissoras como TV Brasília e TV Alvorada são inauguradas quase que concomitantemente com a criação da nova capital

---

<sup>6</sup> <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000024052411102015241013178959.pdf>

<sup>7</sup> O Censo Governamental de 2014 é o mais recente do país.

<sup>8</sup> <http://memoria.ibge.gov.br/sinteses-historicas/historicos-dos-censos/censos-demograficos>

do Brasil.

Simões (1985) relata que, com o objetivo de estimular o crescimento de telespectadores, uma verdadeira campanha publicitária começou a ser veiculada na década de 60, o que seria um precursor do *crowdfunding*<sup>9</sup>, estimulando a venda de televisores.

Ainda na década de 60, mais de 100 telenovelas foram produzidas com destaque para TV Excelsior, que foi a pioneira em fazer da telenovela um programa diário<sup>10</sup> e para a TV Tupi, que teve 54 produções à época, entre elas *Beto Rockfeller* (1968), considerada um divisor de águas na teledramaturgia brasileira. A telenovela escrita por Cassiano Gabus Mendes e Bráulio Pedroso, protagonizada por Luis Gustavo em 1968 foi um marco na telenovela brasileira.

“A partir do final dos anos 60 e seguindo o modelo proposto pela Rede Tupi, as novelas da Rede Globo se contrapuseram ao estilo fantasioso que dominava a produção anterior, propondo uma alternativa realista. É a ruptura com o modelo representado pela novela *Sheik de Agadir* (Globo, 1966) -, com seus personagens com nomes estrangeiros, vivendo dramas pesados, diálogos formais e figurinos pomposos, ambientados em tempos e lugares remotos -, para o paradigma da novela brasileira que foi sendo construído a partir da novela *Beto Rockfeller* (Tupi, 1968). Este paradigma trouxe a trama para o universo contemporâneo das cidades grandes brasileiras, o uso de gravações externas, introduziu a linguagem coloquial, o humor inteligente, uma certa ambiguidade dos personagens e, principalmente, referências compartilhadas pelos brasileiros. Sintonizou as ansiedades liberalizantes de um público jovem, tanto masculino quanto feminino, recém-chegado à metrópole, em busca de instrução e integração aos polos de modernização”, (Lopes, 2003: 24).

Matos (1990) divide a televisão brasileira em quatro períodos: elitista, populista,

---

<sup>9</sup> Crowdfunding é um sistema eletrônico onde as pessoas financiam o produto por doações de valores estabelecidos previamente

<sup>10</sup> A primeira telenovela diária “2--5499” Ocupado da TV Excelsior. Começou sendo exibido às segundas, quartas e sextas, mas, poucos meses depois passou a ser exibida todos os dias

desenvolvimento tecnológico e transição e expansão internacional. A partir desta análise podemos fazer um paralelo das mesmas fases com a telenovela brasileira e, conseqüentemente, com a história do país, que neste aspecto, é um retrato da televisão do Brasil.

Na fase elitista de 1950 a 1964, as telenovelas ainda buscam sua identidade. Muitos dos textos são adaptados de escritos argentinos e cubanos e não falam com a realidade brasileira. Os maiores sucessos da época são da então iniciante Janete Clair. A fase populista de 1964 a 1975 começa com a mudança trazida por *Beto Rockefeller* (1968) e tem seu ápice com *Irmãos Coragem* (1970), um dos maiores sucessos da Rede Globo, que foi transmitida em meio a ditadura militar.

A terceira fase de desenvolvimento técnico abrange 1975 a 1985 dentro do período que o país faz a transição da televisão preto e branco para as imagens com cores. Neste período, *Escrava Isaura* (1976) bate recordes de audiência e começa a conhecer o mundo.

No período de transição e expansão internacional, as telenovelas viram grandes produtos de exportação da cultura brasileira. *Roque Santeiro* (1985) é até hoje a novela mais vista<sup>11</sup> da história com 67 pontos na aferição do Ibope. O último capítulo chegou a 96, com picos de 100 pontos. Até hoje é o único programa da televisão brasileira que atingiu os três dígitos. A novela foi vendida para países como Angola, Argentina, Canadá, Cuba, Estados Unidos, Portugal entre outros, mas não chegou perto do sucesso internacional de *Escrava Isaura*<sup>12</sup> (1976) que alcançou 104 países.

---

<sup>11</sup> <http://diversao.terra.com.br/tv/confira-as-10-novelas-mais-vistas-da-globo,3e51e55c87a8a310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>

<sup>12</sup> <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/escrava-isaura/curiosidadeshtm>

## 2.1. As telenovelas da Rede Globo

A Rede Globo de Televisão não é a pioneira nas telenovelas brasileiras, e nem poderia, visto que a primeira exibição do formato aconteceu em 1951, 14 anos antes da fundação. A telenovela *Sua Vida me pertence* (Tupi, 1951) foi exibida entre 21 de dezembro de 1951 e 15 de fevereiro de 1952 pela TV Tupi que antes mesmo da inauguração da futura rival colocaria mais 14 histórias no ar. A TV Record colocou 12 telenovelas no ar<sup>13</sup> antes da fundação da Globo em abril de 1965 enquanto a TV Excelsior transmitiu 24<sup>14</sup>.

Ainda no seu primeiro ano, a Rede Globo entrou na produção de telenovelas. *O Ébrio* (1965) escrita por José Castellar e Heloísa Castellar, a partir de uma canção de Vicente Celestino, é considerada a primeira novela das oito e teve 75 capítulos. Ainda na década de 1960 foram mais seis produções para o horário das 20h, sete para o horário das 19 horas e 12 a começar às 22 horas.

Em seus primeiros cinco anos de vida, a Rede Globo fez grandes investimentos em telenovelas como citado anteriormente. Foram 25 produções e uma busca incessante de encontrar o melhor horário, gênero, número de capítulos. Para se ter uma noção da experiência que era fazer telenovelas na década de 60 vale ressaltar o número de capítulos de cada atração.

---

<sup>13</sup> Antes da inauguração da TV Globo, a TV Record exibiu “*Éramos Seis*”, “*João Pão*”, “*Sonho de Amor*”, “*Vitória*”, “*Renúncia*”, “*O Desconhecido*”, “*Banzo*”, “*Marcados pelo Amor*”, “*Prisioneiro de um Sonho*”, “*Somos todos irmãos*”, “*Quatro Homens Juntos*”, “*Comédia Carioca*”.

<sup>14</sup> “*Eu e você*”, “*A menina das flores*” (17h30m), “*Aqueles que dizem amar-se*”, “*Corações em conflito*”, “*As solteiras*”, “*Ambição*”, “*A moça que veio de longe*”, “*A outra face de Anita*”, “*Uma sombra em minha vida*”, “*O pintor e a florista*”, “*O céu é de todos*”, “*Ainda resta uma esperança*” (19h), “*2-5499 ocupado*”, “*Mãe*”, “*Pecado de mulher*”, “*Folhas ao Vento*”, “*Ilsa*”, “*Onde nasce a ilusão*”, “*A indomável*”, “*Vidas cruzadas*” (19h30), “*Ontem, hoje e sempre*” (21h), “*É proibido amar*”, “*Melodia fatal*”, “*Eu quero você*”, “*A ilha dos sonhos perdidos*” (22h) foram exibidas antes da estreia da TV Globo.

“O horário da novela foi uma criação da Globo, desde os anos 70, quando ela passou a produzir três novelas diárias. Esse horário se estende por uma faixa que vai das 17h30 às 22h, sincronizou o horário de cada novela e acabou por determinar hábitos de assistência específicos. A primeira faixa, das 17h30, é ocupada por *Malhação*, única *soap opera* da TV brasileira dirigida para o público infanto-juvenil. Segue-se a novela das seis, de temática geralmente histórica ou romântica; a novela das sete, de tema atual, em chave jovem e de comédia e a novela das oito, a principal, de tema social e adulto”. Entre a novela das 18h e das 19h vai ao ar um telejornal regional de 20 minutos e entre a novela das 19h e a principal, há o mais assistido telejornal do país, com 40 minutos de duração. A lógica que preside a esse palimpsesto tornou-se clássica por combinar noticiário e melodrama, ficção e realidade, cuja contiguidade tem sido objeto de análises e estudos recorrentes”. (LOPES, 2003: 23)

Tabela 1 - As primeiras telenovelas das 20 horas e a busca pela fórmula de sucesso<sup>15</sup>

1965-66	<i>O Ébrio</i>	75 capítulos	José Castellar - Heloísa Castellar
1966-67	<i>O Rei dos Ciganos</i>	120 capítulos	Moysés Weltaman
1967	<i>A Sombra de Rebecca</i>	90 capítulos	Glória Magadan
1967	<i>Anastácia, a mulher sem destino</i>	127 capítulos	Emiliano Queiroz
1967-68	<i>Sangue e Areia</i>	135 capítulos	Janete Clair
1968-69	<i>Passo dos Ventos</i>	171 capítulos	Janete Clair
1969	<i>Rosa Rebelde</i>	212 capítulos	Janete Clair
1969-1970	<i>Véu de Noiva</i>	204 capítulos	Janete Clair

<sup>15</sup> Fonte: Memória Globo

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas.htm>

O crescimento da Rede Globo não se deu apenas pela incessante busca de qualidade. As boas relações que Roberto Marinho, dono da emissora, tinha com o governo vigente ajudaram. Em 1964, os militares tomaram o poder em um golpe de estado que duraria até 1984. No ano seguinte era fundada a Rede Globo de televisão.

Figura 1: O Jornal O Globo de 25 de abril de 1966 sobre financiamentos estrangeiros<sup>16</sup>



<sup>16</sup>Reprodução da capa do Jornal O Globo de 25 de abril de 1966  
<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=1960>

Alencar (2002) chama de segunda revolução da telenovela - a revolução industrial - quando a TV Globo se associa ao grupo americano *Time-Life*, um dos maiores do mundo, e, em seguida, a criação da Central Globo de Produção. O autor sustenta que esses dois acontecimentos aumentou o profissionalismo e junto com a grande qualidade de atores, autores estabeleceu o chamado “Padrão Globo de Qualidade”.

“É sabido que a Rede Globo foi a maior beneficiária dessas políticas. Criada em 1965, essa rede cresceu rapidamente, movida por uma combinação de diversos fatores, como relações amistosas com o regime, sintonia com o incremento do mercado de consumo, uma equipe de produção e administração preocupada em otimizar o marketing e a propaganda, um grupo de criadores de esquerda vindos do cinema e do teatro. Tendo crescido em consonância com outros processos estruturais de mudança ocorridos no período - a intensa migração do campo para as cidades (já em 1970, a população urbana superou a do campo), a industrialização e a proletarianização do trabalho no campo, o desenvolvimento de um amplo mercado de consumo (se bem que vastamente concentrado nas classes médias e altas) -, a televisão, principalmente por meio das novelas, capta, expressa e alimenta as angústias e ambivalências que caracterizaram essa mudança”. (Lopes, 2003: 20)

A parceria entre Rede Globo<sup>17</sup> e *Time-Life* durou de 1965 a 1969 e aponta muitas contradições. O então governador do estado da Guanabara, Carlos Lacerda denunciou o acordo como ilegal baseado no artigo 160 da então Constituição Brasileira que proibia participação de capital estrangeiro em empresas de comunicação. Uma Comissão Parlamentar de Inquérito foi instaurada para apurar o contrato. O presidente das Organizações Globo, Roberto Marinho foi chamado para um depoimento em 1966 e dizer que o único contrato em vigor entre os dois grupos era um que trocava experiências nas partes administrativas e financeiras e o dinheiro cedido pela *Time-Life* não dava qualquer participação administrativa e artística na emissora brasileira.

---

<sup>17</sup> <http://memoriaglobo.globo.com/acusacoes-falsas/caso-time-life.htm>

Apesar das explicações, o relatório foi desfavorável a Rede Globo, alegando que o contrato feria a Constituição e que a *Time-Life* estaria participando da orientação intelectual e administrativa da emissora. Em outubro de 1967, o consultor-geral da República, Adroaldo Mesquita da Costa, divulgou um parecer considerando que não havia sociedade entre as duas empresas e que o grupo norte-americano não tinha qualquer interferência na gestão da emissora.

“A Globo começou a vender pacotes de horários, de maneira tal que quem quisesse anunciar no horário nobre teria que anunciar também em outros horários. A manobra proporcionou-lhe um crescimento em horários alternativo, com programas de qualidade que iam conquistando o público e habituando-o a permanecer no canal até o horário nobre ou depois dele” (ALENCAR, 2002: 55)

Figura 2: O jornal O Globo de 7 de julho de 1971 sobre o fim da parceria<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Reprodução da capa do Jornal O Globo de 7 de julho de 1971  
<https://acervo.oglobo.globo.com/consulta-ao-acervo/?navegacaoPorData=19701971>

Nixon reduz o acesso aos documentos secretos

The image shows the front page of the newspaper 'O Globo' from Rio de Janeiro, dated June 11, 1970. The masthead at the top right reads 'O GLOBO' with the address 'Rua do Arsenal, 57-B, Rio de Janeiro, RJ' and the phone number '(21) 250-1111'. The main headline is 'TV GLOBO desvincula-se de "Time-Life"', with a sub-headline 'Homenagens a Pelé só no último jogo'. To the right, a large photograph shows a plane crash with the headline 'DESASTRE NO NEVOIRO'. Below this, the main headline is 'ÁRABES BOMBARDEIAM ISRAEL COM FOGUETES'. Other smaller headlines include 'No mundo da tradição', 'VERMINOSE ATACA 85% DE BRASILEIROS', 'GOULD X BARBRA', 'ESQUADRÃO: "JÁ ERA"', and 'Terras para quem?'. The page is filled with columns of text and several small photographs.

Desde a primeira telenovela das 20h, *O Ébrio* (1965), em apenas três ocasiões o horário não foi preenchido por telenovelas inéditas. Era preciso fidelizar o público. Entre 13 de outubro de 1969 e 10 de novembro do mesmo ano, a Rede Globo não passou nenhuma novela. O sucesso de *Beto Rockfeller* (Tupi, 1968) na rival TV Tupi fez com que a emissora decretasse o fim do chamado estilo capa e espada para dar lugar a produções mais modernas, com ênfase nas tramas cotidianas.

Segundo Hamburger (2005), essa troca na maneira de ser fazer telenovela no Brasil foi importante para a identificação entre espectador e telenovela contribuindo assim para o duradouro sucesso que vai até os dias atuais.

A segunda pausa aconteceu por motivos de censura<sup>19</sup>. *Roque Santeiro* (1985) estava pronta para ir ao ar, mas os militares, que detinham o poder de vetar qualquer obra artística entre 1964 e 1984, não aprovaram a telenovela de Dias Gomes. No período, a TV Globo colocou a repetição de *Selva de Pedras* (1972) entre 27 de agosto de 1975 e 22 de novembro do mesmo ano até que *Pecado Capital* (1975) estivesse pronta para a estreia.

“*Pecado Capital* (1975) foi escrita a partir de uma idéia original de Janete Clair. Feita sob medida para os atores que já estavam escalados para *Roque Santeiro* (1985), proibida pela censura. Para conseguirmos fazer *Pecado Capital*, reprisamos *Selva de Pedra* (1972) por três meses. E foi nesse tempo, partindo de uma pequena semente, que produzimos a novela (...). O sentimento geral era de decepção porque tínhamos gravado 36 capítulos de *Roque Santeiro* e sabíamos que o resultado era excelente. Eu, particularmente estava buscando uma nova linguagem para a novela das oito. Uma linguagem diferente da que Janete usava até então. O que nos interessava era uma brasilidade, novelas mais críticas, mais contemporâneas, e menos sonhadoras do que as feitas por Janete até então” (FILHO, 2002: 117)

Em março de 1982, as telenovelas inéditas deixaram de ir para o ar por conta de uma tragédia. Jardel Filho, protagonista de *Sol de Verão* (1982) teve um ataque cardíaco e faleceu. A trama foi encurtada e entre 21 de março e 9 de abril, a emissora passou a repetição de *O Casarão* (1976).

Exceção feita a esses três episódios, em 53 anos de telenovelas da Rede Globo estiveram presentes diariamente nos aparelhos de milhões de brasileiros ajudando a criar uma identificação enorme entre telespectador, emissora, atores, personagens e telenovelas.

---

<sup>19</sup> Entre 1964 e 1985, o Brasil foi governado por militares. O sistema de governo não previa a participação da população e foi dado a esse período o nome de ditadura militar. Todos os programas de televisão, além de rádio e jornal eram previamente expostos a um censor que poderia não permitir a exibição ou estabelecer cortes. A censura era feita segundo as diretrizes dos governos militares

Outro fator que contribuiu para o sucesso das telenovelas da Rede Globo é o fato de mudarem de acordo com o gosto do público, tendo assim maior aceitação. Diniz (2009:177) diz que as telenovelas “são obras abertas, escritas ao sabor da receptividade, da audiência, das pesquisas(...) construída dia a dia, onde o escritor leva em conta a resposta, a interação com a audiência para produzir os próximos capítulos”.

## 2.2. A violência na telenovela

Assim como a temática da telenovela foi mudando com o passar dos anos e décadas a abordagem dos problemas cotidianos também foi alterada. Se no início das transmissões, o estilo capa e espada praticamente não dava chance a abordar problemas, a década de 1970 e uma telenovela de uma emissora rival a Rede Globo chegou para mudar os rumos: *Beto Rockfeller* (Tupi, 1968).

A trama contava a saga de um personagem de caráter duvidoso, com excesso de esperteza e sem grandes problemas para passar os outros para trás. O sucesso dessa telenovela - e de seu estilo brasileiro - decretou praticamente o fim da era capa e espada e começou a se desenvolver tramas que mostrassem o dia a dia dos brasileiros, seus problemas e angústias. Entre eles, a crescente violência em um país com enorme desigualdade social.

No entanto, a política do país atrapalharia essa visão da violência em território brasileiro. Isso porque desde 1964, o país vivia uma ditadura militar e a repressão aos meios de comunicação era muito forte. Embora, a Rede Globo tenha sido favorecida durante o regime comandado pelos militares, seus programas, entre eles as telenovelas, não gozavam de facilidades, assim como telejornais e programas de humor. Todos tinham censores que

precisavam aprovar textos de tudo que seria veiculado. Os militares se aproveitavam da maneira como é a televisão brasileira. O Estado distribui concessões e tem o direito de tomar de volta se alguma regra seja estabelecida em contrato seja quebrada.

O Jornal Extra na série de reportagens intitulada “Novelas Censuradas”<sup>20</sup> conta um pouco da relação censura e telenovela pelo jornalista Guilherme Amado: “A censura protegia militares e policiais. Em 1973, implicaram com a menção a patentes em *O Bem Amado*. (1973, horário das 22 horas) Zeca Diabo quase deixa de ser capitão, e Odorico, coronel. Em *Bandeira 2* (1971, horário das 22 horas), Dias Gomes foi advertido logo no início da trama a cortar as planejadas cenas de policiais torturando. (...) a censura queria que o telespectador visse o mundo com óculos cor-de-rosa. Vilões tinham que ser punidos sempre, o bem deveria prevalecer sobre o mal e toda novela tinha que passar uma lição de moral. Ao analisar a sinopse de *Espelho Mágico*, de 1977, um censor chegou a recomendar que a obra não fosse liberada, por falar de “intrigas, inveja, cobiça, injúrias, vinganças”, o que seria “demais adulta, perigosa e inadequada” para a TV. Seus colegas foram menos rígidos, e o texto, atenuado, foi ao ar.”

Outro aspecto é que a violência cotidiana não era tema central de nenhuma telenovela, apesar de os índices de criminalidade das grandes cidades brasileiras serem alarmantes. A emissora sabia que a temática violência dificilmente seria aprovada pelo governo militar e seus censores. Então, crimes viravam um assunto secundário na maioria das vezes associado a vingança, tema predominante nas telenovelas das 20 horas da Rede Globo.

Entende-se como violência qualquer constrangimento sobre alguma pessoa com o intuito de obrigar a um ato qualquer. Entre os tipos que serão abordados na tabela abaixo, majoritariamente, se incluem de natureza urbana, como assassinatos, cárcere, estupro,

---

<sup>20</sup> <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/novelas-censuradas-militares-pregavam-os-bons-costumes-na-teledramaturgia-12020967.html>. Acesso em 14 de julho de 2018

sequestro, roubo. No significado de violência urbana está o conjunto de ações que infringem a lei e a ordem pública nos centros urbanos e metrópoles. Como exemplos podemos citar assaltos, balas perdidas, tiroteios e tráfico de drogas. Ainda são citados na tabela eutanásia. Podemos ver subdivisões desses crimes nas tabelas elaboradas especialmente para a dissertação a partir das sinopses das telenovelas. Assim, existem com especificidades sobre a causa da morte como no caso do feminicídio<sup>21</sup>, violência doméstica<sup>22</sup> e racismo<sup>23</sup> segundo o levantamento feito para a dissertação.

Tabela 2<sup>24</sup> - A violência em telenovelas das 20 horas na década de 1970

Telenovela	Violência
<i>Véu de Noiva</i> (1969)	Assassinato
<i>Irmãos Coragem</i> (1970)	Assassinatos
<i>O Homem que Deve Morrer</i> (1971)	Racismo
<i>Selva de Pedra</i> (1972)	Sequestro e assassinato
<i>Cavalo de Aço</i> (1973)	Vingança
<i>O Semideus</i> (1973)	Roubo
<i>Fogo sobre Terra</i>	

<sup>21</sup> Feminicídio é um crime de ódio por motivo de gênero. Uma das primeiras a utilizar essa expressão foi a autora Diana E. H. Russell que define feminicídio como “a matança de mulheres por homens, porque elas são mulheres”

<sup>22</sup> Violência doméstica é quando ocorre constrangimento sobre uma pessoa dentro de uma relação conjugal podendo ser casamento ou união estável. Também é considerado violência doméstica contra incapazes, ou seja, crianças e idosos

<sup>23</sup> Racismo é a discriminação com base em diferenças biológicas entre os povos

<sup>24</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>25</sup> Os campos em branco indicam que nenhum tipo significativo de violência constava na sinopse

(1974)	
<i>Escalada</i> (1975)	
<i>Pecado Capital</i> (1975)	Roubo
<i>O Casarão</i> (1976)	
<i>Duas Vidas</i> (1976)	Feminicídio
<i>Espelho Mágico</i> (1977)	Morte não-intencional
<i>O Astro</i> (1977)	Assassinato
<i>Dancin Days</i> (1978)	Assassinato
<i>Pai Herói</i> (1979)	Atentado
<i>Os Gigantes</i> (1979)	Eutanásia

Entre as telenovelas da década de 70 nota-se a ausência de problemas cotidianos. Roubos e assaltos aconteciam, mas não eram noticiados por imposição do governo que controlava os veículos de comunicação e as estatísticas oficiais. A pobreza não era retratada nas telenovelas. Outro tipo de violência que não tinha nenhuma repercussão na já consolidada televisão foi a política. A primeira manifestação sobre os chamados anos de chumbo<sup>26</sup> na teledramaturgia só aconteceria em 1992 com a série *Anos Rebeldes*, que retrata o amor dos jovens Maria Lúcia e João Alfredo e a idealista Heloisa a partir de 1964.

“Utilizando uma estrutura narrativa personalizada e pouco definida em termos ideológicos ou políticos para tratar de assuntos relativos ao espaço público, as novelas levantaram e talvez tenham mesmo ajudado a dar o tom dos debates públicos. Tornaram-se dois exemplos históricos a associação da novela *Vale Tudo* (1988) à eleição de Fernando Collor de Melo que calcou a sua imagem eleitoral como "o caçador de marajás", isto é, de banimento da corrupção econômica e política do país, bem como a influência da minissérie *Anos*

<sup>26</sup> Anos de chumbo é uma expressão utilizada pela imprensa para o período do governo militar

*Rebeldes* (1992) no processo de impeachment desse mesmo presidente, três anos depois”. (LOPES, 2003:5)

Figura 3: O assassinato de Heloisa em *Anos Rebeldes*<sup>27</sup>



“Em fins dos anos 60 e início dos 70, jornais e revistas começaram a dedicar mais atenção ao tema da violência urbana, particularmente no Rio de Janeiro e em São Paulo. Além da violência política do governo ditatorial, essa foi também a época do auge do "esquadrão da morte". No decorrer dos anos 70, assaltos brutais, tráfico de drogas e de armas, extermínios, homicídios e chacinas, praticados por policiais, bandidos ou pessoas comuns, multiplicaram-se em uma proporção assustadora. A década de 80, mesmo com o fim do governo militar e a restauração do processo democrático, apenas aprofundou essa tendência”.(COSTA, 1999<sup>28</sup>)

<sup>27</sup> Fonte: Reprodução Youtube

<sup>28</sup> [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400002&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400002&script=sci_arttext&tlng=es)

Tabela <sup>29</sup><sub>30</sub> -A violência em telenovelas das 20 horas na década de 1980

Telenovela	Violência
<i>Água Viva</i> (1980)	Assassinato
<i>Coração Alado</i> (1980)	Estupro e assassinato
<i>Baila Comigo</i> (1981)	
<i>Brilhante</i> (1981)	
<i>Sétimo Sentido</i> (1982)	
<i>Sol de Verão</i> (1982)	
<i>Louco Amor</i> (1983)	Violência doméstica
<i>Champagne</i> (1983)	Assassinato
<i>Partido Alto</i> (1984)	
<i>Corpo a Corpo</i> (1984)	
<i>Roque Santeiro</i> (1985)	Assassinato, sequestro, corrupção
<i>Selva de Pedra</i> (1986) <sup>31</sup>	Morte ocasional
<i>Roda de Fogo</i> (1986)	
<i>O Outro</i> (1987)	
<i>Mandala</i> (1987)	Sequestro

<sup>29</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>30</sup> Os campos em branco indicam que nenhum tipo significativo de violência constava na sinopse

<sup>31</sup> A telenovela *Selva de Pedras* de 1986 é uma releitura da telenovela de 1972. A primeira foi escrita por Janete Clair e a segunda por Regina Braga e Eloy Araújo

<i>Vale Tudo</i> (1988)	Assassinato
<i>Salvador da Pátria</i> (1989)	Assassinato e tráfico de drogas
<i>Tieta</i> (1989)	

A violência na telenovela na década de 1980 pode ser dividida em antes e depois do fim da ditadura militar. Se na primeira metade, os padrões da década de 1970 se repetem, a partir de 1985, mais precisamente em *Roque Santeiro* (1985), que havia sido censurada pelo governo militar, ocorre uma mudança. Na telenovela de Dias Gomes e Aguinaldo Silva, a temática política aparece com força mostrando como a política influencia na vida do povo e, conseqüentemente, nos problemas econômicos e sociais que provocam a violência. Na trama, Roque, um sacristão, é dado como morto após uma suposta invasão de cangaceiros. Tido como morto é alçado a herói e a cidade vive financeiramente do mito de Roque Santeiro. Os donos da cidade lucram e exploram a fé do povo com a religião. Anos depois, Roque retorna à cidade para pedir perdão já que fugiu dos cangaceiros e roubou o dinheiro da Igreja. A partir daí se estabelece a luta entre os poderosos para manter seus privilégios e seguir enganando os pobres e devotados de Asa Branca.

Lopes (2009) corrobora essa visão ao propor um novo olhar para a telenovela segundo o qual a novela de televisão local é um dos fenômenos mais representativos da modernidade tardia vivida pelo Brasil. Vale ressaltar que até 1985, o Brasil foi governado por militares e a população ficou sem direito ao voto para presidente entre 1960 e 1989. Lopes ainda diz que a telenovela reproduz a condição sócio-histórica e cultural nacional ao combinar arcaico e moderno, seja no confronto de um estilo narrativo anacrônico com um imaginário contemporâneo ou na dialética da nacionalização e midiaticização.

“(...)capacidade sui generis de sintetizar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, o masculino e o feminino [...] inscrita na narrativa das novelas que combina convenções formais do documentário e do melodrama televisivo. É isso o que [...] tipifica a telenovela brasileira e que cria o quase paradoxo de se —ver o Brasil mais nessa narrativa ficcional do que no telejornal”. (LOPES, 2009: 25).

A partir de *Roque Santeiro* (1985) outros tipos de violência aparecem como o sequestro de um bebê em *Mandala* (1987) e o tráfico de drogas em *O Salvador da Pátria* (1989), esta também uma telenovela que aborda a vida política. Sem a censura, as telenovelas começaram a mostrar um pouco da realidade da violência do povo brasileiro. No entanto, a escalada da violência se deu mais veloz do que a sua retratação na teledramaturgia.

Tabela 4<sup>3233</sup> -A violência em telenovelas das 20 horas na década de 1990

Telenovela	Violência
<i>Rainha da Sucata</i> (1990)	Suicídio, tentativa de sequestro, tentativa de assassinato
<i>Meu Bem Meu Mal</i> (1990)	
<i>O Dono do Mundo</i> (1991)	Suicídio
<i>Pedra sobre pedra</i> (1992)	Assassinato
<i>De corpo e alma</i> (1992)	
<i>Renascer</i> (1993)	Assassinato

<sup>32</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>33</sup> Os campos em branco indicam que nenhum tipo significativo de violência constava na sinopse

<i>Fera Ferida</i> (1993)	Assassinato
<i>Pátria Minha</i> <sup>34</sup> (1994)	Racismo, corrupção
<i>A Próxima Vítima</i> (1995)	Assassinato em série, homofobia, racismo
<i>Explode Coração</i> (1995)	
<i>Fim do Mundo</i> (1996)	Assassinato, Estupro
<i>Rei do Gado</i> (1996)	Assassinato
<i>A Indomada</i> (1997)	
<i>Por Amor</i> (1997)	Tráfico de drogas
<i>Torre de Babel</i> (1998)	Violência doméstica dependência química, assassinato
<i>Suave Veneno</i> (1999)	assassinato
<i>Terra Nostra</i> (1999)	

A década de 1990 é a mais violenta fora das telas. Em 1994, o número de letalidade violenta na cidade do Rio de Janeiro chega a 75<sup>35</sup> a cada 100 mil habitantes. Porém, nas telenovelas, essa ótica insiste em se ausentar. Apesar do aumento do número de assassinatos, nenhum deles tem a ver com a violência urbana mantendo a linha de “quem matou?” ou crimes passionais e, preferencialmente, por vingança.

---

<sup>34</sup> Em *Pátria Minha* pela primeira vez nas telenovelas das 20 horas existe um núcleo de favela

<sup>35</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública

<http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

Figura 4: O ator Raul Gazolla, viúvo de Daniela Perez, se emociona no enterro <sup>36</sup>



Se a ficção não vai até a violência, infelizmente, a mesma chega até a telenovela. Enquanto escrevia *De Corpo e Alma* (1992), a autora Gloria Perez recebeu a notícia que o corpo de sua filha Daniella havia sido encontrado em uma zona distante da Barra da Tijuca. O início das investigações apontava para mais um crime de violência urbana no Rio de Janeiro, porém logo o caso foi elucidado. Daniella trabalhava na novela da mãe e fazia par com o ator Guilherme de Pádua. Ele confessou o assassinato com um punhal junto com a então esposa Paula Thomaz.

Tabela<sup>37</sup> 5<sup>38</sup> - A violência em telenovelas das 20 horas na década de 2000

Telenovela	Violência
------------	-----------

---

<sup>36</sup> Fonte: Acervo O Globo

<https://acervo.oglobo.globo.com/incoming/caso-daniella-perez-21069435>

<sup>37</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>38</sup> Os campos em branco indicam que nenhum tipo significativo de violência constava na sinopse

<i>Laços de Família</i> (2000)	
<i>Porto dos Milagres</i> (2001)	Contrabando e roubo
<i>O Clone</i> (2001)	Dependência química
<i>Esperança</i> (2002)	Assassinato
<i>Mulheres Apaixonadas</i> (2003)	Assassinato, bala perdida, agressão a mulher, agressão idosos
<i>Celebridade</i> (2003)	Assassinato, tráfico de drogas, sequestro
<i>Senhora do Destino</i> <sup>39</sup> (2004)	Corrupção, assassinato, sequestro, roubo, violência doméstica
<i>América</i> (2005)	Imigração ilegal
<i>Belíssima</i> (2005)	Assassinato, racismo
<i>Páginas da Vida</i> (2006)	
<i>Paraíso Tropical</i> (2007)	Assassinato
<i>Duas Caras</i> <sup>40</sup> (2007)	Assassinato, corrupção, assédio sexual, formação de quadrilha
<i>A Favorita</i> (2008)	Assassinato, violência doméstica

---

<sup>39</sup> Novela que tem um núcleo na favela com relevância

<sup>40</sup> Outra novela com núcleo na favela com relevância. Ainda aborda o problema das milícias

<i>Caminho das Índias</i> (2009)	
<i>Viver a Vida</i> (2009)	Tráfico de drogas, violência doméstica

Embora, os anos 2000 tenham números de violência urbana bem menores do que das décadas de 1980 e 1990, a violência urbana passa a ser tema de telenovelas. A partir de *Mulheres Apaixonadas* (2003) assuntos corriqueiros dos telejornais locais do Brasil passam a ser exibidos nacionalmente.

Os autores ainda abordaram outras formas de violência neste período como agressão a idosos (*Mulheres Apaixonadas*, 2003), sequestro (*Senhora do Destino*, 2004), imigração ilegal (*América*, 2005) e corrupção (*Duas Caras*, 2007 e *Senhora do Destino*, 2004). Outros pontos que surgiu foi o tráfico de droga e com a nova temática, novos núcleos retratando as favelas brasileiras. A droga, que já tinha sido tema de *Por Amor* (1997), passa a mostrar a realidade dos mais pobres que vivem em meio a guerras pelo poder dos traficantes e a ótica do usuário de drogas e suas tentativas de deixar o vício, como mostrado em *O Clone* (2002).

As milícias - áreas de comunidades tomadas por policiais militares e bombeiros - começam a ser retratadas também, mas de forma romantizada, bem diferente do que acontece principalmente na Zona Oeste do Rio de Janeiro. O personagem de *Duas Caras* (2007), Juvenal Antena, caiu nas graças do povo com seus bordões e não conseguiu mostrar o drama da violência em áreas comandadas por milicianos.

Figura 5: A favela fictícia da Portelinha, em *Duas Caras*<sup>41</sup>



Tabela 6<sup>4243</sup> -A violência em telenovelas das 20 horas na década de 2010

Telenovela	Violência
<i>Passione</i> (2010)	Assassinato, racismo
<i>Insensato Coração</i> (2011)	Contrabando, assassinato, homofobia
<i>Fina Estampa</i> (2011)	Violência doméstica, assassinato
<i>Avenida Brasil</i> (2012)	Assassinato
<i>Salve Jorge</i> <sup>44</sup> (2012)	Tráfico de pessoas,

<sup>41</sup> Fonte: *site* da telenovela *Duas Caras*

<http://duascaras.globo.com/Novela/Duascaras/Bastidores/0,,AA1643152-9154,00-COMO+CONSTRUIR+UMA+FAVELA+EM+DOIS+MESES.html>

<sup>42</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>43</sup> Os campos em branco indicam que nenhum tipo significativo de violência constava na sinopse

	assassinato
<i>Amor à vida</i> (2013)	Assassinato, corrupção
<i>Em Família</i> (2014)	Tentativa de assassinato, estupro
<i>Império</i> (2014)	Assassinato
<i>Babilônia</i> <sup>45</sup> (2015)	Assassinato, corrupção
<i>Regra do Jogo</i> <sup>46</sup> (2015)	Corrupção, tiroteio, assassinato, tráfico de drogas, sequestro
<i>Velho Chico</i> (2016)	Assassinato
<i>A Lei do Amor</i> (2016)	Roubo, assassinato
<i>A Força do Querer</i> <sup>47</sup> (2017)	Tráfico de drogas, assassinato, violência urbana
<i>O Outro Lado do Paraíso</i> (2017)	Assassinatos em série, pedofilia, racismo, homofobia, sequestro, corrupção, violência contra a mulher

A partir de 2010, a TV Globo passou a mudar a nomenclatura da novela das 20 horas para novela das 21 horas. A emissora já vinha sistematicamente atrasando sua programação quando em *Duas Caras* (2007), teve problemas com os temas abordados com o Ministério da Justiça intervindo e classificando a obra como imprópria para menores de 14 anos,

---

<sup>44</sup> A telenovela possui um núcleo de favela, mas sem violência

<sup>45</sup> Babilônia é uma favela da zona sul do Rio de Janeiro, mas a telenovela não é incisiva no assunto violência

<sup>46</sup> Um dos principais núcleos é uma favela

<sup>47</sup> O núcleo principal é ambientado em uma favela

tendo, obrigatoriamente, seu início após das 21 horas. No entanto, a emissora só adotaria o nome em 2010, a partir da telenovela *Insensato Coração* (2011).

Ainda em andamento, a década de 2010 tem muito mais tipos de violência a serem abordados do que em toda a história da teledramaturgia. Quatro telenovelas têm núcleos em favelas, algo praticamente impensado há alguns anos. Coincidentemente, as três são ambientadas no Rio de Janeiro. Sendo que a primeira comunidade do Rio de Janeiro, o Morro da Providência<sup>48</sup>, data de 1897.

*A Força do Querer* (2017), de Glória Perez, traz como protagonista um personagem que larga o ‘asfalto’ e vai atrás de seu marido que virar um chefão dos traficantes de drogas de um morro carioca. Um assunto real e inédito até então em telenovelas.

Figura 6: Juliana Paes interpretou Bibi Perigosa em *A Força do Querer*<sup>49</sup>

---

<sup>48</sup> Os primeiros moradores do Morro da Providência foram soldados da Guerra de Canudos que não tinham onde morar e afrodescendentes que após a Abolição da Escravatura não tinham onde viver

<sup>49</sup> Fonte: Site da telenovela *A Força do Querer*  
<https://gshow.globo.com/novelas/a-forca-do-querer/vem-por-ai/noticia/bibi-ameaca-rubinho.ghtml>



*O Outro Lado do Paraíso* (2007) também tem ineditismo quando aborda o assunto da pedofilia em uma trama bastante delicada. Na trama, a crime acontece entre o delegado da cidade e sua enteada.

*Insensato Coração* (2011) fala da homofobia, que já teve o tema levantado superficialmente em *A Próxima Vítima* (1995), mas é em *Amor à vida* (2013) que o tema ganha relevância pelo personagem Félix, que se redime durante a novela depois de um sem fim de maldades e ganha o coração do público até acontecer o primeiro beijo gay da televisão brasileira. No entanto, *Babilônia* (2015) tem um casal gay formado pelas veteranas atrizes Nathalia Timberg e Fernanda Montenegro, foi prontamente rechaçado pelo público desde o primeiro capítulo fazendo que o tema ficasse em segundo plano.

“Essa capacidade sei gêneros de sintetizar o público e o privado (...) está inscrita no texto das telenovelas que combinam convenções formais do documentário e o melodrama televisivo. É isso que tipifica a telenovela brasileira e constitui o

paradoxo de se identificar o Brasil mais na narrativa ficcional que no telejornal”.  
(LOPES, 2003:25)

### 2.3. A função social da telenovela

Ao longo dos anos a Rede Globo por meio de suas telenovelas das 20h - que viraram das 21 horas - propôs um grande debate sobre a sociedade brasileira. Como já citado anteriormente, o início veio de uma emissora rival, a TV Record, com *Beto Rockefeller* (1968), aproximando as telenovelas de seus espectadores. Com a saída do estilo capa e espada, a telenovela abordou temas variados que precisavam ser discutidos pela sociedade.

“A novela dá visibilidade a certos assuntos, comportamento, produtos e não a outros; ela define uma certa pauta que regula as interseções entre a vida pública e a vida privada, vendo a telenovela a partir dessas categorias, pode-se dizer que durante o período de 1960 a 1980 ela se estruturou em torno de representações que compunham uma matriz imaginária capaz de sintetizar a sociedade brasileira em seu movimento modernizador” (LOPES, 2003:19)

Em meados dos anos 90, as telenovelas inovaram mais uma vez ao trazer a vida real para as telas. Com depoimentos e campanhas as telenovelas entraram a fundo nos problemas sociais brasileiros e ajudam até os dias de hoje a população com campanhas educativas e de mobilização.

Conforme o Glossário social (COMUNICARTE, 2004:72), a definição de merchandising social passa por “um conjunto de técnicas de marketing que consiste num esforço adicional à campanha publicitária normal de um produto, com o objetivo de cristalizar sua imagem junto ao público (...) o merchandising social, por sua vez, são as inserções intencionais,

sistemáticas e com propósitos bem definidos de mensagens socioeducativas em contextos ou situações de natureza não pedagógica”.

De início, as telenovelas e as propagandas não se misturavam. Os espaços publicitários tomavam conta dos intervalos sem que isso afetasse as obras em curso. Os chamados comerciais sempre foram grande fonte de receita de todas as emissoras e o horário das telenovelas das 20 horas e do telejornal são os de preço mais elevados.

Márcio Ruiz Schiavo foi um dos pioneiros na difusão do termo merchandising social, expressão que encerra as características da estratégia de colocação de temas sociais nas narrativas. Em 1984, ele consolidou sua formulação teórica e conceitual que foi aperfeiçoada pela Rede Globo que a chamou de merchandising social.

“Merchandising social é a inserção intencional e motivada por estímulos externos de questões sociais nas tramas das telenovelas. Esta inserção tanto pode ocorrer nas tramas principais como nas paralelas. Através do merchandising social, criam-se oportunidades para interagir com as telenovelas, compondo momentos da vida dos personagens e fazendo com que atuem como agentes formadores de opinião e/ou introdutores de inovações sociais. Enquanto estratégia de mudança de atitudes e mudança para novos hábitos, o merchandising é um instrumento dos mais eficientes, tanto pelo elevado número de pessoas que atinge quanto pela forma como demonstra a efetividade do que se está promovendo”. (SCHIAVO, 1995:107).

A primeira inserção de merchandising em telenovelas foi na sempre inovadora *Beto Rockfeller* (1968, TV Tupi). A empresa Bayer pagou para que o personagem principal, vivido pelo ator Luiz Gustavo, tomasse o antiácido 9.

Já o merchandising social entrou em cena cinco anos depois. A primeira telenovela com uma real ação de merchandising social, ainda que de forma tímida, foi *O Espigão* (1974).

O enredo trazia uma discussão da necessidade de se preservar o meio-ambiente a partir da construção desenfreada de grandes edificações - apelidadas de arranha-céus. A telenovela do horário das 22 horas ainda trouxe outras temáticas que foram inseridas no cotidiano brasileiro como, por exemplo, bebês de proveta, que só seriam gerados no país dez anos depois<sup>50</sup>.

Fora do Brasil, os Estados Unidos já utilizavam a ferramenta de merchandising social na década de 1970 com os estúdios Walt Disney em seus desenhos animados. No México, a Televisa experimentou a inserção do merchandising social no fim da década de 1960 ao inserir questões sociais na trama. Os mexicanos já usavam o merchandising tradicional e viam no merchandising social uma forma de estimular algumas ferramentas sociais para a população por meio da telenovela.

Segundo a Teoria das Expectativas Sociais (Lage, 1999) se fundamenta a ideia que os meios de comunicação buscam a transmissão de informações a fim de mostrar a vida de pessoas comuns para que sirvam de exemplo para toda uma sociedade, plantando ali uma semente de mudança de comportamento no todo.

“(…) a Teoria das Expectativas Sociais baseia -se de que a mídia transmite informações referentes às regras de comportamento social lembradas pelos indivíduos, sendo que direta ou indiretamente modela comportamentos, por vezes até inconscientemente. Sem dúvida, ela reflete que o conhecimento modela a ação como resultante de uma das mais significativas consequências do saber” (LAGE, 1999:151).

O merchandising social não engloba custos como o merchandising comercial, mas existe um compromisso ideológico com o pensamento do autor ou da emissora de televisão (Schiavo, 1995). Tem duas origens enquanto oportunidade: levantamento de oportunidades

---

<sup>50</sup> <https://noticias.r7.com/saude/primeiro-bebe-de-proveta-do-brasil-faz-30-anos-06102014>

ou a partir da vontade do autor de discutir temáticas sociais. Atualmente nas reuniões de discussão das sinopses bem antes do início das gravações, as equipes de criação e direção se reúnem com a emissora a fim de decidir que tipos de ações de merchandising social podem ser inseridas na trama.

Porém, de uma forma geral, a ideia de merchandising social parte do autor, mas sempre com o apoio da emissora, no caso a Rede Globo. A partir disso existem pesquisas para que todas as partes conheçam melhor o assunto.

O diretor de telenovelas Cristiano Marques conta, em entrevista por e-mail, como funciona parte deste processo: “Normalmente isso parte do autor. Eu não me lembro de uma orientação da empresa sobre merchandising social. A Rede Globo tem vários grupos de pesquisa que monitoram interesses da sociedade e os autores sempre são municiados desses resultados. Existe uma via de mão dupla”.

“A Globo oferece tudo. Em todas as minhas novelas, tenho consultores especializados. Em *Laços de Família*, por conta da leucemia, eu (Manoel Carlos) tive um médico do Inca, Instituto Nacional do Câncer, o doutor Jorge da Mata (...). Eu precisava contar com a colaboração de um profissional fixo, porque era muito importante, era uma responsabilidade enorme” (AUTORES:86)

Uma das primeiras novelas a abordar um tema social claramente foi *Pecado Capital* (1975). A autora Janete Clair levantou um grande debate sobre corrupção que consistia se o taxista Carlão deveria - ou não - devolver a mala de dinheiro esquecida em seu táxi após um assalto. Além da corrupção, a principal trama levantava a questão do problema da educação, pois a falta de estudos e modos do motorista o afasta de sua amada e nem o dinheiro consegue aproximá-los.

Outro autor que sempre levanta o tema da corrupção é Gilberto Braga. Seu maior sucesso, *Vale Tudo* (1988) tem um enorme questionamento a ambição desmedida e uma crítica a sociedade brasileira onde, segundo o autor, o crime compensa. A prova deste pensamento de Braga é na derradeira cena da novela na qual o vilão Marco Aurélio e a assassina Leila fogem para fora do país em um jatinho particular enquanto seus funcionários mais humildes vão presos.

*Roque Santeiro* (1985) e *O Salvador da Pátria* (1989) abordaram a questão da opressão dos mais ricos sobre os mais pobres e a exploração das *fake news* algumas décadas antes da expressão ser criada.

Prado (1987:10) discorda desse ponto de vista de que a telenovela ajuda a sociedade. Crê que em uma telenovela, “a gente só aprende o que pode, só entende o que é possível entender, só retém, o que faz algum sentido para nós”. Ainda, segundo Prado, os padrões de cultura que tentam ser “impostos” pelos autores de telenovelas não tem sua recepção da maneira desejada por grande parte daqueles que assistem suas obras, concluindo que a mensagem é recebida de maneira diferente da que é passada.

No entanto, De Andrade (2003) vai ao encontro a essa teoria da mensagem que se perde e se torna uma nova mensagem por parte das telenovelas. De Andrade vê pesquisadores a defender a ideia de que as telenovelas ajudam na mudança de padrões, valores e comportamento da sociedade e que ideias modernizadoras têm um efeito bastante benéfico sobre a audiência. A autora ainda cita temas abordados por telenovelas brasileiras como homossexualidade, racismo, exploração social da mulher, alcoolismo, corrupção política, reforma agrária, desemprego e drogas. Temas bastante recorrente inclusive nos telejornais diários de todas as emissoras mostrando a relevância e atualidades das discussões provocadas pelas telenovelas.

Ao analisar um outro aspecto, as telenovelas da autora Gloria Perez ainda mostram a função social de expandir novas culturas para o centro da cultura brasileira. A primeira a fazer isso foi *Explode Coração* (1995) que abordou a cultura dos ciganos, figuras marginalizadas na sociedade que a autora ajudou a compreender e aproximar. *O Clone* (2001) trouxe informações sobre a clonagem e contou sobre a cultura, hábitos e expressões marroquinas. O sucesso da telenovela fez com que as pessoas introduzissem em seus vocabulários expressões marroquinas como “arder no mármore do inferno”, “Macktub” (estava escrito, em português). Em *América* (2005), a autora escreveu sobre a imigração ilegal<sup>51</sup> para os Estados Unidos, em um tema bem mais próximo para os brasileiros. Ainda na linha de contar sobre hábitos e culturas *Caminho das Índias* (2009) trouxe um pouco do país asiático ao Brasil. Expressões caíram no gosto popular como *are baba* (poxa), *arebanguandi* (ai meu deus), *atcha* (expressão de satisfação). Em 2012, Gloria Perez ainda falaria da Turquia, sob o tema de São Jorge, em *Salve Jorge*.

Ainda sobre Gloria Perez, ela provocou um grande debate na sociedade quando abortou a inseminação artificial em *Barriga de Aluguel* (1989), tema até então pouco difundido, mas que teve muita repercussão mesmo tendo tocado em um assunto bastante sensível e sem informação em um horário historicamente de tramas mais leves ou históricas como o das 18 horas. A autora ainda voltaria na questão reprodutiva em *O Clone* (2001) abordando também em um assunto pouco conhecido até o momento de sua exibição.

Benedito Ruy Barbosa é um autor de vários sucessos, principalmente na década de 90. Especialista na temática rural, ele trouxe assuntos importantes para as casas dos telespectadores. Em *O Rei do Gado* (1996) mostrou o drama das famílias sem terra algo pouco falado até então. Em *Renascer* (1993), escreveu sobre o hermafroditismo em uma de suas personagens. Mais recentemente tematizou a transposição das águas do rio São

---

<sup>51</sup> <http://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2017-01/cerca-de-11-milhoes-de-pessoas-vivem-ilegalmente-nos-estados-unidos>

Francisco em *Velho Chico* (2016). Porém, Benedito Ruy Barbosa dedicou grande parte de suas obras para falar da imigração, principalmente, de italianos. Ele aborda o tema em *Terra Nostra* (1999), *Esperança* (2002) e *Rei do Gado* (1996). Além delas, *Os Imigrantes*<sup>5253</sup> (1981) também tinha a mesma temática. A telenovela foi um grande sucesso da TV Bandeirantes.

Bem antes de Gloria Perez mostrar aos brasileiros novos lugares e culturas, Benedito Ruy Barbosa emplacou um de seus grandes sucessos. *Pantanal*<sup>54</sup> (1989), da TV Manchete<sup>55</sup>, foi ambientada na região de mesmo nome do Centro-Oeste brasileiro e mostrou um Brasil até então desconhecido. A telenovela explorava os cenários paradisíacos da região com muitos animais da região como a onça-pintada, a sucuri entre outros típicos da fauna da região. Era Benedito Ruy Barbosa apresentando uma parte do Brasil aos brasileiros.

Silvio de Abreu foi outro autor que abriu um grande debate na sociedade brasileira. Em *A Próxima Vítima* (1995) apostou em um casal interracial e gay para abrir o debate sobre racismo e homossexualidade, um tabu até os dias de hoje. Vale ressaltar que o tema da interracialidade já havia sido abordado pela TV Tupi em *A Cor de sua pele* (1965) inclusive com beijo entre a atriz negra Yolanda Braga e o ator branco Leonardo Villar. Porém, 19 anos depois o autor Gilberto Braga em *Corpo a Corpo* (1984) introduziu na trama um casal interracial formado por Marcos Paulo e Zezé Motta que foi rechaçado violentamente pelo público. A atriz disse<sup>56</sup> à Folha de São Paulo: “Um jornal ouviu

---

<sup>52</sup> O autor Benedito Ruy Barbosa escreveu 313 capítulos da telenovela e saiu da TV Bandeirantes para regressar a TV Globo. sendo substituído por Wilson Aguiar Filho

<sup>53</sup> Os Imigrantes é a quarta maior telenovela da história da teledramaturgia brasileira. Foram 459 capítulos atrás apenas da primeira versão de Chiquititas, do Sistema Brasileiro de Televisão em 1997 (807 capítulos), Redenção, da extinta TV Excelsior em 1966 (596 capítulos) e Caminhos do Coração, da TV Record em 2007 (583 capítulos)

<sup>54</sup> Pantanal foi a primeira telenovela desde a década de 70 a vencer a TV Globo na audiência

<sup>55</sup> Em 2009, a novela teve seus direitos comprados pelo SBT após a falência da TV Manchete e obteve grande audiência novamente

<sup>56</sup> <http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u44112.shtml>

telespectadores sobre o casal. Ficamos espantados com as respostas", diz Zezé. Segundo ela, uma das pessoas dizia que seu par romântico deveria estar sem dinheiro para aceitar beijar uma negra na trama de Gilberto Braga.

Sobre casais homossexuais, o tema abordado por Silvio de Abreu também já fora exposto em telenovelas, inclusive com beijos *gays*. Em *Um Sonho a mais* (1985), Ney Latorraca (travestido de mulher) beija Carlos Kroeber. Em *A Próxima Vítima* não há o beijo entre os personagens de André Gonçalves e Lui Mendes. Em *Torre de Babel* (1998), o casal gay formado por Christiane Torloni e Silvia Pfeiffer foi tão rejeitado pelo público que uma morreu na explosão de um centro comercial. Apenas em *Amor à Vida* (2013), o beijo voltou a acontecer entre o carismático e arrependido personagem Félix, de Matheus Solano (2013), e Niko, de Thiago Fragoso, encontram os lábios por nove segundos.

#### 2.4. A telenovela e as redes sociais

A chegada de novas mídias provocou uma grande mudança na televisão brasileira. Soberana, a Rede Globo de Televisão e suas telenovelas conhecidas em todo o planeta começaram a ver a audiência de seus folhetins caírem vertiginosamente. As transformações do telespectador estão em toda a parte. Desde o horário em que permanece acordado para ver televisão, passa pelo conteúdo que assiste e termina até mesmo em que mídia vai assistir sua telenovela ou programa favorito.

O primeiro resultado disso foi a queda da audiência. A diminuição de telespectadores acarreta em menor valor comercial dos programas e, portanto, menos receitas para a emissora. No caso da telenovela é ainda pior, já que cada capítulo tem alto valor investido. Audiência baixa, menos patrocinadores e, conseqüentemente, menos dinheiro.

Um dos maiores sucessos dos últimos anos, a telenovela *Avenida Brasil* (2012) pode ser utilizada como exemplo. Ela custou aos cofres da emissora cerca de 13 milhões de euros, cerca de 72 mil euros por capítulo. Com grande audiência o faturamento da emissora também é grande e passou dos 580 milhões de euros no período que a telenovela esteve no ar incluindo merchandising, comerciais e venda dos direitos de transmissão para 130 países.

Becker (2012, p.109) entende que “a necessidade de medir a audiência nasceu com os meios de comunicação. A subsistência dos meios de comunicação depende dela. Tem um papel vital para funcionar, a TV precisa de audiência para existir.”

No entanto, o incessante trabalho da Rede Globo e, principalmente, seus departamentos de marketing e transmídia têm feito diferença no resgate a audiência. Outro dispositivo que colaborou foi o aplicativo Globo Play. Para assinantes, com custo de cerca de 4,30 euros<sup>57</sup> pode-se assistir os programas que quiser no horário desejada, rompendo um pouco com a tradicional maneira de se ver a telenovela.

Jenkins (2009) relata que as mídias diferentes atraem públicos distintos e que é preciso ter material para sustentar múltiplos clientes:

“Mídias diferentes atraem nichos de mercados diferentes. Filmes e televisão provavelmente têm os públicos mais diversificados; quadrinhos e games, os mais restritos. Uma boa franquia transmídia trabalha para atrair múltiplas clientelas, alterando um pouco o tom do conteúdo de acordo com a mídia. Entretanto, se houver material suficiente para sustentar as diferentes clientelas – e se cada obra oferecer experiências novas -, é possível contar com um mercado de intersecção que irá expandir o potencial de toda a franquia”. (JENKINS, 2009:138)

---

<sup>57</sup> Em reais, o Globo Play custa 18,90 por mês

A Rede Globo aumentou a cobertura das telenovelas nas redes sociais fazendo *spin offs*, perfis - das telenovelas e de personagens - nas principais redes sociais e até jogos. Em parceria com a empresa de pesquisas, Ibope, o *Twitter* criou o IBOPE *Twitter* TV Ratings para mensurar o engajamento dos programas de televisão na rede social.

“A conversação em torno de uma atração pode começar horas antes da exibição e seguir por muito tempo depois do término da transmissão. A discussão provocada pela programação da televisão se tornou um processo contínuo, cujo ápice permanece durante a exibição do show. Verifica-se assim a importância da grade de programação na orientação da conversação se constatar que a alteração na lista dos assuntos mais comentados acompanha, em maior ou menor grau, a sequência de programas da grade televisiva (CANATA, 2014:109)”

Alguns programas como o *Master Chef*, da TV Bandeirantes, estimulam o uso das ferramentas na televisão. As telenovelas não fazem isso - ainda -, mas têm grandes resultados. Na semana entre 17 e 23 de julho de 2017, a telenovela *A Força do Querer* (2016) teve cinco capítulos<sup>58</sup> entre os dez programas mais comentados no *Twitter*. Foram 25,4 milhões de impressões, 54,8 mil autores únicos em 180,8 mil tweets. Isso em apenas uma semana de exibição de uma telenovela que ficou mais de seis meses no ar.

“Palavras impressas não eliminaram as palavras faladas. O cinema não eliminou o teatro. A televisão não eliminou o rádio. Cada meio antigo foi forçado a conviver com os meios emergentes. É por isso que a convergência parece mais plausível como uma forma de entender os últimos dez anos de transformações dos meios de comunicação do que o paradigma da revolução digital. Os velhos meios de comunicação não estão sendo substituídos. Mais propriamente, suas funções e status estão sendo transformados pela introdução de novas tecnologias”. (JENKINS, 2009: 41-42).

Tabela 7: As telenovelas e audiências na era das redes sociais<sup>59</sup>

---

<sup>58</sup> <https://www.kantaribopemedia.com/kttr-type/kantar-twitter-tv-ratings-1707-a-230717/>

<sup>59</sup> A tabela foi produzida a partir das informações da Memória Globo

Telenovela	Autor	Ano	Audiência Média <sup>60</sup>
<i>Avenida Brasil</i>	João Emanuel Carneiro	2012	39
<i>Salve Jorge</i>	Gloria Perez	2012-2013	34
<i>Amor à Vida</i>	Walcyr Carrasco	2013-2014	36
<i>Em família</i>	Manoel Carlos	2014	30
<i>Império</i>	Aguinaldo Silva	2014-2015	33
<i>Babilônia</i>	Gilberto Braga	2015	25
<i>A Regra do Jogo</i>	João Emanuel Carneiro	2015-2016	28
<i>Velho Chico</i>	Benedito Ruy Barbosa	2016	29
<i>A Lei do Amor</i>	Maria Adelaide Amaral	2016-2017	27
<i>Força do Querer</i>	Gloria Perez	2017	35
<i>Outro lado do Paraíso</i>	Walcyr Carrasco	2017-2018	38

O quadro acima mostra uma variação da audiência na telenovela das 21 horas. Diversos fatores podem ser apontados como causa para essa variação: qualidade das telenovelas, gosto dos telespectadores. Mas pesquisas feitas pelo governo do Brasil apontam que o brasileiro ainda tem a televisão<sup>61</sup> como sua maior fonte de entretenimento e informação, com números bem acima da internet. Além disso, 77% afirmaram que assistem televisão

<sup>60</sup> <https://audienciadatvmix.wordpress.com/audiencia-de-novelas/seriesminisseries-no-ar/>

<sup>61</sup> file:///C:/Users/rodri/Downloads/Pesquisa%20Brasileira%20de%20Mi%CC%81dia%20-%20PBM%202016.pdf

todos os dias. O número é maior do que os obtidos em pesquisas anteriores. Em 2015<sup>62</sup>, 73% disseram ter o hábito de assistir televisão diariamente. Em 2014<sup>63</sup>, 65% afirmaram o mesmo. A internet não está ganhando o espaço da televisão no Brasil, segundo a pesquisa da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil.

Nos primórdios das redes sociais não existia muito do que vem sendo falado. Um dos primeiros casos de reação a telenovelas nas redes sociais aconteceu em *Laços de Família* (2000). A trama de Manoel Carlos revelou uma enorme rejeição ao personagem Camila, que rouba o namorado Edu da mãe.

“O fanatismo mais moderno, virtual, também ganhou espaço. Na época, foi criado até o site ([www.euodeioacamila.cjb.net](http://www.euodeioacamila.cjb.net)), exclusivo para os que simplesmente não aguentavam mais a Camila (Carolina Dieckmann), de *Laços de Família*, com uma lista de vários motivos para odiá-la: tinha traído a confiança da mãe, era dissimulada, infantil e chorona, estava sempre com cara de tédio e achava a Íris (Deborah Secco) uma intrometida. A homepage recebeu mais de 600 e-mails não só do Brasil inteiro como da Argentina, Estados Unidos, Alemanha, Espanha e até do Japão” (ALENCAR, 2002:91)

Outro caso ainda no início da internet que teve bastante repercussão foi a personagem de Gabriela Duarte, em *Por Amor* (1997), também de Manoel Carlos. O protesto exigia a morte da personagem, mas o público acabou se rendendo após alguns meses de telenovela.

“O recorde desse tipo de protesto foi o de Maria Eduarda de Gabriela Duarte em *Por Amor*, com cerca de oito mil visitas em um mês. A página dizia o seguinte: “Exigimos a morte dessa chata o mais rápido possível!”. Só que o mesmo pessoal que queria vê-la morta acabou implorando para que o personagem ficasse até o final. Foi o bom trabalho, com extrema sensibilidade, de Gabriela

---

<sup>62</sup> Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil. Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira  
file:///C:/Users/rodri/Downloads/Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20-%20PBM%202015.pdf

<sup>63</sup> Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República do Brasil. Hábitos de Consumo de Mídia pela População Brasileira  
file:///C:/Users/rodri/Downloads/Relat%C3%B3rio%20Final%20Pesquisa%20Brasileira%20de%20M%C3%ADdia%20(2014).pdf

Duarte e Carolina Dieckmann que mudou a opinião do público”  
(ALENCAR,2002: 91).

### 3. A origem da violência no Rio de Janeiro

O Rio de Janeiro teve problemas com a violência desde o começo. Sua fundação ocorreu por conta de uma guerra entre franceses e portugueses em 1565 quando o primeiro tentou invadir as terras recém-descobertas por Portugal. O Rio de Janeiro em seus dois primeiros anos de existência assistiu a uma guerra com a França de um lado e uma parceria inusitada entre portugueses e índios tupinambás do outro.

O início do segundo ciclo de violência começou quando o primeiro-ministro<sup>64</sup> Marquês de Pombal trocou a capital de Salvador para o Rio de Janeiro em 1763. E chegou ao seu auge com um conflito entre portugueses e franceses, novamente, em 1806. Portugal, aliado da Grã-Bretanha, se recusou a aderir ao Bloqueio Continental decretado pela França. O imperador Napoleão Bonaparte ameaçou os portugueses sobre uma invasão francesa pela desobediência e estabeleceu um projeto de inserir sua própria família real na Península Ibérica. Sem ter como lutar contra a França e com o apoio militar da Grã-Bretanha, a corte portuguesa se transferiu para o Brasil em 1808, levando mais de 15 mil pessoas segundo relatos do oficial da marinha inglesa Thomas O'Neil em suas memórias publicadas no século XIX.

No entanto, esses números são fortemente questionados por historiadores, visto que, este número é proporcional a 7,8% dos moradores do concelho de Lisboa em 1864<sup>65,66</sup>, ou seja, 58 anos após a ida, repentina, da família real ao Brasil.

Cavalcanti (2004) conta que concluiu “que na comitiva de 1808 chegaram apenas 211 pessoas, além de 14 membros da família real, sucedidos por 233 em 1809, o que dá um

---

<sup>64</sup> Na época, o cargo chamava-se Secretário de Estado dos Negócios Interiores do Reino

<sup>65</sup> [https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos\\_historia\\_pt\\_1864](https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=censos_historia_pt_1864)

<sup>66</sup> Em 1864 foi realizado o primeiro censo de Portugal

total de 458 pessoas. Como imaginar que 15 mil homens e mulheres (8% da população de Lisboa) fugiram em segredo e que o Rio de Janeiro teve sua população aumentada em 20% de um dia para o outro? As embarcações não comportavam tanta gente”.

Tabela 8: A população do Rio de Janeiro em 1808 e 1821<sup>67</sup>

Ano	Total
1808	60.000
1821	150.000

A chegada da família real ao Brasil trouxe inúmeros benefícios ao país e, em especial, ao Rio de Janeiro. O desenvolvimento da cidade foi fomentado com a criação da Academia Militar, a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios e a Academia Imperial de Belas Artes, Biblioteca Nacional, Jardim Botânico, a Gazeta do Rio de Janeiro, o Banco do Brasil, Casa da Moeda, o Real Gabinete Português de Leitura, o Teatro São João, entre outros.

Se por um lado, a chegada da corte portuguesa trazia prosperidade, dinheiro e evolução ao Rio de Janeiro, por outro o crescimento acelerado pela expansão desenfreada, sem um planejamento adequado, traria prejuízos que são sentidos até hoje.

Figura 7: O Rio de Janeiro no século XIX<sup>68</sup>

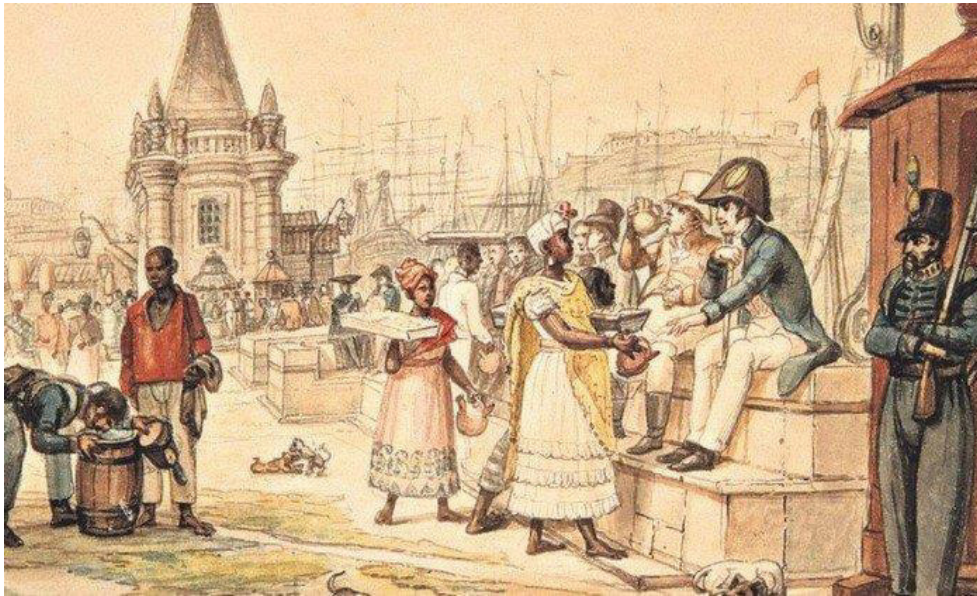
---

<sup>67</sup> Fonte: Atlas Histórico do Brasil

<https://atlas.fgv.br/marcos/transerencia-da-familia-real/mapas/transformacoes-no-rio-de-janeiro-1808-1821>

<sup>68</sup> Fonte: Reprodução obra de Jean-Baptiste Debret

<https://oglobo.globo.com/rio/obra-de-debret-que-retratou-cotidiano-da-cidade-no-seculo-xix-sera-tema-de-mostra-15404860>



Quando a família real desembarcou no Rio de Janeiro em 1808, a cidade tinha 71 ruas, 27 becos, sete travessas, cinco ladeiras e 60 mil habitantes, sendo que cerca da metade deles eram escravos. Só a corte que chegava<sup>69</sup> representava um aumento de 25% na população carioca da noite para o dia. Mesmo segundo as contas mais modestas de Cavalcanti (2004), o número provocaria grande impacto, visto que seriam quase cinco habitantes novos para cada rua ou beco, sendo que as construções à época eram escassas e demoradas. Além disso, a demanda por casas fez com que os preços dos aluguéis crescessem de forma desordenada aumentando o empobrecimento de parte da população. Com isso, a expansão da cidade foi acelerada com abertura de ruas e dezenas de aterros para que houvesse mais espaço para a construir, visto que a cidade tem muitos acidentes geográficos que deixavam as regiões isoladas.

---

<sup>69</sup> Seguindo as informações do oficial Thomas O`Neil

“... o Rio era uma cidade apertada, limitada pelos Morros do Castelo, de São Bento, de Santo Antônio e da Conceição. Ocupava, entretanto, um chão duramente conquistado à natureza, através de um processo de dissecação de brejos e mangues que já durava mais de três séculos. Além dos morros havia apenas alguns tentáculos, que se dirigiam aos “sertões” do sul, do oeste e do norte. (...). Era também uma cidade em que a maioria da população era escrava. Quase que uma cidade de mercadorias. Poucos eram os trabalhadores livres, e reduzidíssima a elite administradora/militar/mercantil que lhe dirigia política e economicamente. A falta de meios de transporte coletivo e as necessidades de defesa faziam com que todos morassem relativamente próximos uns aos outros, a elite local diferenciando-se do restante da população mais pela forma — aparência de suas residências do que pela localização das mesmas.” (ABREU, 1997:35).

O jornalista e escritor Laurentino Gomes, autor de uma trilogia sobre a chegada da família real ao Brasil, escreveu em seu primeiro livro chamado 1808<sup>70</sup>: “Roubos e assassinatos aconteciam a todo o momento. No porto, navios eram alvos de pirataria. Gangues e arruaceiros percorriam as ruas atacando as pessoas a golpes de faca e estilete”.

Já no início do século XIX a violência era um dos problemas a serem solucionados no Rio de Janeiro. A criação da Intendência Geral de Polícia da Corte é uma tentativa de Dom João VI para conter a alta criminalidade da cidade. A ideia consistia em uma mistura de secretaria de segurança civil com a Guarda Real de Polícia, esta última, militar.

Um dos grandes problemas atuais da cidade do Rio de Janeiro são as balas perdidas que acertam cidadãos inocentes em meio a confrontos entre traficantes ou dos mesmos com policiais. Foram muitas vítimas no estado do Rio de Janeiro. Mas nem as balas perdidas são exatamente uma novidade. Em entrevista ao Jornal O Globo<sup>71</sup>, o jornalista e escritor Laurentino Gomes alerta para o antecessor das balas perdidas no século XIX: “Uma agressão muito comum na época de Dom João eram as “pedras perdidas”: o sujeito estava

---

<sup>70</sup> <https://www.portoeditora.pt/produtos/ficha/1808/16069691>

<sup>71</sup> [https://oglobo.globo.com/rio/as-raizes-da-violencia-no-rio-21804502?utm\\_source=Twitter&utm\\_medium=Social&utm\\_campaign=O%20Globo](https://oglobo.globo.com/rio/as-raizes-da-violencia-no-rio-21804502?utm_source=Twitter&utm_medium=Social&utm_campaign=O%20Globo)

andando na rua e recebia uma pedrada disparada não se sabia de onde. A mulher do embaixador americano foi vítima de uma pedra perdida”.

### 3.1. Histórico da violência no Rio de Janeiro

O bairro da Cidade de Deus não é o mais antigo, nem o mais violento da cidade. Não é também a primeira comunidade do Rio de Janeiro - esta, o Morro da Providência -, mas sua história - junto com a Vila Kennedy e Vila Aliança - ajuda a contar um pouco do problema da violência no Rio de Janeiro no século XX.

O termo favela tem duas origens possíveis. A primeira delas seria que essa primeira encosta ocupada era repleta de uma espécie de grama - que se chamava favela - e era encontrada nos arredores do Arraial de Canudos. A segunda hipótese é que o Morro da Providência lembrasse Canudos, de onde vieram muitos soldados após a guerra. (HORTA, 2002).

O ano de 1964 é marcado por diversos acontecimentos históricos no Brasil, o principal deles o golpe militar do dia 1 de abril que destituiu o presidente João Goulart do poder e deu posse ao general Humberto de Alencar Castelo Branco, duas semanas depois. Um dos apoiadores do golpe militar foi o governador da Guanabara,<sup>72</sup> Carlos Lacerda.

---

<sup>72</sup> Com a criação de Brasília e a transferência da capital do Rio de Janeiro para a região Centro-Oeste do país foi criado o estado da Guanabara em 1960. Em 1975, o governo federal fundiu a Guanabara ao Rio de Janeiro, sendo que o território da antiga Guanabara passava a ser capital do estado

Lacerda era um homem bastante influente na política nacional. Em 1954, era o maior crítico do então presidente Getúlio Vargas, que, acusado de ter mandado assassinar seu rival político, se suicidou no Palácio do Catete em 24 de agosto de 1954.

O governo do estado da Guanabara na gestão Lacerda teve como um de seus principais ideais políticos a remoção das favelas. A ideia não era nova e já tinha ocorrido em pelo menos duas outras oportunidades quando Pereira Passos<sup>73</sup> colocou em prática seus planos urbanísticos e sanitários no Centro da cidade no início do século XX. A remoção provocou um aumento no número de moradores no Morro da Providência e no Morro de Santo Antônio. Outro fator que contribuiu para o surgimento do Morro da Providência foram os soldados regressos da Guerra de Canudos, que sem moradia foram para o morro, que tinha localização central e ficava nas cercanias do Palácio Duque de Caxias, onde prestavam serviço militar.

O historiador Milton Teixeira conta um pouco da origem do Morro em entrevista ao site G1<sup>74</sup>: “Depois de uma confusão em que tentaram matar o prefeito, estabeleceu-se um caos, uma grande desordem. Em função disso, os soldados foram desmobilizados. Eles saem do Ministério do Exército desempregados e sem ter como viver. Atrás dali tinha o Morro da Providência e eles ocupam esse morro. (...) Todos os escravos do Vale do Paraíba – 200 mil – invadem a cidade do Rio de Janeiro. Aqui eles não tinham onde morar, começam a surgir os primeiros mendigos e o conceito de multidão”.

O prefeito Henrique Dodsworth<sup>75</sup> também promoveu remoções de favelas em virtude da inauguração da Avenida Presidente Vargas, porém o fez com mais cuidado. Quatro favelas

---

<sup>73</sup> Pereira Passos foi prefeito do Rio de Janeiro de 1902 a 1906

<sup>74</sup> <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/rio-450-anos/noticia/2015/01/conheca-historia-da-1-favela-do-rio-criada-ha-quase-120-anos.html>

<sup>75</sup> Henrique Dodsworth foi nomeado prefeito do Distrito Federal (Rio de Janeiro) de 11 de novembro de 1937 a 3 de novembro de 1945

foram destruídas e oito mil pessoas foram realocadas em três centros proletários na Lagoa, Gávea e Caju.

“Em 1906, com o término da administração de Passos, chegava ao fim a era das demolições. Naquele chuvoso 15 de novembro, quando Rodrigues Alves e seus auxiliares diretos inauguravam oficialmente a Avenida Central, 1681 habitações haviam sido derrubadas, quase vinte mil pessoas foram obrigadas a procurar nova moradia no curto espaço de quatro anos. As reformas do governo de Rodrigues Alves marcaram profundamente a vida no Rio de Janeiro” (ROCHA, 1995:69)

Na década de 1960, Lacerda voltou com a política das remoções, mas ao contrário de seus antecessores, tinha como ideia acabar com todas as favelas do Rio de Janeiro. No Censo de 1948, esse número era de 138.837 moradores em 105 comunidades. Lacerda removeu 41.958 moradores durante seu mandato e a política de remoção seguiu no governo Negrão de Lima<sup>76</sup> que retirou mais 70.595 moradores de suas casas.

Sem casa e sem ter para onde ir, os moradores removidos da favela foram para outras regiões da cidade em lugares sugeridos pelo governo: Vila Kennedy<sup>77</sup> e Vila Aliança<sup>78</sup> - à margem da Avenida Brasil, na região de Bangu, e Cidade de Deus, em Jacarepaguá. Os moradores das favelas removidas moravam em comunidades da Zona Sul - Lagoa (Morro do Pinto) e Botafogo (Morro do Pasmado) - e Zona Norte (Maracanã). A Vila Kennedy e Vila Aliança ficam a cerca de 43 quilômetros do Centro do Rio de Janeiro, enquanto a Cidade de Deus dista mais de 30 quilômetros. Paralelamente, crescia a favela da Rocinha em uma das zonas mais ricas do Rio de Janeiro.

---

<sup>76</sup> Francisco Negrão de Lima foi governador do Estado da Guanabara de 1965 até 1971

<sup>77</sup> Vila Kennedy tem esse nome por causa do presidente americano John Kennedy. O dinheiro para a construção do conjunto habitacional foi oriundo do governo americano. Dois meses antes da conclusão do projeto brasileiro, o presidente americano foi alvejado na cabeça e faleceu

<sup>78</sup> O nome Vila Aliança vem do mesmo projeto da Vila Kennedy que chamava-se Aliança para o Progresso

No entanto, a ocupação da Rocinha aconteceu de forma diferente. Na década de 1930, a área era a abastecedora de hortaliças por imigrantes portugueses e espanhóis. Na década de 1960 começou a expansão da favela com a chegada de grande número de nordestinos que não tinham onde morar e construíram casas de papelão na região. Eles vinham para o Rio de Janeiro seduzidos pela oferta de trabalhos principalmente para a construção dos túneis Rebouças e Dois Irmãos. Hoje a comunidade tem cerca de 69 mil habitantes e é umas das maiores favelas do mundo.

As três áreas citadas são bons exemplos de como a população mais pobre da cidade foi deixada de lado por seus governantes. E na ausência do estado e de seus investimentos fizeram nascer a primeira facção criminosa organizada: o Comando Vermelho, que surgiu dentro do presídio da Ilha Grande, primeiro com o nome de Grupo União<sup>79</sup>, depois de Falange Vermelha até se chegar ao Comando Vermelho.

A ideia de organização dos criminosos surgiu de uma sugestão dos presos políticos que estavam no mesmo presídio e chamaram a atenção dos demais presos para a necessidade de uma organização para que sobrevivessem ali em condições muito difíceis tanto de localização como sanitárias e de guerra com outros presos.

A primeira atitude do Comando Vermelho foi ajudar os que estavam presos. Os que saíam e voltavam para o crime pagavam uma taxa de 10% para os que não haviam deixado a prisão. Os assaltos a banco não rendiam o suficiente e os bandidos encontraram no tráfico de drogas a atividade ideal para aumentar sua receita. O *bunker* ideal para levar a droga, embalar e guardar o dinheiro era onde o Estado não alcançava: as favelas, que na década de 1970 aumentavam muito pela crise econômica do governo militar que empobrecia o povo.

---

<sup>79</sup> <https://revistatrip.uol.com.br/trip/entrevista-com-andre-torres-fundador-do-comando-vermelho-crime-organizado-1997>

Na década de 1980, os bandidos começaram a mostrar o quão organizados estavam e a desafiar o Estado. No último dia do ano de 1985, um dos líderes do Comando Vermelho, José Carlos dos Reis Encina, conhecido nacionalmente como Escadinha, que estava detido no presídio da Ilha Grande, justamente onde foi idealizada e criada a facção criminosa, foi resgatado pelos seus companheiros de uma forma feita para afrontar as autoridades. Um helicóptero pousou no presídio e pegou o traficante e sua mulher. Dois anos depois, novamente preso, Escadinha tentou a mesma fuga, só que no presídio Frei Caneca, no centro do Rio de Janeiro. No entanto, desta vez, a tentativa falhou e três pessoas morreram.

A violência não acontecia apenas nas áreas de favela ou tráfico de drogas, outras modalidades eram comuns. Os assaltos a banco na década de 1970, o tráfico de drogas, os assaltos a pedestres nos anos 1980, os sequestros no fim da década de 1990, assaltos a carro-forte na década de 2000. Sem citar o roubo de cargas, tráfico de armas sempre mantiveram em alta os índices de criminalidade da cidade e do Estado do Rio de Janeiro.

O historiador Raul Melo Neto, em entrevista por e-mail<sup>80</sup>, explica alguns fatores que contribuíram para o aumento da criminalidade: “No final dos anos 1970 com o aumento das facções criminosas a nível estadual e a contravenção e a partir dos anos 80 com o crescente aumento da péssima distribuição de renda e a falta de continuidade de políticas educacionais e governos assistencialistas”.

Para ganhar a confiança dos moradores de favela, os traficantes faziam - e fazem - muitas vezes o papel do Estado pagando despesas médicas dos moradores, ajudando na alimentação, organizando festas nas comunidades e dando segurança. No código interno dos bandidos é proibido estupro nas comunidades, assalto aos moradores e assédio as mulheres de outros bandidos. Assim, através do assistencialismo os traficantes conseguem

---

<sup>80</sup> A entrevista completa está no anexo 5

a simpatia dos moradores que, em troca, ficam em silêncio quando os policiais fazem abordagens em busca de informações. Outra maneira que os traficantes têm de conseguir o apoio dos moradores é o da violência, assustando os trabalhadores que lá vivem e acabam compactuando com os bandidos por medo.

Nos anos 1980, mais especificamente no governo de Leonel Brizola<sup>81</sup>, estabeleceu-se o cenário propício para a proliferação do crime. Após muitas denúncias de torturas, intimidações e mortes dos moradores em operações da polícia no morro, o governador decretou que as ações policiais em favelas só seriam feitas com anuência dele mesmo, a fim de garantir que os direitos humanos dos moradores das favelas fossem respeitados.

Junto a isso, o governo tentava inserir as favelas nos bairros e criou programas de saneamento básico, eletricidade e água. Porém, o grande lucro proveniente do tráfico de drogas e a descontinuidade<sup>82</sup> da política de educação e segurança pública, principalmente no governo Wellington Moreira Franco<sup>83</sup> fez com que a ideia de Leonel Brizola naufragasse e os números da violência dobrassem na década de 1980.

### 3.2. Números da violência no Rio de Janeiro

Como vimos, a violência é uma marca brasileira, principalmente desde o século XIX. A situação no Rio de Janeiro começou a se deteriorar no início do século XX com o início da

---

<sup>81</sup> Leonel Brizola governou o estado do Rio de Janeiro em duas oportunidades. A primeira de 1983 a 1987 e a segunda de 1991 a 1994

<sup>82</sup> O governo Leonel Brizola construiu mais de 500 escolas chamadas Cieps - Centro Integrados de Educação Pública. As obras arquitetônicas ficaram a cargo de Oscar Niemeyer e a política educacional era responsabilidade do educador e antropólogo Darcy Ribeiro

<sup>83</sup> Wellington Moreira Franco foi governador do estado do Rio de Janeiro entre 1987 e 1991

favelização, mas se agravou realmente na década de 1970 quando as facções criminosas se organizaram. Na década seguinte, os bandidos deixaram os assaltos de lado e focaram no tráfico de drogas, atividade muito mais lucrativa depois que o preço da cocaína caiu e ela deixou de ser considerada droga de elite.

No Brasil, a Constituição Federal, promulgada em 1988, diz em seu artigo 144<sup>84</sup> que “a segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio, através dos seguintes órgãos: polícia federal, polícia rodoviária federal, polícia ferroviária federal, polícias civis, polícias militares e corpos de bombeiros militares”.

Então, vale ressaltar que a segurança não é uma atribuição do município, muito embora o mesmo possa contribuir. Assim foi feito com a criação da Guarda Municipal do Rio de Janeiro em 1992, porém, a mesma não tenha poder de polícia e não possui armas letais.

A década de 1990 é a mais violenta da história do estado do Rio de Janeiro. O Comando Vermelho deixou de dominar as ações nos morros e duas novas facções foram criadas a partir de dissidências. O ADA - Amigo dos Amigos - foi criado em 1994, mesmo ano de fundação do Terceiro Comando.

Com isso, a população teve que conviver além da guerra entre policiais e traficantes pela segurança pública, a guerra entre traficantes pelas disputas territoriais e pontos de tráfico de droga na cidade e no estado do Rio de Janeiro.

A explosão da violência urbana no Rio de Janeiro com o nível de mortes violentas chega a 64,8 para cada 100 mil habitantes no estado do rio de Janeiro e 75 para 100 mil na capital. Se o Rio de Janeiro fosse um país ficaria na segunda colocação mundial entre os mais

---

<sup>84</sup> [https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/art\\_144\\_.asp](https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_144_.asp)

violentos em 2012, ficando atrás apenas de El Salvador que tem taxa de 108,6 para cada 100 mil habitantes. Isso significa que todos os anos 0,18% da população salvadorenha é assassinada violentamente.

O ano de 1994 é o último da gestão Leonel Brizola que deixa um legado de incapacidade no combate a violência e os índices chegam a níveis nunca alcançados na história do estado até então.

No total da década, foram 75.130<sup>85</sup> pessoas vítimas de homicídios, uma média de 20 mortes por dia.

Tabela 9:<sup>86</sup>Número de homicídios violentos no Rio de Janeiro na década de 1990

Ano	Mortes Violentas	Taxa por 100 mil habitantes no Estado	Taxa por 100 mil habitantes na capital
1991 <sup>8788</sup>	7.723	60,3	65,2
1992	7.932	61,1	67,4
1993 <sup>89</sup>	7.985	60,7	70,3
1994 <sup>9091</sup>	8.631	64,8	75,9

<sup>85</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro - <http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>86</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro - <http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>87</sup> Dois anos antes, Marcello Alencar fora eleito prefeito do Rio de Janeiro

<sup>88</sup> Leonel Brizola é eleito governador do estado do Rio de Janeiro em 1991 e assume em 1º de janeiro de 1993

<sup>89</sup> Cesar Maia é eleito prefeito do Rio de Janeiro em 1992 e assume em 1º de janeiro de 1993

<sup>90</sup> Leonel de Brizola renuncia ao governo do estado do Rio de Janeiro e assume Nilo Batista

<sup>91</sup> Marcello Alencar é eleito governador do Estado do Rio de Janeiro em 1994 e assume em 1º de janeiro de 1995

1995	8.638	64	69,2
1996 <sup>92</sup>	7.425	54,3	56,8
1997	7.040	50,8	51,8
1998 <sup>93</sup>	6.371	45,4	38,4
1999	6.401	45	46,1
2000 <sup>94</sup>	6.993	48,6	53,7

A década de 2000 mostra uma estabilização da violência em índices altos, porém não altos tanto quanto na década anterior. Os números no final da década começam a baixar - principalmente na capital - por conta das Unidades de Polícia Pacificadora (UPP) que tiveram grande sucesso em sua implementação.

Segundo Soares (2000), no Rio de Janeiro a relação entre a atuação policial e os moradores das favelas só obteve sucesso quando ocorrida de forma permanente, ou seja, a polícia permaneceu a ocupar as comunidades e em parcerias com os moradores da mesma, atuando concomitantemente com outros agentes do estado para saber as demandas dos moradores das favelas em relação ao estado.

Em sete anos foram instaladas 42 unidades em morros da cidade do Rio de Janeiro. O aumento da violência no interior muito tem a ver com a chegada da Unidade de Polícia Pacificadora a capital do Rio de Janeiro. Muitos traficantes fugiram para o interior a fim de evitar confrontos e manter seus negócios em novas áreas que não fossem necessários os

---

<sup>92</sup> Luiz Paulo Conde é eleito prefeito do Rio de Janeiro em 1996 e assume em 1º de janeiro de 1997

<sup>93</sup> Anthony Garotinho é eleito governador do Estado do Rio de Janeiro em 1997 e assume em 1º de janeiro de 1998

<sup>94</sup> Cesar Maia é eleito prefeito do Rio de Janeiro em 2000 e assume em 1º de janeiro de 2001

confrontos com outras facções criminosas ou com a polícia, ainda assim mantendo a distribuição de drogas pela cidade do Rio de Janeiro.

No total da década, foram 74.408<sup>95</sup> pessoas vítimas de homicídios violentos, uma média de 20 mortes por dia, assim como na década anterior.

Tabela 10:<sup>96</sup> Número de homicídios violentos no Rio de Janeiro na década de 2000

Ano	Mortes Violentas	Taxa por 100 mil habitantes	Taxa por 100 mil habitantes na capital
2001	7.083	48,7	50,6
2002 <sup>9798</sup>	8.043	54,7	58,3
2003	8.054	54,3	58,3
2004 <sup>99</sup>	7.645	51	57,2
2005	7.987	52,7	53,1
2006	7.649	49,9	53,6
2007 <sup>100</sup>	7.699	49,7	54,6
2008 <sup>101</sup>	7.314	45,6	46,2

<sup>95</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro - <http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>96</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro - <http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>97</sup> Anthony Garotinho renuncia ao governo do estado do Rio de Janeiro e assume Benedita da Silva

<sup>98</sup> Rosinha Garotinho é eleita governadora do Estado do Rio de Janeiro em 2001 e assume em 1º de janeiro de 2002

<sup>99</sup> Cesar Maia é reeleito prefeito do Rio de Janeiro

<sup>100</sup> Sérgio Cabral Filho é eleito governador do Estado do Rio de Janeiro em 2005 e assume em 1º de janeiro de 2006

<sup>101</sup> Eduardo Paes é eleito prefeito do Rio de Janeiro em 2008 e assume em 1º de janeiro de 2009

2009	7.106	44,9	46,3
2010	5.828	36,4	34,9

A década de 2010 começa com os níveis de violência mais baixos da história recente tanto na cidade do Rio de Janeiro quanto no estado do Rio de Janeiro. Porém, a partir de 2013, o número de assassinatos volta a crescer.

Neste período a cidade do Rio de Janeiro teve a presença do exército para ajudar na segurança da Copa do Mundo de 2014, presença que se repetiria dois anos depois quando a cidade receberia os Jogos Olímpicos. Embora os dois eventos tenham sido considerados pelos governos e pela imprensa grandes sucessos na área da segurança pública, quase todos os índices de criminalidade tiveram aumento no período.

Em 2012, o ex-governador Anthony Garotinho acusou o então governador Sergio Cabral Filho de receber subornos em cima das obras realizadas pelo governo do estado. Em 2016, Cabral foi preso na Operação Lava Jato e tornou-se réu por corrupção passiva, lavagem de dinheiro e evasão de divisas. O agora ex-governador já foi condenado em mais cinco processos e suas penas somadas ultrapassam os 100 anos. Ele ainda responde a mais 17 processos.

Até 2007, foram 8.714<sup>102</sup> mortes violentas no estado. O equivalente a 15 homicídios por dia, uma significativa resolução em comparação com a década anterior.

Tabela 11:<sup>103</sup> Número de homicídios violentos no Rio de Janeiro na década de 2010

---

<sup>102</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro - <http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

Ano	Mortes Violentas	Taxa por 100 mil habitantes	Taxa por 100 mil habitantes na capital
2011 <sup>104</sup>	4.960	30,8	28,1
2012 <sup>105</sup>	4.666	28,7	24,4
2013	5.348	32,7	25,1
2014 <sup>106</sup>	5.719	34,7	24
2015 <sup>107</sup>	5.010	30,3	24,1
2016 <sup>108</sup>	6.262	37,6	29,4
2017	6.749	40	32,5

Outro dado que ajuda a dimensionar o tamanho da violência no Rio de Janeiro é a apreensão de armas. Os dados começaram em 2007 e de lá para cá foram apreendidas quase 100 mil armas no estado do Rio de Janeiro, uma média de 37 armas recuperadas pela polícia todos os dias.

O estudo do Instituto de Segurança ainda aponta que o número de apreensões na cidade do Rio de Janeiro é bem baixo em comparação com o restante do estado. Existem duas maneiras de analisar esses dados. A primeira seria a explicação de que a criminalidade fora da cidade do Rio é maior, dado justificado pelos quadros 9 e 10 que mostram a taxa de

---

<sup>103</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro - <http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>104</sup> Sérgio Cabral Filho é reeleito governador do Rio de Janeiro

<sup>105</sup> Eduardo Paes é reeleito prefeito do Rio de Janeiro

<sup>106</sup> Sérgio Cabral Filho renuncia ao governo do estado do Rio de Janeiro e assume Luiz Fernando Pezão

<sup>107</sup> Luiz Fernando Pezão é reeleito governador do Rio de Janeiro

<sup>108</sup> Marcello Crivella é eleito prefeito do Rio de Janeiro em 2016 e assume em 1º de janeiro de 2017

homicídio maior fora da capital. Outra maneira de se interpretar o quadro é mediante a eficiência da polícia dentro e fora da capital, porém não existe um método seguro para fazer essa avaliação.

É possível dizer que as armas apreendidas pelas forças policiais são apenas uma pequena parte se comparado ao arsenal dos bandidos do Rio de Janeiro. Em 2016, traficantes da Cidade de Deus derrubaram um helicóptero<sup>109</sup> da polícia militar a tiros e, na queda quatro oficiais morreram. A queda de um helicóptero blindado por tiros dá uma ideia do poder de fogo dos traficantes no Rio de Janeiro e os índices de violência da cidade que já foi chamada de maravilhosa.

Em setembro de 2017, o então presidente da República, Michel Temer, decretou a intervenção na Segurança Pública do Rio de Janeiro. Com isso, as Forças Armadas foram convocadas e a responsabilidade pela segurança do Estado passou ao governo federal.

Tabela 12<sup>110</sup>: Armas apreendidas no Rio de Janeiro entre 2007 e 2017

Ano	Armas apreendidas em todo o Estado	Armas apreendidas na capital
2007	11.062	4.389
2008	9.533	3.459
2009	8.914	3.066
2010	7.601	2.494

<sup>109</sup> <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2016/11/19/helicoptero-da-pm-cai-no-rio-durante-troca-de-tiros-quatro-policiais-morrem.htm>

<sup>110</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública  
<http://www.ispvisualizacao.rj.gov.br/Armas.html>

2011	7.435	2.450
2012	7.367	2.290
2013	8.101	2.461
2014	8.649	2.567
2015	8.956	2.930
2016	9.010	2.947
2017	8.706	2.663
Total	95.534	31.716

#### 4. A imagem do Rio de Janeiro nas telenovelas

No dia 21 de abril de 1960, o Rio de Janeiro deixava de ser, oficialmente, a capital do Brasil. Toda infraestrutura política se movimentava para Brasília, uma cidade criada foi construída pelo então presidente Juscelino Kubitschek seguindo as Constituições de 1891, 1934 e 1946 de criar uma cidade no centro geográfico no Brasil. Porém, todos os presidentes anteriores adiaram a ideia para seu sucessor.

No entanto, a capital cultural do país não deixou o Rio de Janeiro. Toda a efervescência cultural e até mesmo política seguia na cidade ainda mais depois do golpe militar de 1964<sup>111</sup>. A cidade concentrou grande parte dos protestos e da repressão militar a quem protestava contra os militares no poder. A Rede Globo foi fundada logo depois em 26 de abril de 1965 e tinha sua sede no Rio de Janeiro, mais precisamente no bairro do Jardim Botânico.

O Rio de Janeiro era a representação da cultura brasileira não só por conta da venda de telenovelas para centenas de países, mas também dentro do território nacional. Com 8.511.965 km, o Brasil é um país de enormes dimensões e a Cidade Maravilhosa com seus cenários paradisíacos eram sonho para os brasileiros que moravam em lugares mais distantes e queriam encontrar artistas nas ruas, conhecer os cenários de telenovelas que ficaram famosos no Rio de Janeiro, além de aproveitar as diversas belezas naturais que a cidade oferecia.

Do Maracanã, onde jogava Duda Coragem pelo Flamengo em *Irmãos Coragem* (1970), pelas discotecas de *Dancin Days* (1978) pelo *topless* de *Água Viva* (1980) e seu exemplo para o empoderamento feminino tudo que passava pelas telenovelas e pelo Rio de Janeiro

---

<sup>111</sup> Em 1 de abril de 1964, os militares tomaram o poder no Brasil e lá ficaram até 1985 sem que o país tivesse eleições diretas para presidente

virava moda. A tristeza pela violência da cidade que saiu das telenovelas e invadiu os jornais, como no caso Daniela Perez, atriz de *De Corpo e Alma* (1992). Os longos e chorosos passeios de moto de Cláudio em *Mulheres Apaixonadas* (2003) mostravam a linda orla carioca, assim como todas as tramas escritas por Manoel Carlos. Ou a verdade mais dura, já com violência, de *Paraíso Tropical* (2007), *Babilônia* (2015) e *A Força do Querer* (2017). Tudo no Rio ditava, ou dita, moda e tendência. Para o bem ou para o mal.

Apesar de ser uma emissora reconhecidamente carioca, a primeira telenovela teve como cenário a cidade de São Paulo. A produção coube a TV Paulista que fora comprada pela Rede Globo em 1964 e como já tinham produzido várias telenovelas desde sua fundação em 1950, coube a *O Ébrio* (1965) ser a primeira.

O período das telenovelas das 20 horas na década de 1960 ficou conhecido como capa e espada “privilegiando tramas de capa e espada, romanticamente fantasiosas e, em geral, ambientadas em longínquos cenários”<sup>112</sup>.

Figura 8: O ator Mario Lago em *A Sombra de Rebecca*<sup>113</sup>

---

<sup>112</sup> <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/ gloria-magadan.htm>

<sup>113</sup> Fonte: Memória Globo

<http://memoriaglobo.globo.com/main.jsp?lumPageId=FF8080813B2DDA1D013B2E2530B920C0&query=A+SOMBRA+DE+REBECCA>



Das oito primeiras telenovelas só a primeira, *O Ébrio* (1965), era ambientada no Brasil (São Paulo). As outras tinham como cenários Áustria, Japão, Antilhas, França, Espanha e Haiti. A cubana Glória Magadan tinha grande poder nas telenovelas e era conhecida como “rainha da telenovela”, pois além de escrever, produzia e supervisionava as próprias telenovelas. Porém, o estilo não durou muito e foi rapidamente superado quando *Beto Rockfeller* (Tupi, 1968) fez estrondoso sucesso.

“O extemporâneo reinado de Glória Magadan, em sua permanente insistência com o mau gosto, terminou enfim com a implementação da nova fórmula vinda de terras paulistas. Na verdade, os homens que ditavam as ordens na emissora carioca - que já começava a se firmar como a poderosa Rede Globo - sentiam-se cansados da interminável sequência de dramalhões que assolara a casa. Era preciso mudar. Tarcísio Meira na pele de um orgulhoso Oficial do Exército de Napoleão e Gloria Menezes liderando os revolucionários em *Rosa Rebelde*, ainda que nas mãos de Janete Clair, traziam a marca registrada da supervisora

Magadan. Era um desperdício comercial no horário nobre da emissora. (...). Com esses entrecos era impossível liderar o Brasil como pretendiam os senhores globais. Assim, a Globo mudou. “A Era Magadan” estava encerrada.” (FERNANDES, 1987:129)

Tabela 12: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 1960<sup>114</sup>

Telenovela	Cidade
<i>O Ébrio</i> (1965)	São Paulo
<i>O Rei dos Ciganos</i> (1966)	Viena (Áustria)
<i>A Sombra de Rebecca</i> (1967)	Tóquio (Japão)
<i>Anastácia, a mulher sem destino</i> (1967)	Paris (França) e Antilhas
<i>Sangue e Areia</i> (1967)	Porto Príncipe (Haiti)
<i>Passos do Vento</i> (1968)	Madri (Espanha)
<i>Rosa Rebelde</i> (1969)	Madri (Espanha)
<i>Véu de Noiva</i> (1969)	Rio de Janeiro

O fim da era Glória Magadan após nove telenovelas em diferentes horários fez surgir a era Janete Clair e, conseqüentemente, o Rio de Janeiro como cenário das telenovelas das 20 horas da TV Globo.

A primeira foi *Véu de Noiva* (1969), já fruto da tentativa de modernização dos temas e diálogos. E o cenário foi o Rio de Janeiro pela primeira vez e a telenovela abusou de usar imagens da cidade principalmente das zonas sul e do Centro.

<sup>114</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

Tabela 14: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 1970<sup>115</sup>

Telenovela	Cidade
<i>Irmãos Coragem</i> (1970)	Coroado <sup>116</sup>
<i>O Homem que deve morrer</i> (1971)	Porto Azul <sup>117</sup>
<i>Selva de Pedra</i> (1972)	Rio de Janeiro
<i>Cavalo de Aço</i> (1973)	Vila da Prata <sup>118</sup>
<i>O Semideus</i> (1973)	
<i>Fogo sobre terra</i> (1974)	Cuiabá
<i>Escalada</i> (1975)	Rio Pardo <sup>119</sup>
<i>Pecado Capital</i> (1975)	Rio de Janeiro
<i>O Casarão</i> (1976)	Sapucaí (São Paulo)
<i>Duas Vidas</i> (1976)	Rio de Janeiro
<i>Espelho Mágico</i> (1977)	Rio de Janeiro
<i>O Astro</i> (1977)	Rio de Janeiro
<i>Dancin Days</i> (1978)	Rio de Janeiro
<i>Pai Herói</i> (1979)	Rio de Janeiro
<i>Os Gigantes</i> (1979)	Pilar <sup>120</sup>

<sup>115</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>116</sup> Cidade fictícia em Goiás

<sup>117</sup> Cidade fictícia em Santa Catarina

<sup>118</sup> Cidade fictícia no Paraná

<sup>119</sup> Cidade Fictícia em São Paulo

<sup>120</sup> Cidade fictícia no Rio de Janeiro

A década de 1970 foi praticamente dividida entre cidades fictícias e o Rio de Janeiro. A primeira foi o grande sucesso *Selva de Pedra* (1972) que parou o país e teve índices incríveis de audiência. O sucesso de *Pecado Capital* (1975) reafirmou a imagem do malandro carioca como aquele que gosta de levar vantagem. O personagem principal, Carlão, era mulherengo, machista e corrupto. Algo raro até então. A imagem do carioca malandro não é criada em *Pecado Capital* (1975), mas sem dúvida é uma afirmação do estereótipo criado.

“*Pecado Capital* exhibe um cidadão sendo corrompido pelo poder do dinheiro, e um viúvo solitário (mesmo vivendo ao redor dos filhos e de uma dezena de puxa-sacos) que reencontra o amor”. (FERNANDES, 1987:132)

Figura 9: A morte de Carlão em *Pecado Capital*<sup>121</sup>

---

<sup>121</sup> Fonte: Memória Globo

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/pecado-capital-1-versao.htm?paginaManter=7&voltar=sim>



No final da década, *Dancin Days* (1978) mostrou a febre da dança que tomou conta do país, particularmente dos clubes do Rio de Janeiro em uma trama que abordava os valores da classe média e alta da cidade.

A década consolidou a liderança de audiência da Rede Globo e criou artistas que viraram heróis nacionais como Regina Duarte, Tarcísio Meira, Francisco Cuoco, Dina Sfat, Cláudio Marzo. Na escrita, Janete Clair dominou grande parte do período e escreveu 60% das produções das 20 horas que foram ao ar. No fim da década, um autor novo ganhava força e teria enorme importância na relação da telenovela com a imagem do Rio de Janeiro: Gilberto Braga.

Tabela 15: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 1980<sup>122</sup>

Telenovela	Cidade
<i>Água Viva</i> (1980)	Rio de Janeiro
<i>Coração Alado</i> (1980)	Rio de Janeiro
<i>Baila Comigo</i> (1981)	Rio de Janeiro
<i>Brilhante</i> (1981)	Rio de Janeiro
<i>Sétimo Sentido</i> (1982)	Rio de Janeiro e Casablanca (Marrocos)
<i>Sol de Verão</i> (1982)	Rio de Janeiro
<i>Louco Amor</i> (1983)	Rio de Janeiro
<i>Champagne</i> (1983)	Rio de Janeiro
<i>Partido Alto</i> (1984)	Rio de Janeiro
<i>Corpo a Corpo</i> (1984)	Rio de Janeiro
<i>Roque Santeiro</i> (1985)	Asa Branca
<i>Selva de Pedra</i> (1986)	Rio de Janeiro
<i>Roda de Fogo</i> (1986)	Rio de Janeiro
<i>O Outro</i> (1987)	Rio de Janeiro
<i>Mandala</i> (1987)	Rio de Janeiro
<i>Vale Tudo</i> (1988)	Rio de Janeiro
<i>Salvador da Pátria</i> (1989)	Ouro Verde e Tangará
<i>Tieta</i> (1989)	Santana do Agreste <sup>123</sup>

<sup>122</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>123</sup> Cidade fictícia na Bahia

A década de 1980 é marcada por enormes sucessos como *Água Viva* (1980), *Roque Santeiro* (1985), *Vale Tudo* (1988) e *Tieta* (1989). Quinze das 18 telenovelas tinham como cenário o Rio de Janeiro e as outras três eram em cidades fictícias.

O destaque absoluto para a imagem do Rio de Janeiro foi *Vale Tudo* (1988). Grande sucesso do autor Gilberto Braga, a trama buscou em 204 capítulos a resposta para a questão: vale a pena ser honesto num país onde todo mundo é desonesto?

“*Vale Tudo* surgiu de uma discussão familiar. Eu estava jantando com parentes próximos e alguém chamou meu padrinho de medíocre e babaca. o meu padrinho, irmão da minha mãe, era delegado de polícia, como meu pai, e sempre foi conhecido como um policial não-corrupto. Disseram: “Ah, ele foi delegado em Foz do Iguaçu e Belém, e poderia estar rico. Todo mundo que foi delegado nesses lugares tem apartamento na viera soute e ele não tem nada, é pobre”. Eu questioneei: “Mas, que critério é esse? Isso não é ser babaca. Ele tem uma vida digna. Tenho muito orgulho de ele não ter se corrompido. *Vale Tudo* nasceu dessa discussão, da figura do meu padrinho e da distorção - presente praticamente em todo o país - dos que acham que quem não é corrupto é babaca. Foi a única novela que antes de fazer a história, eu já tinha a temática. Vale a pena ser honesto num país onde todo mundo é desonesto?” (AUTORES II p.388)

Mais uma vez, a imagem do Rio de Janeiro foi atrelada a corrupção e malandragem, apesar de a telenovela deixar claro que se tratava de um problema nacional e não regional. No último capítulo, o personagem Marco Aurélio foge de jato particular do país com a mulher, que era a assassina da vilã Odete Roitman e faz um gesto de desprezo ao país mostrando que o crime compensava. Do jato era possível observar algumas praias cariocas e a Baía de Guanabara.

Figura 10: A banana de Marco Aurélio ao fugir em *Vale Tudo*<sup>124</sup>

---

<sup>124</sup> Fonte: Reprodução Youtube



Tabela 16: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 1990

125

Telenovela	Cidade
<i>Rainha da Sucata</i> (1990)	São Paulo
<i>Meu Bem Meu Mal</i> (1990)	São Paulo
<i>O Dono do Mundo</i> (1991)	Rio de Janeiro
<i>Pedra Sobre Pedra</i> (1992)	Resplendor <sup>126</sup>
<i>De Corpo e Alma</i> (1992)	Rio de Janeiro
<i>Renascer</i> (1993)	Ilhéus (Bahia)

<sup>125</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>126</sup> Cidade fictícia na Bahia

<i>Fera Ferida</i> (1993)	Tubiacanga <sup>127</sup>
<i>Pátria Minha</i> (1994)	Rio de Janeiro
<i>A Próxima Vítima</i> (1995)	São Paulo
<i>Explode Coração</i> (1995)	Rio de Janeiro
<i>O Fim do Mundo</i> (1996)	Tabacópolis <sup>128</sup>
<i>O Rei do Gado</i> (1996)	Ribeirão Preto (São Paulo)
<i>A Indomada</i> (1997)	Greenville <sup>129</sup>
<i>Por Amor</i> (1997)	Rio de Janeiro
<i>Torre de Babel</i> (1998)	São Paulo
<i>Suave Veneno</i> (1999)	Rio de Janeiro
<i>Terra Nostra</i> (1999)	Gênova (Itália) e São Paulo

A década de 1990 foi marcada pelas cidades fictícias e pelo realismo fantástico<sup>130</sup>. Cerca de 23% das telenovelas do período foram em lugares inventados pelos autores e com cidades cenográficas criadas. Todas elas no Nordeste brasileiro.

A narrativa fantástica mostra a existência de uma outra lógica, sustentada no pressuposto da existência de uma outra lógica, que não a da experiência "real" e cotidiana (Borelli, 2001:34). O estilo no Brasil não é lançado nos anos 1990 tendo alcançado muito sucesso em produções anteriores como *Saramandaia e Roque Santeiro*<sup>131</sup>.

---

<sup>127</sup> Cidade fictícia em Pernambuco

<sup>128</sup> Cidade fictícia na Bahia

<sup>129</sup> Cidade fictícia no Nordeste brasileiro

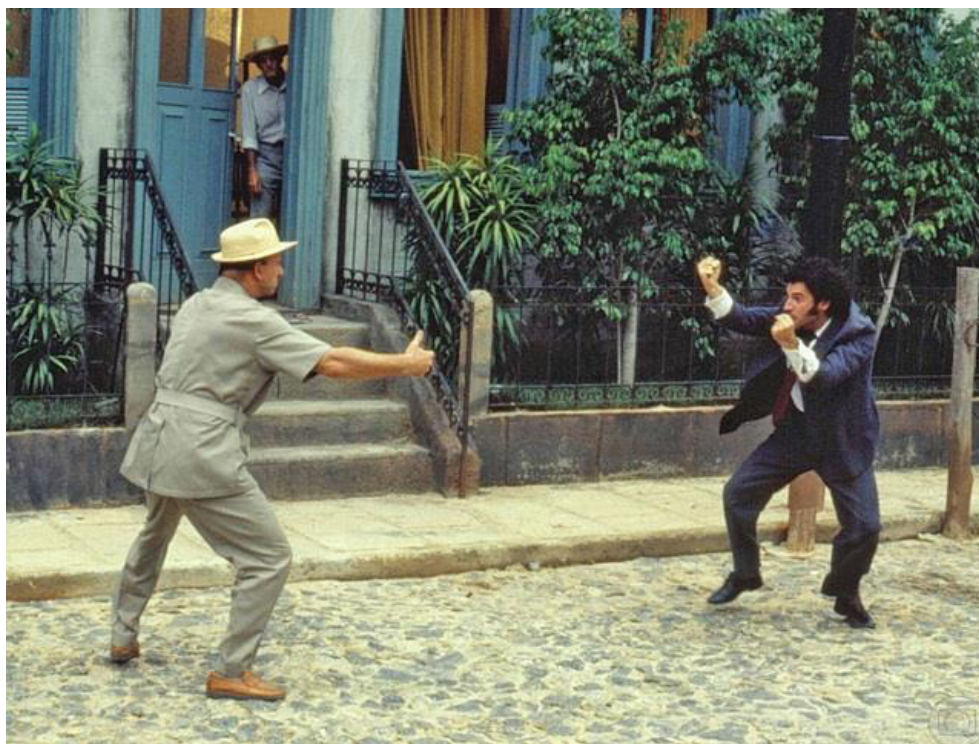
<sup>130</sup> O realismo fantástico também é conhecido como realismo mágico

<sup>131</sup> A telenovela não é toda de realismo fantástico, mas a trama que envolve o professor Astromar Junqueira, que nas noites de lua cheia se transforma em lobisomem entra nas características do estilo

Além do realismo fantástico, São Paulo também passa a ser vista com frequência e são seis produções no período, sendo cinco na capital. Três dessas telenovelas são de Silvio de Abreu, autor que ambientou todas as 16 telenovelas que escreveu em São Paulo.

Ainda que com tamanha divisão entre cenários, o Rio de Janeiro teve seis telenovelas ambientadas na cidade.

Figura 11: *Pedra sobre Pedra*, a maior cidade cenográfica construída até então<sup>132</sup>



---

<sup>132</sup> Fonte: Memória Globo

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/pedra-sobre-pedra/fotos-e-videos.htm>

Tabela 17: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 2000<sup>133</sup>

Telenovela	Cidade
<i>Laços de Família</i> (2000)	Rio de Janeiro
<i>Porto dos Milagres</i> (2001)	Porto dos Milagres <sup>134</sup>
<i>O Clone</i> (2001)	Rio de Janeiro e Fez (Marrocos)
<i>Esperança</i> (2002)	São Paulo e Civita (Itália)
<i>Mulheres Apaixonadas</i> (2003)	Rio de Janeiro
<i>Celebridade</i> (2003)	Rio de Janeiro
<i>Senhora do Destino</i> (2004)	Rio de Janeiro
<i>América</i> (2005)	Rio de Janeiro e Miami (Estados Unidos)
<i>Belíssima</i> (2005)	São Paulo
<i>Páginas da Vida</i> (2006)	Rio de Janeiro
<i>Paraíso Tropical</i> (2007)	Rio de Janeiro
<i>Duas Caras</i> (2007)	Rio de Janeiro
<i>A Favorita</i> (2008)	São Paulo
<i>Caminho das Índias</i> (2009)	Rio de Janeiro e Mumbai (Índia)
<i>Viver a Vida</i> (2009)	Rio de Janeiro

<sup>133</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<sup>134</sup> Cidade fictícia na Bahia

Apesar de mais de 73% das telenovelas terem sido ambientadas no Rio de Janeiro, uma nova tendência se nota: as telenovelas com cenários fora do Brasil. Embora diferente do que aconteceu na década de 60 nas telenovelas das 20 horas, o movimento volta a mostrar cenários de fora do país.

O início se deu em *Terra Nostra* (1999), mas ganhou força nas telenovelas de Glória Perez que fez produções ambientadas em duas cidades com tramas paralelas. Assim aconteceu com *O Clone* (2001, Fez e Rio de Janeiro), *América* (2005, Rio de Janeiro e Miami) e *Caminho das Índias* (2009, Mumbai e Rio de Janeiro). *Esperança* (2002) também usou esse expediente para falar sobre a imigração italiana no Brasil.

Prysthon (2008) fala em “efeito real” sobre as cidades de telenovelas pois estas seriam marcadas por uma aura de irrealidade:

“Essas imagens, mesmo quando apreensões diretas do real (captações de cidades realmente existentes), mesmo quando guardam a exatidão de um referente indicial, remetem a uma fantasia de cidade. Sempre se trata do estereótipo, do clichê: não são São Paulo, São Luís ou Rio de Janeiro (...) que estão realmente em jogo nessas representações, mas as imagens dessas cidades que convêm às expectativas médias de uma idealização urbana. (PRYSTHON,2008:16)

No entanto, na referida década o que se percebe é um efeito inverso ao real proposto por Prysthon. As cidades vão se tornando reais com suas mazelas expostas ao ar livre e cada vez mais expostas com uma tentativa de trazer a vida cotidiana para as telas.

Figura 12: Gravações em Marrocos para *O Clone*<sup>135</sup>

---

<sup>135</sup> Fonte Memória Globo / Jayme Monjardim  
<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/o-clone/fotos-e-videos.htm>



Tabela 18: Cidades que foram cenários de telenovelas na década de 2010<sup>136</sup>

Telenovela	Cidade
<i>Passione</i> (2010)	São Paulo
<i>Insensato Coração</i> (2011)	Rio de Janeiro
<i>Fina Estampa</i> (2011)	Rio de Janeiro
<i>Avenida Brasil</i> (2012)	Rio de Janeiro
<i>Salve Jorge</i> (2012)	Rio de Janeiro e Capadócia
<i>Amor à vida</i> (2013)	Rio de Janeiro
<i>Em Família</i> (2014)	Rio de Janeiro
<i>Império</i> (2014)	Rio de Janeiro e Monte Roraima

<sup>136</sup> A tabela foi produzida a partir das sinopses das telenovelas

<i>Babilônia</i> (2015)	Rio de Janeiro
<i>A Regra do Jogo</i> (2015)	Rio de Janeiro
<i>Velho Chico</i> (2016)	Grotas de São Francisco <sup>137</sup>
<i>A Lei do Amor</i> (2016)	São Dimas <sup>138</sup>
<i>A Força do Querer</i> (2017)	Rio de Janeiro e Belém
<i>Do Outro Lado do Paraíso</i> (2017)	Palmas

O Rio de Janeiro é protagonista absoluto na década. Porém, ao contrário de períodos anteriores em que a cidade era apenas cenário para a trama, desta vez as mazelas da Cidade Maravilhosa são expostas. *Mulheres Apaixonadas* (2003) começou esse movimento que tomou grande força na década de 2010.

*A Força do Querer* (2017) mostrou de forma direta a violência urbana da cidade como vamos ver mais na frente.

Figura 13: A violência em *A Força do Querer*<sup>139</sup>

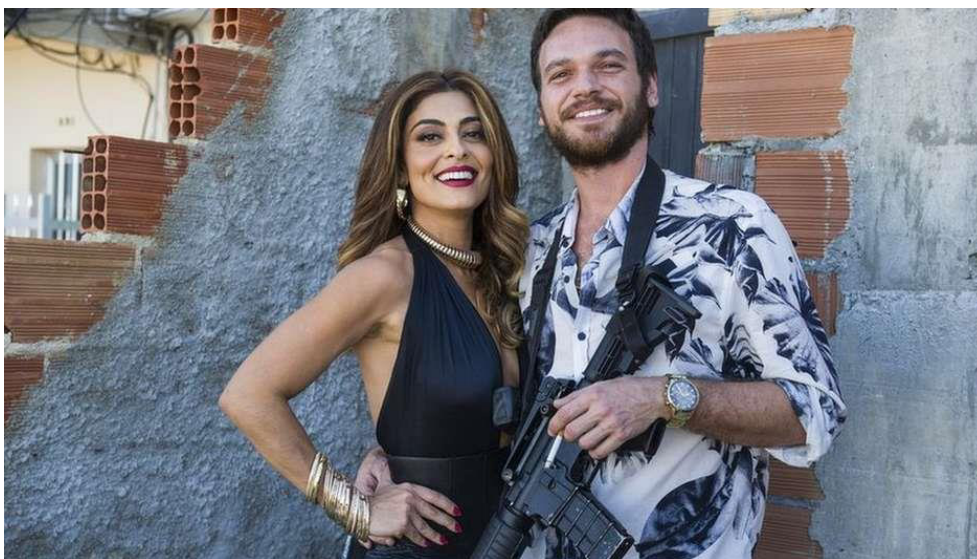
---

<sup>137</sup> Cidade fictícia na Bahia

<sup>138</sup> Cidade fictícia em São Paulo

<sup>139</sup> Fonte: BBC Brasil

<https://www.terra.com.br/noticias/brasil/bibi-perigosa-real-menina-da-favela-nao-tem-maturidade-para-saber-que-vai-dar-ruim-se-namorar-bandido,fc839baf345aeebe5b59b5bb512b2f1dg948y56e.html>



O mercado de compra e venda de telenovelas vai bem mais além do que apenas ganhos financeiros para a Rede Globo, nesse caso, a vendedora. A emissora não fala em valores, mas segundo os balanços financeiros<sup>140</sup> da Rede Globo, em 2017, a receita com direitos de exibição e transmissão foi de 2,04 bilhões de reais, bem acima de 2016 quando o número foi de 1,18 bilhões de reais. Vale ressaltar que esses números não englobam apenas a venda de direitos de telenovelas, mas dão uma base para se saber quão lucrativo o negócio é.

“O custo médio de uma novela de 180 capítulos é de 15 milhões de dólares, o que significa cerca de 80 mil dólares por capítulo. O capítulo diário possui, em média, 34 cenas gravadas, o que corresponde a 112 filme de cinema. São 20 horas de gravação e 27 horas de edição para um capítulo de 45 minutos no ar. Normalmente, uma novela tem 60 a 70% de gravações em estúdio e de 30 a 40% de gravações externas. A produção envolve uma média de 200 pessoas e uma novela de sucesso alcança por volta de 45 pontos, representando uma média de 32 milhões de telespectadores e um share (porção de público total) de 58%”. (LOPES, 2003:22)

---

<sup>140</sup> file:///C:/Users/rodri/AppData/Local/Temp/Temp1\_Downloads.zip/Globo%20-%202017%20Results%20-%20Released%20Newspaper.pdf

A recordista de vendas é *Avenida Brasil* (2012) que chegou a 132 países, o equivalente a 68% do planeta. Em seguida vem *Caminho das Índias* (2009) com 118 e depois *Escrava Isaura* (1976) com 104.

A mudança do perfil das telenovelas afeta a imagem do Brasil. Isso porque mostra uma violência urbana muitas vezes desconhecida daqueles que não vivem no Brasil. Como o Rio de Janeiro em mais de 50% dos casos é o cenário das telenovelas das 20 horas, a cidade é a mais afetada.

O ator Erik Marmo que fez *Mulheres Apaixonadas* e reside atualmente em Los Angeles, nos Estados Unidos, contou, em entrevista presencial,<sup>141</sup> no dia 24 de junho de 2018, que as telenovelas passam as imagens das cidades para todo o mundo:

“Tem gente que vive, por exemplo, no estado do Piauí que nunca na vida vai conseguir visitar o Rio de Janeiro. Vai passar a vida onde nasceu. O país é muito grande. Acredito que exista uma influência muito grande pelo menos no imaginário, de como imaginam que é o Rio de Janeiro. Nas pessoas que moram no exterior também. As novelas são vendidas para o mundo inteiro. Cria-se uma dinâmica da pessoa imaginar como é. No caso específico a violência também desperta curiosidade porque está entremeado no cotidiano das pessoas. Os moradores do Rio de Janeiro são acostumados a acompanhar os jornais e telejornais e sabemos a realidade de onde vivemos. O resto do país também sabe de bala perdida, violência contra a criança, mas quem mora fora não tem tanto acesso. E como as telenovelas são vendidas para mais de 100 países acaba retratando a maneira que se vive no Brasil atualmente”.

A preocupação com o poder que as telenovelas têm é grande e em *Mulheres Apaixonadas* (2003), Associação Brasileira da Indústria Hoteleira e o Sindicato de Hotéis, Restaurantes e Bares do Rio protestaram contra as gravações da cena em que houve um tiroteio no bairro do Leblon. Eles alegaram que a veiculação da violência traria prejuízos a imagem da

---

<sup>141</sup> A entrevista completa está no anexo 4

cidade e que afastaria os turistas. Segundo matéria da Folha de São Paulo<sup>142</sup>, a alegação é que “reforçaria a imagem de insegurança e usou como argumento estatísticas de que o bairro do Leblon é um dos mais seguros da cidade”. O sub-prefeito, Cláudio Versiani, na época, chegou a proibir a gravação com alegações que iria prejudicar o trânsito, porém foi desautorizado pelo então prefeito César Maia.

Lopes (2003) explica a força da telenovela e como ela pode fazer diferença não somente na imagem de uma cidade, mas na imagem das pessoas por conta de movimentos ou sindicatos, que, insistentemente, lançam notas de repúdio ou correção para algumas vezes melhorar o produto televisivo e outras apenas endossar seu ponto de vista:

“Situações vividas por um personagem na novela ou as características de seu caráter podem ser objeto de mobilização de sindicatos, do movimento negro ou gay, de políticos, de comunidades étnicas que criticam ou reivindicam mudanças em situações e personagens que contrariam a sua imagem pública'. As novelas ainda podem ser encontradas refletidas nas propostas de projetos de lei para o estabelecimento de quotas para atores negros e disciplinando o trabalho de atores infantis e adolescentes” (LOPES, 2003:31)

Tabela 19: Relação turistas-violência na década de 1990<sup>143144</sup>

Ano	Turistas Brasil <sup>145</sup>	Turistas Rio de Janeiro <sup>146</sup>	Proporção Rio-Brasil	Violência Urbana <sup>147</sup>
1994	1,853	0,933	30,9%	75,9
1995	1,991	0,932	27,8%	69,2

<sup>142</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u35733.shtml>

<sup>143</sup> Fonte: Ministério do Turismo  
<http://dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>

<sup>144</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública  
<http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>145</sup> Em milhões de pessoas

<sup>146</sup> Em milhões de pessoas

<sup>147</sup> Assassinatos para cada 100 mil habitantes

1996	2,665	1,201	24,6%	56,8
1997	2,849	1,218	22,2%	51,8
1998	4,818	1,175	21,4%	38,4
1999	5,107	1,050	21,2%	46,1
2000	5,313	1,237	23,9%	53,7

Na tabela acima é possível associar o alto número da violência urbana com o de turismo. No início da década de 1990, no maior índice de violência urbana da história, o Rio de Janeiro recebia menos turistas do que no final da mesma. No entanto outros fatores, como o sucesso do plano Real e a melhora financeira da população ajudam a explicar tanto a queda da violência quanto o aumento dos turistas.

O aumento do número de turistas do Rio de Janeiro entre 1994 e 2000 é de 32% contra 286% do número de visitantes internacionais em solo brasileiro.

Tabela 20: Relação turistas-violência na década de 2000<sup>148149</sup>

Ano	Turistas Brasil <sup>150</sup>	Turistas Rio de Janeiro <sup>151</sup>	Proporção Rio-Brasil	Violência Urbana <sup>152</sup>
2001	4,772	1,152	23,1%	50,6
2002	3,784	1,027	22,2%	58,3

<sup>148</sup> Fonte: Ministério do Turismo

<http://dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>

<sup>149</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública

<http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>150</sup> Em milhões de pessoas

<sup>151</sup> Em milhões de pessoas

<sup>152</sup> Assassinatos para cada 100 mil habitantes

2003	4,132	1,021	19,0%	58,3
2004	4,793	1,145	18,7%	57,2
2005	5,358	1,859	34,6%	53,1
2006	5,017	1,556	31,0%	53,6
2007	5,025	1,293	25,8%	54,6
2008	5,050	1,207	23,9%	46,2
2009	4,802	1,257	26,1%	46,3
2010	5,161	1,292	25,0%	34,9

Uma oscilação muito grande quanto ao número de turistas. O Rio de Janeiro. O número de visitantes chega a aumentar mais de 60%, mas recua a um patamar bem próximo ao do início da década de 2000, mas o crescimento é semelhante ao do país. Os números de violência caem bastante, mas os de turismo tem um aumento tímido no fim da década.

Tabela 21: Relação turistas-violência na década de 2010<sup>153154</sup>

Ano	Turistas Brasil <sup>155</sup>	Turistas Rio de Janeiro <sup>156</sup>	Proporção Rio-Brasil	Violência Urbana <sup>157</sup>
-----	--------------------------------	--	----------------------	---------------------------------

<sup>153</sup> Fonte: Ministério do Turismo

<http://dadosefatos.turismo.gov.br/2016-02-04-11-53-05.html>

<sup>154</sup> Fonte: Instituto de Segurança Pública

<http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>155</sup> Em milhões de pessoas

<sup>156</sup> Em milhões de pessoas

<sup>157</sup> Assassinatos para cada 100 mil habitantes

2011	5,433	1,348	24,8%	28,1
2012	5,676	1,456	25,6%	24,4
2013	5,813	1,662	28,5%	25,1
2014	6,429	2,383	37,0%	24
2015	6,305	1,753	27,8%	24,1
2016	6,546	1,950	29,7%	29,4
2017	6,588	1,355	20,5%	32,5

A década dos eventos – Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos 2016 – fica bem aquém do esperado em termos nacionais (21%) e não existe no Rio de Janeiro (0,5%). A violência volta ao patamar da década passada e os eventos internacionais são mal aproveitados pelo Rio de Janeiro, pelo menos na questão turística.

## 5. Metodologia

A violência e a imagem do Rio de Janeiro nas telenovelas das 20 horas da Rede Globo busca entender o porquê de as telenovelas terem demorado tanto a abordar a temática da violência e os efeitos de se mostrar a violência na imagem da cidade.

Para tentar clarificar as metas do projeto foi elaborada uma pergunta de partida, sendo esta uma forma bastante eficiente para que “o investigador tente exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor” (Quivy & Campenhoudt, 1995: 32). A pergunta é: “Quando e como aconteceu a mudança da abordagem da violência nas telenovelas com base no Rio de Janeiro?”

As hipóteses de investigação permitem tentar a chegada aos resultados, independentemente de eles serem os esperados ou não. A primeira hipótese é que *Mulheres Apaixonadas* foi a pioneira em mostrar a violência urbana. A segunda hipótese é que a violência em telenovelas afeta a imagem da cidade-cenário da telenovela. No caso, o Rio de Janeiro, que é cenário para a grande maioria das telenovelas exibidas até hoje.

No nosso trabalho a análise de conteúdo de todas as sinopses das telenovelas das 20 horas ajuda a definir que *Mulheres Apaixonadas* (2003) é a primeira a abordar o tema da violência urbana, embora o próprio autor Manoel Carlos tenha colocado cenas esporádicas em telenovelas anteriores, no caso *Laços de Família* (2000) a fim de indicar o problema. Porém, da forma que *Mulheres Apaixonadas* (2003) fez podemos dizer que é pioneira.

Bardin (1977:31) define a análise de conteúdo como um “conjunto de técnicas de análise das comunicações capaz de elucidar tanto as causas quanto as consequências de uma mensagem, mas assinala que essas respostas precisam ser buscadas não na descrição dos conteúdos e, sim, nas evidências que o pesquisador encontra ao tratá-los. Assim, acreditamos que esta é a abordagem que melhor se enquadra.

“(…) a hipótese combina e o objetivo numa explicação ou predição clara dos resultados esperados de um estudo. A formulação de uma hipótese implica a verificação de uma teoria ou, mais precisamente, das suas proposições.” (Fortin, 1999: 102)

A hipótese de a imagem do Rio de Janeiro ser deteriorada por conta das telenovelas se mostra real a partir de publicações internacionais a chamarem a atenção para violência urbana no país, alertados pelas telenovelas, como no caso da revista americana *Newsweek*. Os dados do Ministério do Turismo quanto a proporção de turistas no Rio de Janeiro perante o Brasil mostra que em 2017, o Rio de Janeiro segue com números proporcionalmente mais baixos do que em 1994, mesmo com eventos internacionais em alto número. No entanto, não é possível concluir objetivamente se às telenovelas assustam, ou afastam, turistas do Rio de Janeiro ou outro cenário de telenovela. Nas tabelas 2, 3, 4, 5 e 6, a partir da sinopse de cada telenovela foram inseridos os tipos de violência propostos pelo autor em cada trama. Se incluem de natureza urbana, como assassinatos, cárcere, estupro, sequestro, roubo, são enquadrados como violência urbana, já que no significado de violência urbana está o conjunto de ações que infringem a lei e a ordem pública nos centros urbanos e metrópoles. Como exemplos podemos citar assaltos, balas perdidas, tiroteios e tráfico de drogas. Ainda é citada na tabela a eutanásia e crimes como especificidades, geralmente contra minorias como o feminicídio, violência doméstica e racismo segundo o levantamento feito para a dissertação.

As tabelas 18, 19 e 20 foram feitas a partir do cruzamento de dados do Ministério do Turismo e do Instituto de Segurança Pública do Rio de Janeiro. Vale ressaltar que neste período aconteceram eventos internacionais como Copa do Mundo, Jogos Olímpicos e Jornada Mundial da Juventude que, por si mesmo, tem alto número de turistas. Vale ressaltar que os dados do Instituto de Segurança Pública sobre violência urbana começaram a ser feitos em 1991, os números encontrados anteriormente não tinham uma fonte segura, logo, por isso, a limitação dos números da violência urbana ficou restrito ao período 1991-2017.

A nossa abordagem de investigação metodológica é quantitativa e qualitativa, assim analisando dados e o factual dos temas que foram inseridos nas telenovelas desde sua criação. Vale ressaltar que apesar de algumas tabelas explicarem os tipos de violência desde a década de 1960, enquanto a principal questão acontece nos anos 2000, a mesma é de grande importância para apontar que a partir da década de 2000 é que a violência urbana passou a ser mostrada nas telenovelas.

Foram, também, realizadas cinco entrevistas ao autor da dissertação. Essas foram feitas para o trabalho de forma aberta e estruturada. Pela distância, os jornalistas Leonardo Ferreira, Marcelle Carvalho, Carla Bittencourt, que trabalharam na cobertura da telenovela *Mulheres Apaixonadas* (2003) tiveram às questões enviadas por e-mail, assim como o historiador Raul Melo Neto, respondendo-as da mesma forma. A exceção aconteceu com o ator da telenovela, Erik Marmo, que, por passar uma temporada em Portugal, respondeu as perguntas presencialmente, sendo a mesma transcrita na parte de anexos, assim como às que foram feitas por e-mail.

## 6. Relação criminalidade x telenovela

Por muitos anos, a criminalidade e a telenovela falaram línguas diferentes. Enquanto os índices de criminalidade da cidade do Rio de Janeiro batiam recordes nos anos 1990, as telenovelas ignoravam o que acontecia nas zonas urbanas do Brasil e, principalmente, do Rio de Janeiro.

Em 1994, o Rio de Janeiro tem seu recorde: são 64,8<sup>158</sup> homicídios para cada 100 mil habitantes, bem distante da marca de 40 homicídios marcado pelo Instituto de Segurança Pública.

O historiador e turismólogo Raul Melo Neto, em entrevista por *e-mail*<sup>159</sup>, opina que as telenovelas mostram a violência aquém do cotidiano:

“A violência das telenovelas retrata uma realidade até mais tranquila do que o mundo real. Ela mostra o dia a dia das ruas, os problemas, as personalidades, a sociedade mais individualista e a evolução da própria sociedade. Tudo é representado de acordo com o que assistimos no cotidiano. É um produto que exporta a cultura. Nosso modo de vida, nosso mundo. Se tudo isso está atrelado a problemas de segurança a nossa imagem como nação também fica arranhada”.

Na década de 1990 o que mais se aproxima dos problemas de violência urbana do Rio de Janeiro é a telenovela *Por Amor* (1997), de Manoel Carlos, que aborda o tema do tráfico de drogas. Ainda assim é um caso em que o traficante é incriminado por uma mãe que deseja separar o rapaz da filha.

Castelló (2003) aponta os estudos sobre violência na televisão apenas como quantificadores em um sistema que se repete:

---

<sup>158</sup> <http://www.ispdados.rj.gov.br/Arquivos/SeriesHistoricasLetalidadeViolenta.pdf>

<sup>159</sup> A entrevista completa está no anexo 5

“Tradicionalmente, los estudios que se han ocupado del fenómeno de la violencia televisiva, se ha orientado a cuantificar y taxonomizar el número de acciones violentas detectadas en una muestra de programación dada, analizando sus resultados – desde perspectivas teóricas jurídicas, psicológicas, pedagógicas...– en base a una estructura pragmática de carácter tripartito, en la que se diferencian los siguientes factores: una producción televisiva, una actitud violenta y un individuo consciente que procesa –y actúa– según el modelo consumido previamente”. (CASTELLÓ, 2003:284)

*Torre de Babel* (1998) é outra que tem pequenas amostras dos problemas que assolam a cidade como a violência doméstica e a dependência química, mas sempre de forma pontual como se não fosse algo que acontecesse com frequência.

Há quem pense diferente e que as telenovelas desde a década de 1990 já abordam temas do cotidiano como a professora Maria Lourdes Motter, da Universidade de São Paulo. Ela estudou *A Próxima Vítima* (1995), de Sílvio de Abreu; *Explode Coração* (1992), de Glória Perez; *O Rei do Gado* (1996), de Benedito Ruy Barbosa; *O Fim do Mundo* (1996), de Dias Gomes, além das subsequentes *A Indomada* (1997), de Aguinaldo Silva; *Por Amor* (1997), de Manoel Carlos; e *Torre de Babel* (1998), de Sílvio de Abreu.

“Essas telenovelas mostram que a vida cotidiana vai sendo incorporada de modo mais abrangente e concreto na sua convivência com a prostituição, o homossexualismo, a droga, a pedofilia (preferência sexual por crianças), o crime, a violência urbana, com os bolsões de miséria que proliferam sob a forma de favelas dominadas por traficantes que submetem trabalhadores e induzem jovens e crianças ao vício e à criminalidade, num ambiente onde as instituições não funcionam e a sociedade não se sente responsável” (MOTTER, 1998:90)

Já Lopes aponta que a mistura do real e do ficcional é o que dá a força a telenovela brasileira e que faz o telespectador se identificar com a trama.

“É a lógica das relações pessoais, familiares que preside a narrativa dos problemas sociais. É aí que parece residir o poder dessa narrativa, sua capacidade de traduzir o público através das relações afetivas, ao nível do vivido, misturando-se na experiência do dia a dia, vivida ela mesma em múltiplas facetas, subjetiva, emotiva, política, cultural, estética (LOPES,2009:8).

O ponto convergente é que a partir de *Mulheres Apaixonadas* (2003) a violência cotidiana que a população sentia nas ruas através de sequestros, assaltos, tiroteios, homicídios, arrastões e outros passou a passar com mais ênfase na televisão que sempre pretendeu trazer histórias cotidianas para seus telespectadores.

### 6.1. A violência da telenovela das 20h entre 2003 e 2018

Como citado anteriormente, a primeira favela do Rio de Janeiro foi o Morro da Providência que começou a ser habitado em 1897 pelos soldados vitoriosos da Guerra de Canudos. Porém, as favelas só começaram a serem vistas nas telenovelas da Rede Globo em 1994 em *Pátria Minha* (1994). Depois disso foi *Senhora do Destino* (2004) que investiu no tema da favelização. Ainda assim de forma muito diferente da realidade. Na telenovela de Aguinaldo Silva, a comunidade de Pedra Lascada tem bem menos problemas do que as comunidades reais, mas vale ressaltar a tentativa da televisão em retratar um universo com mais de 11,4 milhões<sup>160</sup> de pessoas no Brasil. No Rio de Janeiro são 1,4 milhão de moradores ou o equivalente a 22,4% da capital.

Foram 24 telenovelas a partir de *Mulheres Apaixonadas* (2003), a pioneira em mostrar a violência urbana no horário nobre. Destas, 18 foram ambientadas no Rio de Janeiro e sete tinham algum núcleo em favelas, o que representa 38,8% das produções. Um número

---

<sup>160</sup> <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/15700-dados-do-censo-2010-mostram-11-4-milhoes-de-pessoas-vivendo-em-favelas.html>

bastante significativo se lembrarmos que antes de *Mulheres Apaixonadas* (2003) isso não existia.

Vale ressaltar que a programação tem uma sutil influência. O objeto de estudo são as telenovelas das 20 horas da Rede Globo, que sempre foram precedidas do Jornal Nacional, o principal noticiário do país. A partir do momento em que o noticiário é em grande parte uma narrativa sobre a violência no país, em especial nas grandes cidades, e aí se inclui o Rio de Janeiro, a audiência se acostuma com a violência na telenovela que vem a seguir.

Castelló (2003) defende que é preciso primeiro reconhecer a violência na programação televisiva para que se formule uma proposta útil para se combater:

“El punto de inicio necesario para hacerse cargo, en su justamedida, de la radicalidad de la presencia de lo violento en la programación televisiva, pasa por el reconocimiento de que dicha violencia es consustancial al ser humano y, por ello, la eficacia de los textos –su aportación relevante a una cultura dada– deberá de estimarse en la medida en que éstos formulen una propuesta útil para hacerse cargo de ello”. (CASTELLÓ, 2003:287)

Dois exemplos fora das telenovelas das 20 horas da Rede Globo merecem ser citados. Em 2007, a Record TV fez seu maior sucesso até então com *Vidas Opostas* (Record TV, 2006). A telenovela de Tiago Santiago mostrava o amor de um rapaz, que volta a morar no Rio de Janeiro, com uma menina que vive em uma comunidade e é a grande paixão do grande chefe do tráfico. O bandido sai da prisão logo quando o casal começa a namorar. Além da história baseada em clássicos como Cinderela, a trama mostra violência, o tráfico de drogas, a corrupção policial e a miséria. Leandro Firmino e Phelipe Haagensen, que atuam no filme *Cidade de Deus* (2002) também têm papéis de destaque em *Vidas Opostas* (Record TV, 2006).

O autor Marçílio Moraes contou, em entrevista ao site R7<sup>161</sup>, que a ideia era mostrar os mais excluídos da sociedade:

“Desde que comecei a pensar a sinopse, eu quis romper com esse verdadeiro “tabu” das telenovelas, ou seja, decidi incorporar os excluídos no universo ficcional. Felizmente, contei com o ousado apoio da direção da Record e escrevi uma novela onde, só para dar um exemplo, metade dos personagens vive numa favela, onde a heroína é uma excluída social e onde a opressão que o povo sofre, tanto dos bandidos quanto da polícia, é claramente denunciada. O melhor de tudo é que a novela fez um extraordinário sucesso, provando que o telespectador tem maturidade, inteligência e generosidade para encarar a realidade do nosso país, mesmo quando ela é amarga”.

Figura 14: A telenovela *Vidas Opostas*, da Record TV<sup>162</sup>



<sup>161</sup> <http://recordtv.r7.com/2012/03/19/marcilio-moraes-diz-que-quis-romper-%E2%80%9Ctabu%E2%80%9D-das-telenovelas-com-vidas-opostas/>

<sup>162</sup> Fonte: Site R7

<http://recordtv.r7.com/2012/03/14/vidas-opostas-volta-a-tela-da-record-#!/foto/10>

Outra telenovela que mostrou bastante as comunidades foi a global *Lado a Lado* (2012). Porém de uma forma completamente diferente de *Vidas Opostas* (Record TV, 2006). Trama das 18 horas. *Lado a Lado* (2012) mostrou como começou o Morro da Providência. No entanto, a telenovela foi além e mostrou acontecimentos da época como o surgimento do samba e a introdução do futebol no país ajudando a compor o cenário da história. *Lado a Lado* (2012) também mostrou os primeiros anos após o fim da escravidão<sup>163</sup> no Brasil, a Revolta da Chibata<sup>164</sup> e a Revolta das Vacinas<sup>165</sup>. A telenovela não teve boa audiência e conseguiu média de 18 pontos. Porém, foi consagrada pela crítica e obteve vários prêmios, inclusive o *Emmy Internacional* em 2013 batendo o grande sucesso das 20 horas *Avenida Brasil* (2012), a angolana *Windeck* (2012) e a canadense *30 Vies* (2011).

“Essa capacidade *sui generis* de sintetizar o público e o privado (...) está inscrita no texto das telenovelas que combinam convenções formais do documentário e do melodrama televisivo. É isso que tipifica a telenovela brasileira e constitui o paradoxo de se identificar o Brasil mais na narrativa ficcional que no telejornal (LOPES, 2003:25)”

Figura 15: Revolta das Chibatas em *Lado a Lado*<sup>166</sup>

---

<sup>163</sup> Oficialmente a escravidão foi abolida do Brasil no dia 13 de maio de 1888 quando a princesa Isabel assinou a lei Áurea, sendo o último país do continente americano a fazê-lo

<sup>164</sup> Em 22 de novembro de 1910, marinheiros se revoltaram após o marujo Marcelino Rodrigues Menezes ser açoitado 250 vezes, um número 10 vezes maior do que o que era considerado habitual no navio Minas Gerais. Os marinheiros se revoltaram e atacaram a cidade do Rio de Janeiro. O então presidente Hermes da Fonseca resolveu o conflito no dia 26 cedendo as exigências dos rebeldes, mas dois dias depois decretou estado de sítio e prendendo os marinheiros em uma ilha que seria bombardeada dias depois. O conflito teve mais de 200 mortos e cerca de 2000 foram expulsos

<sup>165</sup> A Revolta das Vacinas foi um motim que durou entre 10 e 16 de novembro de 1904 no Rio de Janeiro por causa de um projeto de lei em que a vacina tornava-se obrigatória a fim de erradicar a febre amarela, a peste bubônica e a varíola. Em 16 de novembro, a vacinação obrigatória foi suspensa. No total, 945 pessoas foram presas, 30 acabaram mortos nos conflitos, 110 feridos e 461 deportados para o Acre

<sup>166</sup> Fonte: Memória Globo



A primeira telenovela da Rede Globo no horário nobre a ter um núcleo real relevância em uma favela foi *Duas Caras* (2007). A trama de Aguinaldo Silva mostrou a comunidade da Portelinha inspirada na favela de Rio das Pedras, na zona Oeste do Rio de Janeiro.

A favela da Portelinha tinha todos os elementos da realidade carioca: traficantes, milicianos<sup>167</sup>, políticos que usam a comunidade, as Igrejas, tiroteios, e, principalmente, muita gente trabalhadora.

---

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/lado-a-lado/lado-a-lado-fotos-e-videos.htm>

<sup>167</sup> São conhecidos por milicianos grupos de policiais ou bombeiros que tomam determinadas regiões e passam a ter total controle, fazendo o papel do Estado, mas com violência e taxas abusivas aos moradores e comerciantes

Além de mostrar os problemas sociais que eram deixados de lado, a violência urbana aparece em quase todas as telenovelas até a última do estudo - *O Outro Lado do Paraíso* (2017). As exceções são *Páginas da Vida* (2006), de Manoel Carlos, e *Caminho das Índias* (2009), de Gloria Perez.

No entanto, a Rede Globo sofre críticas pela maneira que mostra as comunidades em suas telenovelas. O professor Claudino Mayer<sup>168</sup>, especialista em teledramaturgia pela Universidade de São Paulo não poupa adjetivos: “A Globo não sabe fazer novela com favela. Fica tudo *glamourizado* demais. Falta realidade (...). Não é só colocar a favela. Os personagens precisam ser construídos de uma forma que passem uma verdade para o telespectador. Precisam extrapolar um pouco a ficção para que haja representatividade”.

Mello (1999) defende que não só a telenovela, mas toda a programação ajuda a disseminar a violência do país. Após algum tempo ela se mistura na realidade e as notícias não provocam o impacto de outrora.

“A programação e os noticiários veiculados pela mídia são considerados importantes fatores que contribuem para a banalização da violência. Servidas em pequenas doses diárias, as cenas de violência não conseguem mais criar impacto sobre o público, especialmente quando se referem a vítimas pertencentes às camadas mais pobres da população”. (MELLO, 1999:78)

Porém, mostrar a violência não é garantia de sucesso. As três telenovelas do período que mais apostaram na violência urbana tiveram recepções diferente por parte do telespectador.

*A Regra do Jogo* (2006), de João Emanuel Carneiro, vinha cercada de muita expectativa pelo sucesso de crítica e público de *Avenida Brasil* (2012). A trama tinha cenas de tráfico

---

<sup>168</sup> <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/novelas/globo-nao-sabe-fazer-novela-com-favela-afirma-especialista-9707>

de drogas, sequestro, tiroteios, além de falar dos bastidores de uma facção criminosa, porém teve baixa audiência.

Já, *A Força de um Querer* (2017), de Gloria Perez, livremente inspirado no livro *Perigosa*, que é a história real de Fabiana Escobar, uma mulher que entrou para o mundo do crime quando seu marido se tornou traficante teve sucesso ao atingir o patamar de 35.6 pontos de média<sup>169</sup>, o maior desde *Avenida Brasil* (2012) que conseguiu 38 pontos de audiência média e, conseqüentemente, alavancando a audiência para a sua sucessora *O Outro Lado do Paraíso* (2017) que atingiu 38 pontos de média, o maior número desde *Fina Estampa* (2011).

Figura 16: Bibi Perigosa, personagem que subiu o morro atrás do marido traficante



*O Outro Lado do Paraíso* (2017), de Walcyr Carrasco, teve assassinatos em série, pedofilia, racismo, homofobia, sequestro, corrupção, violência contra a mulher e ainda

---

<sup>169</sup> <https://audienciadatvmix.wordpress.com/acervo-mix/audiencia/novelas-finalizadas/novelas-da-globo/novelas-das-21h00/>

assim foi um enorme sucesso chegando a 48 pontos<sup>170</sup> de audiência na última semana de exibição.

Por mais que as temáticas possam ajudar - ou atrapalhar - no sucesso ou fracasso de uma telenovela, outros pontos parecem estar na frente. O texto é o responsável pela cativação do público, assim como a construção dos seus personagens, o carisma dos mesmos e dos atores. A telenovela *Império* (2014) teve uma audiência média de 32 pontos que não a coloca no patamar dos grandes sucessos da década na Rede Globo. No entanto, a boa atuação e o carisma do ator Alexandre Nero colocaram seu personagem, o comendador José Alfredo, como um a ser mais citado do que a telenovela. O Carnaval do Rio de Janeiro ajuda a clarificar isso. O sucesso do Comendador pode ser medido pela grande quantidade de fantasias dos personagens durante os festejos carioca.

Figura 17: As fantasias de Comendador no Carnaval do Rio de Janeiro<sup>171</sup>

---

<sup>170</sup> <https://audienciadatvmix.wordpress.com/acervo-mix/audiencia/novelas-finalizadas/novelas-da-globo/novelas-das-21h00/>

<sup>171</sup> Fonte: Instagram do ator Alexandre Nero  
<https://www.instagram.com/alexandrenero/>



Para Lazzarotto (1991), cada pessoa elabora o conteúdo de uma telenovela de uma maneira, assim sendo de acordo com a ideologia que mais lhe agrada.

“A telenovela toma o cotidiano como se fosse um alimento ainda cru e natural, e o cozinha e tempera de determinada maneira, isto é, elabora, ou re-elabora o cotidiano de acordo com os valores desejados pela ideologia dominante. Esse é um processo silencioso e contínuo. Se perguntarmos à pessoa simples da rua, que vê a telenovela todo dia, o que é “família”, o que é “política”, como deve ser a “escola”, veremos que a opinião comum, a “opinião pública” é a opinião que foi criada, elaborada ou reelaborada pelos Meios de Comunicação, principalmente na telenovela”. (LAZZAROTTO, 1991:64)

O colunista do Jornal Extra, Leonardo Ferreira<sup>172</sup>, em entrevista por e-mail no dia 21 de junho de 2018, crê que a demora da fixação da violência nas telenovelas e a sua variação na audiência deve-se a saturação do tema na televisão:

“Por mais que a violência já tivesse sido retratada nas telenovelas, acredito que existia uma resistência ao tema. Provavelmente, a mesma resistência que o público teve em comprar novelas como Babilônia (2015) e A Regra do Jogo (2015). Nessa época, o público parecia saturado de ver tanta violência na televisão. E tem aquela velha teoria de que quem senta no sofá para ver uma novela hoje em dia quer um respiro, fantasia, não sofrer com a realidade já dura de uma cidade grande”.

## 6.2. *Cidade de Deus* e o sucesso da violência

Dirigido por Fernando Meirelles, o filme *Cidade de Deus* estreou nos cinemas em maio de 2002 e provocou grande repercussão. Ele é baseado no livro de Paulo Lins e levou mais de 3,3 milhões de espectadores<sup>173</sup> começando a chamada retomada do cinema brasileiro.

As décadas de 1980 e 1990 têm grandes recordistas de público do cinema do Brasil, porém quase em sua totalidade filmes para crianças capitaneados pelos humoristas de Os Trapalhões ou pela apresentadora infantil Xuxa. *Central do Brasil* (1998), de Walter Salles, conseguiu ter sucesso nas salas nacionais e internacionais conseguindo mais de 2 milhões de espectadores sob uma temática diferente do ponto de vista do cinema brasileiro. O filme dirigido por Walter Salles conta a história de Dora (Fernanda Montenegro), uma mulher que escreve cartas para analfabetos na estação de trem da Central do Brasil. Uma de suas clientes, que estava com o filho, é atropelada logo após contar sua história a Dora,

---

<sup>172</sup> A entrevista foi realizada por e-mail no dia 21 de junho de 2018 e está no anexo 4

<sup>173</sup> [https://www.ancine.gov.br/media/SAM/2008/filmes/por\\_publico\\_1.pdf](https://www.ancine.gov.br/media/SAM/2008/filmes/por_publico_1.pdf)

que fica com a criança, mas a vende. No dia seguinte se arrepende e a rouba com o objetivo de levá-la ao pai no Nordeste do Brasil como ditou a mãe da criança na carta. O filme venceu o prêmio Urso de Ouro e teve indicações ao *Oscar* e Globo de Ouro. Um dos roteiristas do filme é João Emanuel Carneiro, que era colaborador da Rede Globo e, posteriormente, viria a escrever telenovelas como *Avenida Brasil* (2012), *A Favorita* (2008) e *A Regra do Jogo* (2015).

Figura 18: O filme *Cidade de Deus*<sup>174</sup>



A partir do sucesso de um filme que saía da maneira que o cinema brasileiro estava acostumado, novos investidores começaram a olhar diferente para o cinema olhando para dentro do país e não tentando se afastar completamente da televisão, um produto extremamente popular. Távola (1996) diz que os parâmetros estéticos, artísticos e culturais da telenovela são cinema e o teatro, contudo com diferenças significativas. Essa aproximação do cinema com a telenovela pode ter ajudado a despertar a audiência cinematográfica no Brasil

---

<sup>174</sup> Fonte: Site do filme Cidade de Deus  
<http://cidadededeus.globo.com/>

A partir daí, o projeto *Cidade de Deus*<sup>175</sup> (2002) tomou forma e abordou a violência urbana do Rio de Janeiro de uma forma muito direta contando pela ficção a origem da violência em algumas das comunidades cariocas.

“Boa parte do cinema produzido no Brasil durante esses anos levou em conta as condições do País. Bem ou mal, debruçou-se sobre temas como o abismo de classes que compõe o perfil da sociedade brasileira, tentou compreender a história do País e examinou os impasses da modernidade na estrutura das grandes cidades. Foi ao sertão e às favelas e reinterpreto esses espaços privilegiados de reflexão do cinema nacional, outrora cenário de obras como *Vidas Secas*, *Os fuzis*, *Deus e o diabo na Terra do Sol*, *Cinco vezes favela*, *Rio 40 graus* e *Rio Zona Norte*” (ORICCHIO, 2003 p.32)

Em uma das primeiras cenas do filme, Dadinho, um menino de cerca de 10 anos, entra num motel e mata todos os presentes por pura crueldade. Em um outro momento, o filme mostra a disputa pelo poder no tráfico de drogas da região. Segundo Zanin (2003), o filme mostra “perfeição de alguns elementos e técnicas de linguagem que proporcionam grande prazer ao espectador, ao mesmo tempo em que o coloca diante de doses consideráveis de violência”.

“A expressão dos segmentos populares, em especial os urbanos, carrega em todos esses filmes uma limitação imanente. A via de acesso a tais setores populares urbanos é a violência. Só pela violência, em especial urbana e criminal, os segmentos populares ganham existência social nas telas e na cena pública possibilitada por esses filmes. (RUBIM, 2003:217)

A partir do sucesso de *Cidade de Deus* (2002) várias outras produções cinematográficas exploraram o tema da violência urbana no Brasil, mas especificamente do Rio de Janeiro,

---

<sup>175</sup> Cidade de Deus é um conjunto habitacional na Zona Oeste do Rio de Janeiro com 36 mil habitantes a qual teve origem na década de 1960 a partir da remoção de outras favelas. Sem ter para onde ir, as famílias se alojaram na região

que vivia momentos conturbados na segurança pública nos governos de Anthony Garotinho, Benedita da Silva e Rosinha Garotinho. No cinema, destaque para *Carandiru* (2003), *Tropa de Elite* (2007) e *Tropa de Elite 2* (2010) que fizeram enorme sucesso.

Figura 19: O personagem Dadinho assassina uma pessoa<sup>176</sup>



Na televisão, o sucesso de *Cidade de Deus* (2002) repercutiu no mesmo ano e virou uma série. *Cidade dos Homens* (2002) ficou no ar no total por cinco temporadas (divididas em duas etapas) e abriu as portas para mostrar algo que a televisão mostrava muito mais em seu jornalismo do que em sua teledramaturgia: a violência urbana. *Carandiru* (2005),

---

<sup>176</sup> Fonte: Reprodução Jornal O Globo

<https://oglobo.globo.com/rio/apos-sucesso-em-cidade-de-deus-atores-tiveram-destinos-contrastantes-21632154>

*Força-Tarefa* (2009), *Na Forma da Lei* (2010), *A Teia* (2014) foram outras séries da Rede Globo que abordaram a violência urbana no período pós-Cidade de Deus.

No entanto, é preciso ressaltar que violência urbana em séries já acontecia com frequência bem antes do filme *Cidade de Deus* e da telenovela *Mulheres Apaixonadas* (2012). Na década de 90, *A Justiceira* (1997) fez esse papel, assim como a breve *Delegacia de Mulheres* (1990). No fim da década de 70, *Plantão de Polícia* (1979) já mostrava a violência.

No ano seguinte a *Cidade de Deus* (2002), a telenovela *Mulheres Apaixonadas* (2003) mostrou o drama da violência no Rio de Janeiro a partir de um tiroteio no bairro do Leblon. Outra ligação entre a produção da telenovela da Rede Globo com o filme é o elenco. *Mulheres Apaixonadas* (2003) marcou a estreia de três atores que fizeram o filme de Fernando Meirelles: Roberta Rodrigues, Daniel Zettel e Diego Gonçalves.

## 7. Telenovela *Mulheres Apaixonadas*, um divisor de águas

No dia 17 de fevereiro de 2003 estreou a telenovela *Mulheres Apaixonadas*. Com autoria de Manoel Carlos e direção geral de Ricardo Waddington, a telenovela teve quase 47 pontos<sup>177</sup> de audiência e seu último capítulo atingiu 61 pontos aferidos pelo Ibope.

Como habitual nas tramas de Manoel Carlos, *Mulheres Apaixonadas* traz uma protagonista feminina chamada Helena, interpretada pela atriz Christiane Torloni. Com o passar dos tempos, as Helenas viraram uma marca do autor, que escolhia o mesmo nome para suas protagonistas. A saga de nove Helenas iniciou-se em 1981 na telenovela *Baila Comigo* com Lilian Lemmertz. Onze anos depois, coube a Maitê Proença o papel da protagonista em *Felicidade* (1992), trama das 18 horas. Regina Duarte seria Helena pela primeira vez em *História de Amor* (1996), também trama das 18 horas. A atriz ainda encarnaria o personagem - que embora tenha o mesmo nome eram pessoas diferentes - mais duas vezes. Em *Por amor* (1998) e *Páginas da Vida* (2006). Vera Fischer foi a atriz principal em *Laços de Família* (2001), Christiane Torloni em *Mulheres Apaixonadas* (2003), Taís Araújo em *Viver a Vida* (2010) e Julia Lemmertz, filha de Lilian que foi a primeira Helena, encerrou o ciclo na telenovela *Em Família* (2014). Manoel Carlos analisou as próprias personagem em entrevista ao Fantástico no dia 3 de fevereiro de 2014.

“Elas têm mais coisas em comum do que desacordos. São muito mães de família, são aquelas mães abnegadas, que ao mesmo tempo não esquecem de si mesmas. São vaidosas, são justas e injustas na medida certa. Elas são mentirosas. Elas caboteam, na verdade, em benefício de um filho, por exemplo. Elas defendem um filho até a injustiça. É muito difícil uma mulher escapar da semelhança com própria mãe, mesmo que ela não queira, acaba se assemelhando. As Helenas, pelo próprio nome, tem um parentesco enorme entre elas. Esses defeitos e essas semelhanças e dessemelhanças são tão comuns que podem ser encontradas em qualquer mulher. Elas se parecem com todas, talvez aí ela tenha se tornado tão

---

<sup>177</sup> <https://audienciadatvmix.wordpress.com/acervo-mix/audiencia/novelas-finalizadas/novelas-da-globo/novelas-das-21h00/>

popular e tão atraente. Porque em uma hora qualquer, as mulheres se assemelham a ela”<sup>178</sup>.

Além do tiroteio no Leblon em *Mulheres Apaixonadas* que foi ao ar no capítulo 150, exibido no dia 11 de agosto de 2003, a telenovela tratou outros temas que possuíam até então pouco, ou nenhum, espaço em telenovelas como agressão às mulheres, um grupo de ajuda a um distúrbio teve espaço - Mulheres que Amam Demais, câncer de mama, alcoolismo, agressão aos idosos.

A colunista do Jornal Extra, Carla Bittencourt<sup>179</sup>, em entrevista por *e-mail*, no dia 8 de junho de 2018, fez a cobertura de *Mulheres Apaixonadas* (2003) na época e vê na telenovela um marco na teledramaturgia quando o assunto é violência:

“Não lembro de outra novela ter retratado a violência urbana da mesma forma que em *Mulheres Apaixonadas* (2003). Uma coisa é retratar a violência na periferia, na favela. Há 15 anos, o Manoel Carlos ousou em mostrar um assassinato por bala perdida em pleno Leblon. A Fernanda era uma personagem envolvida com a classe média alta, o Téo também. Ainda não acontecia diariamente - como acontece hoje. Isso era mais comum no subúrbio. Ele foi corajoso e a novela acabou sendo um marco quando se fala em violência urbana na teledramaturgia”.

O Rio de Janeiro, mais especificamente o bairro do Leblon, foi o escolhido para a trama o que não causou surpresa alguma já que o autor Manoel Carlos usa constantemente o bairro onde vive para cenário de suas telenovelas. O autor explicou o motivo em depoimentos ao Memória Globo<sup>180</sup>:

“O que salva é que situo todas as minhas novelas no Rio de Janeiro. Faço coisas muito fortes sob um céu muito azul. As tragédias e os dramas estão acontecendo,

---

<sup>178</sup> <https://globoplay.globo.com/v/3121845/>

<sup>179</sup> A entrevista foi feita por e-mail no dia 8 de junho de 2018

<sup>180</sup> Entrevistas do dramaturgo Manoel Carlos concedidas ao Memória Globo nos dias 30 de março de 2001, 19 de dezembro de 2005, 15 de junho de 2008 e 24 de novembro de 2011

mas o dia está muito lindo, sempre. A praia e o espírito carioca acabam dando uma amenizada, uma coloração rosa ao contexto cinzento. Com isso, acho que o público acaba absorvendo as tramas de uma maneira mais leve. Em *Por Amor*, havia uma troca de crianças: uma morta por uma viva. Se você mostrar isso num cenário cinzento ficaria muito mais grave. No Rio, isso é amenizado. Nada no Rio fica muito grave, nem as coisas gravíssimas. Eu sou paulista e moro há quase 40 anos no Rio. Tenho grande amor por São Paulo, minha cidade, grande amor pelas pessoas que morreram lá e pelos que ainda estão lá, mas não trocaria o Rio por nenhuma outra cidade no mundo. Aqui, há sempre um espírito mais cordial, mais suave.”

### 7.1. O merchandising social

Um exemplo de sucesso no merchandising social é justamente *Mulheres Apaixonadas* (2003). A telenovela teve vários exemplos bem sucedidos. A personagem Raquel era vítima de violência doméstica por parte de seu marido. A abordagem da telenovela pressionou na promulgação de uma lei contrária a violência doméstica, popularmente conhecida no Brasil como lei Maria da Penha<sup>181182</sup>. A pressão ajudou na prisão do marido de Maria da Penha, mas a lei só seria válida em 2006. Conforme o Disque-Denúncia, durante a veiculação da trama, o aumento de denúncias foi de 85% durante a telenovela.

Outros merchandisings de sucesso de *Mulheres Apaixonadas* (2003) foram o da violência contra idosos, alcoolismo e a divulgação do grupo MADA (Mulheres que Amam Demais Anônimas). O grupo teve um aumento de mais de 300% após a divulgação na telenovela. A ficção apresentou uma solução a muitas pessoas que tinham o problema e não sabiam

---

<sup>181</sup> Em 1983, o marido de Maria da Penha Maia Fernandes tentou assassiná-la duas vezes após longos relatos de violência doméstica. Da primeira deixou-a paraplégica com um tiro.

<sup>182</sup> Na segunda tentou eletrocutá-la. Ela saiu de casa, denunciou o marido e abriu processo contra ele. Seu marido foi preso em 2002

onde procurar ajuda. Na trama do alcoolismo, o autor fez questão de colocar uma professora - de Religião e Geografia - alcoólatra.

“Em *Mulheres Apaixonadas*, eu (Manoel Carlos) queria criar um personagem alcoólatra mais perigoso. Pensei em duas possibilidades: o médico alcoólatra e o professor alcoólatra. O médico, porque lida com a vida das pessoas e o professor, porque lida com a formação de jovens”. (AUTORES:81)

Figura 20: A professora alcoólatra<sup>183</sup>



---

<sup>183</sup> Fonte: Memória Globo/João Miguel Júnior  
<http://memoriaglobo.globo.com//programas/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/fotos-e-videos.htm>

Na década de 1990, *Explode Coração* (1992) abordou com o merchandising social duas grandes questões no cotidiano brasileiro: a exploração do trabalho infantil e o desaparecimento de crianças. Principalmente a segunda teve grande repercussão e mais de 60 crianças foram encontradas com a ajuda da telenovela de Gloria Perez. Algumas empresas, como por exemplo produtoras de leite, se solidarizaram com o tema e colocaram fotos de crianças desaparecidas em seus produtos como forma de ajudar as mães. Os bilhetes de loterias também tinham os rostos de crianças desaparecidas criando assim um grande círculo de busca de crianças já que o poder público foi incapaz, por meio da segurança pública, de ajudar nestas questões.

“Mais do que uma marca, o merchandising social foi uma inovação minha (Gloria Perez). Eu introduzi essas campanhas nas novelas, embora não tenha dado a elas esse título. E fui muito criticada na época (...). A novela pode cumprir um papel social, embora não seja essa a finalidade de novela nenhuma. Não se pode avaliar a qualidade de uma novela pelo fato de ela ter ou não uma campanha. (...) a campanha só faz sentido se ela estiver inserida de tal maneira que as pessoas não sintam nenhum corte brusco quando ela passa em primeiro plano. (AUTORES II:444)

Outro exemplo de ação bem-sucedida aconteceu em *Laços de Família* (2003), de Manoel Carlos. A personagem Camila precisava da doação de uma medula para tratar a leucemia. O drama do personagem e todo o merchandising social explicando o problema tiveram resultados fantásticos e apenas no Estado do Rio de Janeiro o aumento de doadores aumentou em mais de 400%.<sup>184</sup>

---

<sup>184</sup> [http://www.inca.gov.br/releases/2001/press\\_doacaomedula.html](http://www.inca.gov.br/releases/2001/press_doacaomedula.html)

## 7.2. O “assassinato” que parou o Rio de Janeiro

O dia 9 de agosto de 2003 ficou marcado na história da telenovela brasileira. O capítulo 150 da telenovela *Mulheres Apaixonadas* entrava na casa dos telespectadores e mostrava um tiroteio em um dos bairros com um dos maiores Índices de Desenvolvimento Humano do Brasil. A nota 0,944<sup>185</sup>, conseguida na última aferição em 2010 daria ao Leblon a primeira posição no ranking mundial nesse índice, acima da Noruega que obteve 0,938. O Brasil ficou em 73º com 0,699. A cena deu alta audiência com 49 pontos.

Violência urbana nas telenovelas não era exatamente algo comum como no cinema. A cena representada pelos atores Tony Ramos e Vanessa Gerbelli mudou isso tendo várias consequências posteriores mudando, inclusive, a maneira com que as telenovelas abordam o assunto.

Após *Mulheres Apaixonadas* (2003) mostrar um pouco do cotidiano de violência urbana no Rio de Janeiro as tramas passaram a mostrar coisas que não mostravam. Favelas começaram a ser cenários de alguns núcleos e, mais recentemente em *A Força do Querer* (2016), o problema do tráfico de drogas foi abordado.

As telenovelas de Manoel Carlos têm um imediatismo diferente em relação as outras. Para colocar toques do cotidiano, o autor envia os capítulos muito em cima da gravação ara que os personagens possam comentar cenas do dia a dia.

---

<sup>185</sup> [http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_udh/24888](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_udh/24888)

O ator Erik Marmo, que interpretou Cláudio em *Mulheres Apaixonadas* (2003), contou um pouco do jeito de Manoel Carlos fazer suas telenovelas em entrevista presencial<sup>186</sup> no dia 24 de junho de 2018:

“O Manoel Carlos tem a tendência de misturar o dia a dia com a novela. Em *Mulheres Apaixonadas* gravávamos quase ao vivo. Eu recebia minha cena a noite pra gravar de manhã. O último capítulo foi quase ao vivo. O primeiro bloco estava indo ao ar e o último estava na edição. Tinha um caminhão de transmissão em frente a edição da Globo, dentro do Projac. Você vê no noticiário que teve um tiroteio hoje e no capítulo seguinte aquilo era explorado com duas personagens falando: “Você viu o tiroteio que teve ontem na rua tal em Copacabana? Aí a identificação do telespectador é imediata”.

A cena do tiroteio em *Mulheres Apaixonadas* (2003) começou a ser gravada quatro dias antes com mais de mil pessoas envolvidas entre atores, dublês produtores e população que apareceu em grande número para assistir.

Figura 21: Público acompanha o tiroteio no Leblon<sup>187</sup>

---

<sup>186</sup> A entrevista completa está no anexo 4

<sup>187</sup> Fonte: Memória Globo

<http://memoriaglobo.globo.com/videos/idvideo/2849287.htm>



A jornalista Marcelle Carvalho, em entrevista por e-mail <sup>188</sup>no dia 11 de junho de 2018, contou que trabalhava no Jornal O Dia, na ocasião, e foi designada para cobrir a cena.

“Acompanhei tudo bem de perto e pude testemunhar a ansiedade das pessoas pelo momento do tiro. Ouvi muito as pessoas dizendo: 'Como vai ser, como vai ser isso aqui no Leblon?'. Mais de mil de pessoas se aglomeraram para ver o momento, realizado em plena rua Dias Ferreira, umas das ruas mais famosas do Leblon. E quando, finalmente, aconteceu, inacreditavelmente, houve um silêncio absoluto. A rua se calou. Parecia mesmo verdade. Ver Fernanda, papel de Vanessa Gerbelli, e Téo (Tony Ramos) baleados impressionou a todos”.

Figura 22: A personagem Fernanda é baleada no Leblon<sup>189</sup>

---

<sup>188</sup> A entrevista completa está no anexo 2

<sup>189</sup> Fonte: Memória Globo

<http://memoriaglobo.globo.com//programas/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/fotos-e-videos.htm>



No entanto, o excesso de pessoas assistindo a filmagem quase colocou tudo a perder. Um *flash*<sup>190</sup> de máquina fotográfica de alguém que assistia as filmagens apareceu na cena e ela teve que ser regravada no dia seguinte, porém, desta vez, com a rua fechada.

A expectativa era tamanha pela cena que a conceituada revista americana *Newsweek* fez uma matéria<sup>191</sup> sobre a telenovela e citou a cena do tiroteio que seria gravada.

“Os espectadores discutem muito o que vêem na novela – mesmo que por vezes o façam de modo irônico, distanciado ou distraído, como se a novela não fosse um assunto sério (...) discutem os personagens, comparam as situações e reações ao que eles próprios ou como vivem e atuam pessoas conhecidas”. (ALMEIDA, 2002:211)

---

<sup>190</sup> <https://televisao.uol.com.br/noticias/reuters/2003/08/05/gravacao-de-polemica-cena-de-mulheres-apaixonadas-atrai-mil-pessoas.htm>

<sup>191</sup> <https://www.newsweek.com/sex-and-sanctimony-139411>

Figura 23: Passeata pelo desarmamento com artistas, políticos e população na Praia de Copacabana<sup>192</sup>



A repercussão da cena foi forte e o tema da violência urbana não foi deixado de lado pelo autor Manoel Carlos. A Rede Globo conclamou para o dia 14 de setembro de 2003 uma passeata na Avenida Atlântica para a população se manifestar contra as armas. “Brasil sem arma” levou mais de 40 mil pessoas, incluindo os atores da telenovela que abraçaram a campanha. A ideia era pressionar os congressistas brasileiros a fim de aprovar o Estatuto do Desarmamento<sup>193</sup>.

---

<sup>192</sup> Fonte: Memória Globo/Gianne Carvalho

<http://memoriaglobo.globo.com//programas/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/fotos-e-videos.htm>

<sup>193</sup> [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2003/L10.826.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.826.htm)

No entanto, o início da discussão sobre o desarmamento se deu no início de 2003 quando no dia 25 de março a jovem Gabriela Prado Maia Ribeiro, de 14 anos, ficou no meio de um tiroteio no bairro da Tijuca, zona norte do Rio de Janeiro, quando dois bandidos trocaram tiros com um policial após assaltarem uma estação de metrô. Os pais da menina se mobilizaram para tentar melhorar a situação da segurança pública e conseguiram mais de 1,2 milhões de assinaturas a fim de mudar alguns itens do Código Penal Brasileiro.

A pressão da emissora, atores, autor e população ajudou e a lei foi assinada no dia 23 de dezembro de 2003 pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva.

Da morte da personagem Fernanda alguns capítulos depois ainda se tornou um novo tema para o autor Manoel Carlos: doação de órgãos.

### 7.3. Outros tipos de violência em *Mulheres Apaixonadas*

“Queria fazer um painel de mulheres apaixonadas, de uma maneira ou de outra, com seus problemas. Haveria uma apaixonada pelo filho, outra apaixonada pelo álcool, a apaixonada pelo homem que a espancava...havia, ainda, a vontade de desenvolver a trama de uma menina que maltratava os avós” (AUTORES:79)

Essa foi a ideia inicial de Manoel Carlos para *Mulheres Apaixonadas* (2003). A trama que tem protagonistas femininas, como é habitual nas telenovelas do autor, mostrava a forma de amar de diferentes tipos em diferentes idades. No entanto, o autor mostrou também a face violenta do Rio de Janeiro, cidade que é cartão-postal de todas suas telenovelas na Rede Globo.

Além do tiroteio que resultou na morte da personagem Fernanda, como visto anteriormente, outros tipos de violência tiveram grande impacto para os telespectadores. A

violência doméstica no núcleo formado pela professora Raquel e o instrutor de tênis Marcos, interpretados por Helena Ranaldi e Dan Stulbach, foi um tema que teve grande repercussão na sociedade. As denúncias em delegacias especializadas no combate a violência doméstica no Rio de Janeiro tiveram um aumento de até 40%<sup>194</sup> no período da telenovela.

“A violência doméstica é uma realidade muito comum no Brasil. As mulheres apanham muito de maridos, namorados, amantes, noivos, e eu achei que era preciso mostrar isso. Havia uma pressão em cima da personagem Raquel, porque a atitude dela começou a indignar o público, já que apanhava sem protestar. No entanto, não se tratava de um personagem de Nelson Rodrigues. Raquel não gostava de apanhar. Ela aceitava aquela situação na medida em que tinha medo de perder o homem por quem era apaixonada. Com o tempo, ela deixava de gostar dele, mas até então era escravizada, porque tinha medo. Havia, naquela relação, algo semelhante à relação entre um escravo e o feitor: um tem necessidade de bater, o outro, necessidade de apanhar.” (AUTORES p.81)

Figura 24: Agressão a personagem Raquel por seu marido<sup>195</sup>

---

<sup>194</sup> <http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/acoes-socioeducativas.htm>

<sup>195</sup> Fonte: Memória Globo

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/pedra-sobre-pedra/fotos-e-videos.htm>



A telenovela também abordou a violência contra os idosos no casal Leopoldo e Flora, interpretados por Oswaldo Loureiro e Carmen Silva, que eram maltratados pela neta Dóris. A atriz Regiane Alves, que interpretou a neta, contou em entrevistas que ao final de cada cena pedia desculpas aos atores por se sentir mal com o que seu personagem fazia, incluindo agressões verbais e físicas. O tema entrou na telenovela após uma viagem do autor Manoel Carlos a Nova Iorque.

“Morando em Nova Iorque eu via como os idosos eram bem tratados. Inclusive eu, com 70 anos. Nos Estados Unidos, a pessoa de cabelos brancos, digamos assim, que aparente mais de 60 anos, não fica em fila, por exemplo. Nos restaurantes, você é imediatamente conduzido a uma mesa. Você vai ao aeroporto, a recepcionista faz você embarcar em primeiro lugar. Todo mundo queria ir comigo à *Disney* porque eu nunca entrei em fila. (...) A abordagem desse tema acabou auxiliando na aprovação do Estatuto do Idoso no Senado Federal” (AUTORES:79)

Figura 25: Casal de idosos que é maltratado pela neta<sup>196</sup>

---

<sup>196</sup> Fonte: Memória Globo/Gianne Carvalho



A importância na telenovela *Mulheres Apaixonadas* (2003) na aprovação do Estatuto do Idoso é inegável<sup>197</sup>. O projeto de lei número 3.561 do então deputado federal Paulo Paim é de 1997 e ficou seis anos tramitando no Congresso Nacional brasileiro. A telenovela entrou no ar em fevereiro de 2003 e toda a pressão da sociedade por conta dos maus tratos mostrados na telenovela fizeram que sete meses depois, com a trama ainda em curso, a lei fosse aprovada e sancionada pelo presidente Luís Inácio Lula da Silva.

O autor Manoel Carlos, representado pelo ator Marcos Caruso que interpretava o filho do casal de idosos, e os atores Oswaldo Louzada e Carmen Silva receberam a medalha

---

<http://memoriaglobo.globo.com//programas/entretenimento/novelas/mulheres-apaixonadas/fotos-e-videos.htm>

<sup>197</sup> <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/asp0807200399.htm>

Tiradentes da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro por conta da trama de violência aos idosos<sup>198</sup>.

---

198

<http://alerjln1.alerj.rj.gov.br/taqalerj2006.nsf/5d50d39bd976391b83256536006a2502/b94fe5e85150d09b83256db3006c420d?OpenDocument>

## 8. Conclusão

Após a análise efectuada é possível concluir que a telenovela *Mulheres Apaixonadas* (2003) foi a precursora em mostrar a violência urbana não só do Rio de Janeiro, mas em nível nacional. Independentemente de outras telenovelas anteriores terem mostrado cenas de violência urbana, como o caso de *Laços de Família* (2000), do mesmo autor Manoel Carlos, ou *Pátria Minha* (1994) que começou a mostrar camadas mais pobres da população e seu lugar de viver, ambas fizeram isso de forma pontual.

Com a expansão das temáticas, a telenovela tende a se colocar ainda mais como fundamental na cultura brasileira abordando temas cada vez mais fracturantes, mas que devem ser debatidos pela sociedade. Como diz o título de Lopes (2009), a telenovela é uma narrativa sobre a Nação e seus desejos, sofrimentos, preconceitos e aflições.

“(...)capacidade sui generis de sintetizar o público e o privado, o político e o doméstico, a notícia e a ficção, o masculino e o feminino (...) inscrita na narrativa das novelas que combina convenções formais do documentário e do melodrama televisivo. É isso o que [...] tipifica a telenovela brasileira e que cria o quase paradoxo de se ver o Brasil mais nessa narrativa ficcional do que no telejornal” (LOPES, 2009: 25).

*Mulheres Apaixonadas* (2003) provocou um debate que se via nos telejornais da Rede Globo. Além do tiroteio na parte mais nobre a cidade, ainda fez a ficção se misturar com a vida real em uma passeata pelo desarmamento e fim da violência. Passeata esta que contou com os pais da menina Gabriela, que poucos meses antes fora vítima de uma bala perdida no bairro da Tijuca.

A partir de sua exibição e com ajuda do sucesso da violência urbana nos cinemas com filmes como *Cidade de Deus*, *Carandiru* e *Tropa de Elite 1* e *Tropa de Elite 2*, é bom recordar, a violência urbana passou a ser abordada. E o auge dessa violência nas televisões

se dá, até o momento desse trabalho, na telenovela *A Força do Querer* (2016) que mostra a realidade do Rio de Janeiro, que meses depois seria palco de uma Intervenção Federal na área da segurança, ou seja, o governo estadual admite sua incompetência para tratar do assunto e passa a responsabilidade para o governo federal que usa da sua força, em grande parte o exército, para tentar solucionar o problema.

Prysthon (2008) nos mostra que não necessariamente a cidade-cenário precisa se mostrar exatamente como é, já que muitas vezes estas foram apenas estereótipos de uma idealização urbana. Porém, cada vez mais o imediatismo toma conta da vida das pessoas e, possivelmente, os assuntos que estão em pauta na sociedade irão ser vistos nas telenovelas. *A Força do Querer* (2017) é um exemplo que aborda não somente o problema da violência urbana quanto da força do tráfico de drogas, problemas que precisam ser debatidos pela sociedade, sendo neste caso, o Rio de Janeiro apenas um símbolo de um problema que afeta todo o país. O mesmo aconteceu em *Mulheres Apaixonadas* (2003) quando o bairro com o maior poder aquisitivo foi o símbolo de que toda a sociedade brasileira está ligada ao problema da violência urbana, não só no Rio de Janeiro como em todo o Brasil.

Ainda em *A Força do Querer* (2016), de Gloria Perez, tem uma curiosidade que a autora tem poucos relatos de violência em sua obra biográfica de telenovelas. Curiosamente o mesmo acontece com Manoel Carlos, com telenovelas cotidianas, conhecidas popularmente por água com açúcar.

Embora seja possível afirmar que as telenovelas têm força internacional suficiente para que a realidade brasileira seja vista, já que atingem mais de uma centena de países, a telenovela, sozinha, aumenta o arranhão na imagem da imagem do Rio de Janeiro – e das cidade-cenário – quando ao assunto é violência. Porém, não seria justo afirmar que ela é a única responsável por isso, visto que as notícias em tempos e internet estão à disposição de todos o tempo todo.

Além disso, a imagem da violência urbana que chega para as televisões estrangeiras também tem um peso grande em um mundo globalizado onde é possível saber notícias e fazer a imagem de quase todos os países por conta de informações que podem ser lidas a qualquer momento e em qualquer língua com os mecanismos de tradução. Lopes (2003) explica que a exportação da telenovela responde ao movimento de ativação e reconhecimento do que é especificamente latino-americano num gênero televisivo que começa a exportar sucessos nacionais.

A consequência natural dessa exportação é um conhecimento maior sobre a cultura dos produtores de telenovelas, suas temáticas e, também, as mazelas dos países latino-americanos, entre elas a violência urbana.

As telenovelas são um retrato da sociedade brasileira e ao fazer que o espectador assista todos os dias alguns dos problemas que se vive, quase como uma extensão do noticiário, a tendência é que se discuta mais os problemas e que soluções sejam exigidas aos governantes. Com o aumento das temáticas das telenovelas, a sociedade avança para o futuro e pode aumentar o debate, o conhecimento das pessoas, ainda mais com as redes sociais difundindo informações. Assim, melhorando o país em um longo prazo e consequentemente a imagem dele, não somente do Rio de Janeiro, como foi estudado, mas em todo o país.

Poucas coisas entendem o brasileiro tão bem quanto as telenovelas. A televisão e suas produções são o lugar de debate de diversos temas desde o racismo até homofobia. E as telenovelas no Brasil não são só o presente, mas também o futuro, pois atingem a todos os segmentos sociais e pautam diariamente a sociedade. Com o avanço da tecnologia, poderá fazer ainda mais.

A violência urbana inserida nas telenovelas das 20 horas, quase como uma continuação do telejornal, é uma tendência que dificilmente irá se modificar nos próximos anos. As temáticas serão ainda mais variadas e dentro da sociedade brasileira e, possivelmente, mundial, já que cada vez mais as telenovelas brasileiras são produtos para exportação. Um exemplo disso é *Segundo Sol* (2018) cuja sinopse<sup>199</sup> foi inspirada no cantor americano Michael Jackson, que aumentou suas receitas após sua morte. Outro exemplo foi a telenovela das 19 horas, *Deus Salve o Rei* (2017), inspirada na série de sucesso mundial *Game of Thrones*.

Outra tendência é a chegada de novos autores ao horário das 21 horas. Os principais como Benedito Ruy Barbosa e Manoel Carlos (que já anunciou sua aposentadoria das telenovelas) já passaram dos oitenta anos. Aguinaldo Silva, Gilberto Braga, Maria Adelaide Amaral, Silvio de Abreu e Glória Perez já estão na casa dos 70 anos. Esses foram responsáveis por 28 das últimas 36 produções. Desde a década de 1990, apenas entraram nesse grupo Dias Gomes (que faleceu em 1999), Cassiano Gabus Mendes (falecido em 1993), João Emanuel Carneiro e Walcyr Carrasco, esses últimos mais novos que os demais citados. A idade é um fator que fará a Rede Globo mexer na grade de autores e consequentemente novos autores com outras temáticas e novas histórias aparecerão no principal horário das telenovelas.

---

<sup>199</sup> <https://www.otvfoco.com.br/morte-de-michael-jackson-foi-inspiracao-para-segundo-sol-revela-autor/>

## 9. Bibliografia

ABREU, Maurício de A. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: IPLANRIO, 1997.

ALENCAR, Mauro. A Hollywood brasileira: panorama da telenovela no Brasil - Rio de Janeiro, Senac, 2002

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. Telenovela, consumo e gênero: “muitas coisas mais”. Bauru, SP: EDUSC, 2003

AMADO, Guilherme. “Novelas Censuradas”. Jornal Extra. Rio de Janeiro, 30 de março de 2014. Disponível em <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/novelas-censuradas-militares-pregavam-os-bons-costumes-na-teledramaturgia-12020967.html>. Acesso em: 14 de julho de 2018

AUTORES. História da Teledramaturgia (livro 1). Projeto Memória Globo. São Paulo: Globo, 2008.

AUTORES. História da Teledramaturgia (livro 2). Projeto Memória Globo. São Paulo: Globo, 2008.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BORELLI, Silvia Helena Simões. Telenovelas brasileiras: balanços e perspectivas, São Paulo em Perspectiva, 2001 <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a05v15n3.pdf>. Acesso em 12 de junho de 2018

BRASIL. Presidência da República. Secretaria Especial de Comunicação Social. Pesquisa brasileira de mídia 2016 : hábitos de consumo de mídia pela população brasileira. – Brasília : Secom, 2016. Acesso em 17 de agosto de 2018

CANATTA, Fábio. TV e segunda tela: uma análise do horário nobre no Twitter. Porto Alegre, 2014 - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

CASTELLÓ, Enrique. La manifestación de la violencia en televisión: la crisis del texto publicitario. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación. Número 3 (2003), Murcia

CAVALCANTI, Nireu - O Rio de Janeiro setecentista: a vida e a construção da cidade da invasão francesa até a chegada da Corte - Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004

WILSON apud COBRA. In Marketing Básico: uma perspectiva brasileira. São Paulo:Atlas.1984. p.681.

COMUNICARTE MARKETING CULTURAL E SOCIAL. Glossário social. Rio de Janeiro: Comunicarte, 2004

COSTA, Marcia Regina. A violência urbana é particularidade da sociedade brasileira? São Paulo Perspec. vol.13 no.4 São Paulo Oct./Dec. 1999

[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400002&script=sci\\_arttext&tlng=es](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-88391999000400002&script=sci_arttext&tlng=es) Acesso em 13 de maio de 2018

DE ANDRADE, Roberta Manuela Barros. O fascínio de Scherazade: os usos sociais da telenovela. Annablume, 2003.

DINIZ, José Alencar. A recriação dos gêneros eletrônicos analógico-digitais: radionovela, telenovela e webnovela. www.tede.pucrs.br Porto Alegre, 2009.

FERNANDES, Ismael. Telenovela brasileira. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987

FILHO, Daniel. O circo eletrônico: fazendo tv no Brasil. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2001

FORTIN, M. (1999). O Processo de Investigação – Da concepção à realização. Loures: Lusociência

HAMBURGER, Esther. O Brasil Antenado: A sociedade da novela. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005

HORTA, S. Memória da destruição do Rio – uma história que se perdeu. Rio de Janeiro: Arquivo da Cidade, 2002. Disponível em:  
«[http://www..rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/memoria\\_da\\_destruicao.pdf](http://www..rio.rj.gov.br/arquivo/anexo/memoria_da_destruicao.pdf) » Acesso em 9 de junho de 2018

JENKINS, Henry. Cultura da Convergência. 2.ed. São Paulo: Aeph, 2009.

KEHL, Maria Rita. Três Ensaios sobre a Telenovela. In: SIMOES, Inimá Ferreira et al. Um País no Ar: a história da televisão brasileira em três canais. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 277-321.

LAGE, Beatriz Helena Gelas. Teoria da Comunicação: paradigmas básicos. Comunicação, Marketing e Cultura. São Paulo: ECA/USP, 1999.

LAZZAROTTO et al., Comunicação e controle social. Petrópolis, RJ: Vozes Ltda, 1991;

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Telenovela como recurso comunicativo.  
<http://www.redalyc.org/html/1430/143012785002/> Acesso em 12 de março de 2018

LOPES, Maria Immacolata Vassallo. Telenovela Brasileira: uma narrativa sobre a nação. São Paulo: Comunicação & Educação, 26, ano IX, ECA USP, 2003.  
<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37469/40183> Acesso em 11 de fevereiro de 2018

LOPES, Maria Immacolata Vassallo, BORELLI, Silvia Helena Simões, RESENDE, Vera da Rocha. Vivendo com a Telenovela: mediação, recepção, teleficcionalidade. - São Paulo, Summus 2002.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo Narrativas Televisivas e Identidade Nacional : O Caso da Telenovela Brasileira. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002 Acesso em 5 de fevereiro de 2018

LOPES, Maria Imacolatta Vassallo; OROZCO, Guilherme. A ficção televisiva em países ibero-americanos: narrativas, formatos e publicidade: São Paulo: Globo, 2009

MOTTER, Maria Lourdes. Telenovela: a arte do cotidiano. Comunicação & Educação, São Paulo: 89 a 102, set./dez. 1998

<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36828/39550>

Acesso em 5 de abril de 2018

ORICCHIO, Luiz Zanin. Cinema de Novo. Um balanço crítico da retomada. São Paulo, Liberdade, 2003

PRADO, Rosane Manhaes. "Mulher de novela e mulher de verdade: estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela." Mulher de novela e mulher de verdade: estudo sobre cidade pequena, mulher e telenovela (1987)".

PRYSTHON, Angela. Cidades visíveis: fragmentos da vida urbana brasileira em cinema e TV contemporâneos. Comunicação, mídia e consumo. São Paulo: volume 4, n.10,jul.2007, p.11-22 <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/96/97>

Acesso em 24 de julho de 2018

QUIVY, R. e CAMPENHOUDT, L.V. (1995). Manual de Investigação em Ciências Sociais. Lisboa: Gradiva

ROCHA, O. P. A era das demolições: cidade do Rio de Janeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995. Disponível em: <

<http://www0.rio.rj.gov.br/arquivo/>

anexo /era\_demolicoes\_habitacoes\_populares.pdf >.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Cinema e (cultura da) violência nossa de cada dia. Estudos Socine, São Paulo, Ano V, p. 215-222, out. 2003.

SCHIAVO, Márcio. Merchandising Social: uma estratégia de sócio-educação para grandes audiências. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho. Tese de Livre Docência. 1995. p.78.

SOARES, L. E. Meu casaco de general: 500 dias no front da segurança pública no Rio de Janeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TÁVOLA, Arthur da: História, Análise e Conteúdo - São Paulo: Globo, 1996

TORRES, Eduardo Cintra. Telenovela, Indústria & Cultura. Lisboa. Fundação Francisco Manuel dos Santos, 2005

VILELAS, J. Investigação – O Processo de Construção do Conhecimento. Lisboa: Edições Sílabo, 2009

## 10. Anexos

### 10.1. Anexos 1

Entrevista com Carla Bittencourt, jornalista e colunista do Jornal Extra que cobriu a telenovela *Mulheres Apaixonadas*

**O autor Manoel Carlos é conhecido por “romancear” o bairro que vive. Por que você acredita que ele escolheu mostrar a cena do tiroteio de *Mulheres Apaixonadas* no Leblon, um dos maiores PIBs do Rio de Janeiro em detrimento a outro bairro?**

Acredito que seja porque é o bairro que ele mora, que ele conhece e porque morar lá é o sonho de consumo de muita gente. As pessoas não querem ver a Praça Seca! As pessoas gostam de ver o Leblon, onde tem um dos metros quadrados mais altos do mundo!

***Mulheres Apaixonadas* abordou ainda vários outros tipos de violência como agressão a mulher, a idosos... como que a aparição nesses assuntos ajuda a sociedade?**

A sociedade acaba discutindo os assuntos que estão sendo mostrados na TV. E quanto mais se discute sobre determinado assunto, mais se aprende. Muita gente não tem ideia de que algo acontece até ver numa novela. E aí quando a novela aborda a violência dos idosos, isso vira pauta no país inteiro. Os jornais, revistas e sites falam sobre isso, os programas "femininos", os Fantásticos da vida.

**Você acredita que *Mulheres Apaixonadas* é um divisor de águas na questão de retratar a violência urbana em telenovelas?**

Acredito que sim. Não lembro de outra novela ter retratado a violência urbana da mesma forma que em "*Mulheres apaixonadas*". Uma coisa é retratar a violência na periferia, na favela. Há 15 anos, o Maneco ousou em mostrar um assassinato por bala perdida em pleno Leblon. A Fernanda era uma personagem envolvida com a classe média alta, o Téo também. Ainda não acontecia diariamente - como acontece hoje. Isso era mais comum no

subúrbio. Ele foi corajoso e a novela acabou sendo um marco quando se fala em violência urbana na teledramaturgia.

**Você acha que a violência urbana em telenovelas, especialmente no Rio de Janeiro, mostrada a partir de *Mulheres Apaixonadas* mudou a imagem da cidade perante o mundo?**

Não sei... A violência no Rio está estampada nos telejornais, jornais e revistas do mundo inteiro. Não é uma novidade. Acredito que o alcance de uma novela no mundo seja menor que uma reportagem. Ou estou falando besteira? Não sei se alguma empresa deixa de investir aqui ou se alguém deixa de vir ao Rio por causa da violência mostrada numa novela. Pergunta muito difícil essa!

**A violência fascina o espectador?**

Acredito que sim. Só isso explica a quantidade de compartilhamento de imagens de assassinatos, mortes, sangue, etc. As pessoas passam com o carro devagarzinho quando vêem um acidente nas ruas. Então, acredito que haja, sim, um fascínio pela violência. Ou seria apenas curiosidade mórbida? Acho também que a superprodução da Globo ajuda nesse fascínio - quando o assunto é novela. É tudo tão perfeito que acaba hipnotizando o espectador.

## 10.2. Anexo 2

Entrevista com Marcelle Carvalho, jornalista do Jornal Extra e que cobriu Mulheres Apaixonadas pelo Jornal O Dia

### **Você ficou cinco dias no Leblon na gravação do tiroteio em *Mulheres Apaixonadas*. O que lembra sobre esse dia? Qual a reação das pessoas?**

Foi uma loucura! (risos). Acompanhei tudo bem de perto e pude testemunhar a ansiedade das pessoas pelo momento do tiro. Ouvi muito as pessoas dizendo: 'Como vai ser, como vai ser isso aqui no Leblon?'. Mais de mil de pessoas se aglomeraram para ver o momento, realizado em plena Dias Ferreira, umas das ruas mais famosas do Leblon. E quando, finalmente, aconteceu, inacreditavelmente, houve um silêncio ensurdecedor. A rua se calou. Parecia mesmo verdade. Ver Fernanda, papel de Vanessa Gerbelli, e Teo (Tony Ramos) baleados impressionou a todos. Tanto que o 'Fantástico' fez uma matéria especial sobre os bastidores da cena.

### **Por que esse evento parou o Leblon?**

Por que até aquele momento bala perdida, tiroteio não era realidade do bairro. Sempre houve em outras partes da cidade, na Zona Norte, Baixada... mas nunca na 'menina dos olhos' da Zona Sul. É alto o poder aquisitivo dos moradores, inclusive, o próprio autor da trama, Manoel Carlos, mora lá. Houve um zumzumzum danado, saiu nota nos jornais dizendo que os moradores estavam contra essa gravação no bairro. Outros diziam que o valor dos imóveis iria cair, porque poderiam pensar que o Leblon era inseguro. A verdade é que a vontade do novelista foi feita, a emissora bancou e a gravação foi realizada.

### **Por que você acredita que as telenovelas demoraram tanto a falar sobre a violência urbana que acontece principalmente nas grandes capitais brasileiras?**

Na verdade, não acho que as telenovelas demoraram para falar da violência urbana. Acho que nesse caso específico a repercussão foi maior por se tratar do bairro de pessoas ricas, que, de certa forma, a violência parecia correr ao largo. Maneco também criou um bafafá em 'Páginas da vida', quando no primeiro capítulo mostrou um arrastão. Houve muita gente contra, comentários negativos, justamente por acontecer novamente no bairro onde há três anos, ocorreu morte por bala perdida em outra novela dele.

**Você acredita que *Mulheres Apaixonadas* é um divisor de águas na questão de retratar a violência urbana em telenovelas?**

Acho que é um divisor ao colocar a violência em um bairro de 'gente bacana'. Uma realidade tão conhecida dos menos favorecidos estava, em horário nobre, em um local onde as pessoas só assistiam a isso pela TV. Maneco teve peito para não se dobrar à pressão. E a cena está entre as mais marcantes da teledramaturgia brasileira.

**Você acha que a violência urbana em telenovelas, especialmente no Rio de Janeiro, mostrada a partir de *Mulheres Apaixonadas* mudou a imagem da cidade no mundo?**

Eu espero que sim. Venho percebendo há algum tempo que caiu a ficha das pessoas sobre o Rio não ser mais a Cidade Maravilhosa. O que era muito mostrado nas novelas. Até 'Mulheres apaixonadas' falava-se 'Ah... o Leblon do Maneco', referindo-se ao fato de que ele escrevia um bairro cor-de-rosa. Até a bala perdida, o arrastão... Mas ainda acho que tem muita coisa a ser mudada. Ainda há a impressão de que Rio é só o pedaço de areia que compreende Ipanema e Leblon. Porém, através das novelas, que primam por maior realidade do nosso dia a dia, o Rio não é mais vendido como a cidade dos sonhos. Há mazelas também. E elas estão bem perto de todos nós.

### 10.3. Anexo 3

Entrevista com o jornalista e colunista do Jornal Extra, Leonardo Ferreira, que cobriu Mulheres Apaixonadas

**Você acredita que Mulheres Apaixonadas é um divisor de águas na questão de retratar a violência urbana em telenovelas?**

Tem um detalhe interessante. Na novela anterior do Manoel Carlos, "Laços de família", ele já tinha mostrado (e chocado a audiência) com uma cena de um sequestro com refém num posto de gasolina na Lagoa, levando a morte da personagem da Lilia Cabral. Lembro que, na época, o autor chegou a dizer que a sequência tinha uma inspiração no sequestro do ônibus 174, acontecido pouco tempo antes. Então, acho que Manoel Carlos vinha querendo mostrar que o Rio de suas novelas não era aquela paz toda que as paisagens do Leblon mostravam. Então, não tenho certeza em afirmar que Mulheres Apaixonadas tenha sido um divisor de águas nesse sentido. Mas, claro, sem diminuir o impacto que foi a cena da bala perdida em plena Dias Ferreira. Nesse sentido, Maneco já tinha cutucado numa ferida em sua novela anterior.

**Você acha que a violência urbana em telenovelas, especialmente no Rio de Janeiro, mostrada a partir de Mulheres Apaixonadas mudou a imagem da cidade perante o mundo?**

É engraçado que, quando um turista vem ao Rio, em especial turistas brasileiros, ele posa com a paisagem carioca ao fundo e é comum vê-lo citar as novelas do Maneco, como se ele tivesse virado um personagem da trama do autor. Entende? Sendo assim, por mais que Maneco tenha retratado essa parte "feia" da cidade, suas novelas não ficaram marcadas por isso. São lembradas, no geral, por um belo retrato da Zona Sul carioca. Não acredito que suas novelas tenham tido esse poder lá fora, de mudar a imagem do Brasil, já construída pela própria realidade, leia-se noticiários.

**Um ano antes, Cidade de Deus fez sucesso no cinema. Você acredita que este sucesso ajudou na hora da telenovela finalmente falar sobre a violência urbana carioca?**

Talvez a novela tenha seguido uma tendência. No cinema, virou quase um gênero: o filme de favela. Até, anos depois, ficar saturado como ficou nas novelas, nos exemplos (Babilônia etc) que citei acima. Mas acredito, sim, que algumas novelas, depois do filme do Fernando Meirelles, seguiram uma tendência mais realista, menos fantasiosa.

#### 10.4. Anexo 4

Entrevista com o ator Erik Marmo, que interpretou Claudio em *Mulheres Apaixonadas*

##### **O que você lembra da gravação do tiroteio em *Mulheres Apaixonadas*?**

Lembro pouca coisa porque não era meu núcleo. Lembro de uma passeata que fizemos contra a violência, mas não existia um direcionamento da direção da emissora. Era o elenco junto, vestindo a camisa pela causa. Nós estávamos misturados com a população e tinha um grupo que ia gravando.

##### **Você acha que às telenovelas têm influência na imagem das cidades-cenário mundo à fora?**

As novelas são vendidas pro mundo inteiro. Tem gente que vive, por exemplo, no Piauí que nunca vai visitar o Rio. Vai passar a vida onde nasceu. O país é muito grande. Então acho que existe uma influência muito grande, pelo menos no imaginário, de como acham que é o Rio. Nas pessoas que moram no exterior também porque cria uma dinâmica da pessoa imaginar como é. No caso específico a violência também, porque aquilo está entremeadado no cotidiano das pessoas. Nós que moramos aqui somos acostumados a acompanhar os jornais e telejornais e sabemos a realidade de onde vivemos. No resto do país, bala perdida, violência contra a criança., mas quem mora fora não tem tanto acesso e as telenovelas. Como as novelas são vendidas para mais de 100 países acaba retratando a maneira que se vive no Brasil

##### **Quem escolhe às temáticas?**

São escolhas individuais. A decisão é de quem faz a novela. Parte dos autores. O Manoel Carlos tem a tendência de misturar o dia a dia com a novela. em ma gravamos quase ao vivo. recebia minha cena a noite pra gravar de manhã. O último capítulo foi quase ao vivo. O primeiro bloco estava indo ao ar e o último estava na edição. O caminhão de transmissão estava em frente a edição da Globo, dentro do Projac. Você vê no noticiário que hoje teve

um tiroteio e no capítulo seguinte aquilo era explorado. Por exemplo, tinham duas personagens falando: “Você viu o tiroteio que teve ontem na rua tal em Copacabana? Aí a identificação do telespectador é imediata. eh um formato..

**Você acha que às telenovelas têm a função de retratar a realidade?**

De um modo geral, como função social, os jornais de TV e impressos têm a função de informar, a ficção não. Pode seguir o caminho que quiser. Aí são escolhas dos diretores.

**Como você sabe se tal tema está funcionando?**

Você vê funcionar, as pesquisas são famosas. pegam 30 pessoas e veem as opiniões. No fundo, a novela precisa vender, de audiência. Precisa ter retorno.

## 10.5. Anexo 5

Entrevista com o historiador Raul Melo Neto formado pela Universidade Gama Filho

**Em 2003, a novela *Mulheres Apaixonadas* mostrou a cena de um tiroteio no meio do Leblon, bairro mais rico do Rio. A violência mostrada nas telenovelas (como também em *Força do Querer* onde um dos personagens se torna traficante por não ter grandes oportunidades) macula a imagem do Rio de Janeiro de alguma forma?**

As novelas retratam cada vez mais a realidade do Rio. Desta forma cada cena mostrando as mazelas e violência da cidade q é mostrada em outros estados e no mundo macula sim a imagem pois apresenta problemas reais do dia a dia.

**Qual a percepção que os estrangeiros têm, de um modo geral, da cidade?**

Um dos locais mais belos que já visitaram. Com ótima energia, divertida, com povo caloroso mas que convive com um realidade violenta. Além disso a corrupção tb está cada vez mais ligada a imagem do BR como um todo. A pergunta que mais e ouve é " É seguro? " " E Lula é realmente corrupto?" " E as olimpiadas ? vc apoiou?" . No fundo toda a percepção de mudança positiva do Brasil foi por água abaixo com os problemas posteriores.

**As violências do cotidiano em telenovelas aumentam a violência na cidade ou pelo menos a sensação de violência na sua opinião?**

A violência das novelas retrata uma realidade até mais tranquila do que o mundo real. Ela mostra o dia a dia das ruas, os problemas, as personalidades, a sociedade mais individualista e a evolução da própria sociedade. Tudo é representado de acordo com o que assistimos no dia a dia.

**Historicamente, em que ponto o senhor identifica como marco da origem da violência no Rio de Janeiro?**

No final dos anos 70 com o aumento das facções criminosas a nível estadual e a contravenção e a partir dos anos 80 com o crescente aumento da péssima distribuição de renda e a falta de continuidade de políticas educacionais e governos assistencialistas.

**Você acredita que uma telenovela, que é vendida para centenas de países, tenha influência na imagem de uma cidade perante o mundo?**

com certeza. É um produto que exporta a cultura, nosso modo de vida., nosso mundo. Se tudo isso está atrelado a problemas de segurança a nossa imagem como nação também fica arranhada.